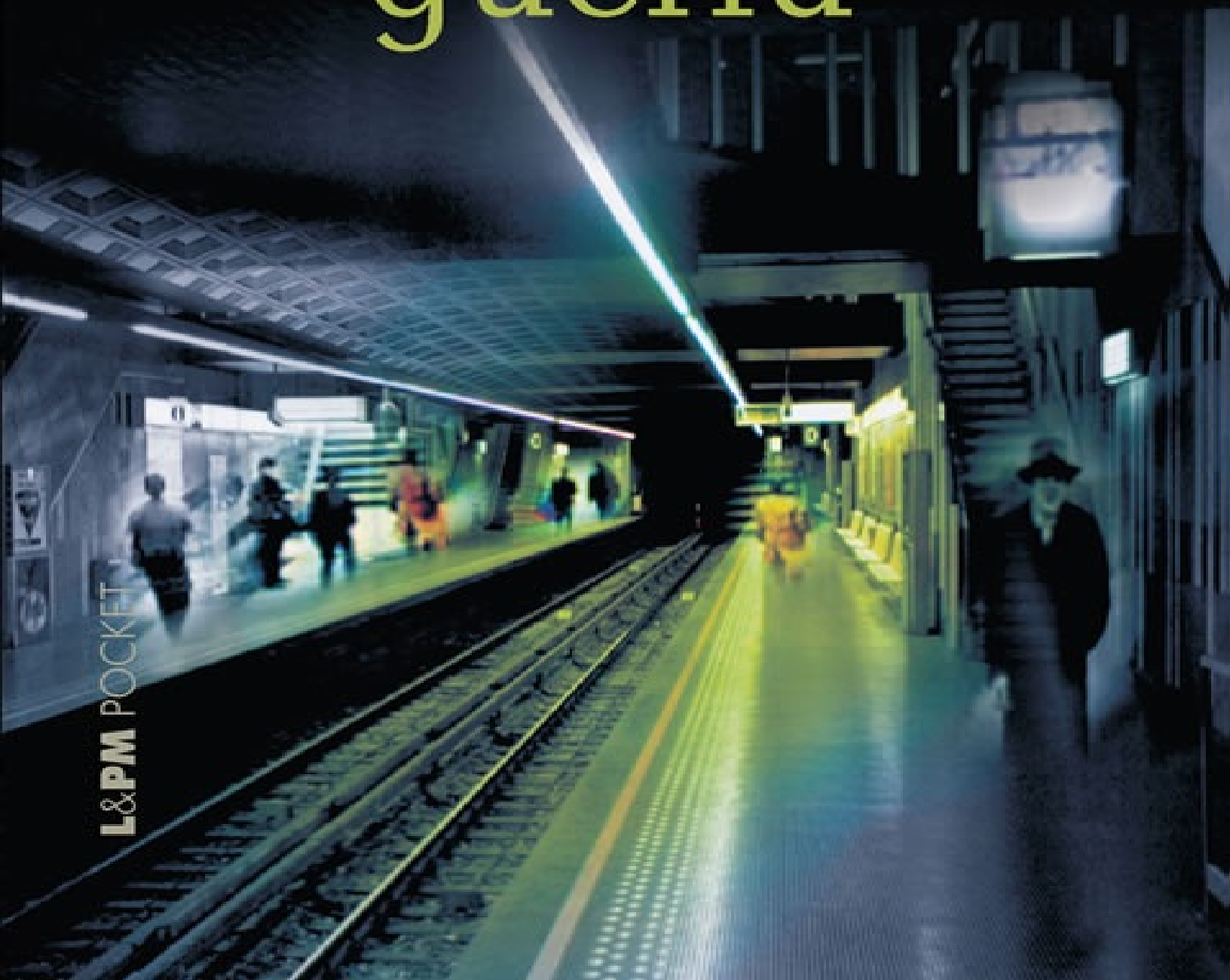


Eduardo
Galeano

Dias e noites de amor e de guerra

L&PM POCKET





Eduardo
Galeano

Dias e noites de amor e de guerra

Tradução de ERIC NEPOMUCENO

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Tudo o que aqui é contado aconteceu. O autor escreve tal como a memória guardou. Alguns nomes, poucos, foram mudados.

Calella de la Costa,
agosto de 1977.

***Este livro é dedicado
a Helena Villagra***

“Na história, como na natureza, a podridão é o laboratório da vida.”

Karl Marx

O vento na cara do peregrino

Edda Armas me falou, em Caracas, do bisavô. Era pouco o que ela sabia, porque a estória começava quando ele andava pelos setenta anos e vivia em uma aldeia nos confins da comarca de Clarines. Além de velho, pobre e mambembe, o bisavô era cego. E se casou, não se sabe como, com uma menina de dezesseis.

Volta e meia, escapava. Ela, não: ele. Escapava e ia para a estrada. Agachava entre as árvores e esperava um ruído de cascos ou de rodas. E então saía do mato e pedia que o levassem a qualquer lugar.

Assim o imaginava, agora, a bisneta: no lombo de uma mula, morrendo de rir pelos caminhos, ou sentado atrás de uma carroça, envolvido por nuvens de pó e agitando, feliz, suas pernas de passarinho.

Fecho os olhos e estou no meio do mar

Perdi várias coisas em Buenos Aires. Pela pressa ou por azar, ninguém sabe onde foram parar. Saí com um pouco de roupa e um punhado de papéis.

Não me queixo. Com tantas pessoas perdidas, chorar pelas coisas seria desrespeitar a dor.

Vida cigana. As coisas me acompanham e vão embora. São minhas de noite, perco-as de dia. Não estou preso às coisas; elas não decidem nada.

Quando me separei de Graziela deixei a casa de Montevideú intacta. Ficaram os caracóis de Cuba e as espadas da China, os tapetes da Guatemala, os discos e os livros e tudo. Levar alguma coisa teria sido um roubo. Tudo isso era dela, tempo compartilhado, tempo que agradeço; e me larguei no caminho, rumo ao não sabido, limpo e sem carga.

A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.

Febre de meus adentros: as cidades e as gentes, soltas da memória, navegam para mim: terra onde nasci, filhos que fiz, homens e mulheres que me aumentaram a alma.

Buenos Aires, maio de 1975: O petróleo é um tema fatal

1

Ontem apareceu morto, perto de Ezeiza, um jornalista de *La Opinión*. Se chamava Jorge Money. Tinha os dedos queimados e as unhas arrancadas.

Na redação da revista, Villar Araújo me pergunta mastigando o cachimbo:

– E nós, quando chegará a nossa vez?

Acabamos rindo.

Na edição de *Crisis* que está na rua publicamos a última parte do trabalho de Villar sobre o petróleo na Argentina. O artigo denuncia o estatuto colonial dos contratos de petróleo vigentes no país e conta a história do negócio com toda sua tradição de infâmia e crime.

Quando há petróleo no assunto, escreve Villar, as mortes acidentais não existem. Em outubro de 1962, numa casa de Bella Vista, Tibor Berény levou três tiros, de ângulos diferentes e em diferentes partes do corpo. Segundo o laudo oficial, foi suicídio. Acontece que Berény não era contorsionista: era um alto assessor da Shell. E, ao que parece, era também uma espécie de agente duplo ou triplo, trabalhando para as companhias norte-americanas. Mais recente, de fevereiro deste ano, é o cadáver de Adolfo Cavalli. Cavalli, que tinha sido dirigente sindical dos trabalhadores de petróleo, caíra em desgraça. Perder o poder ajudara sua cabeça. Ultimamente, predicava a nacionalização integral do petróleo. Tinha, acima de tudo, bastante influência na área militar. Quando foi costurado a tiros em Villa Soldati, levava nas mãos uma pasta. A pasta desapareceu. Os jornais informaram que estava cheia de dinheiro. O roubo foi, assim, a causa do crime.

Villar vinculava estes casos argentinos a outros assassinatos internacionais com cheiro de petróleo. E advertia em seu artigo: “Se você, leitor, souber que depois de escrever estas linhas fui atropelado por um ônibus, pense com maldade – e acertará”.

2

Novidades. Villar me espera em meu escritório, muito assustado. Alguém telefonou para ele e com voz nervosa disse que a pasta de Cavalli não tinha dinheiro, tinha documentos:

– Ninguém sabe que documentos eram. Só eu sei. E sei porque fui eu quem deu os documentos a ele. Tenho medo. E quero que o senhor também saiba, Villar. A pasta tinha... e nesse momento, clic, caiu a ligação.

3

Ontem Villar Araújo não dormiu em casa.

4

Revolvemos céu e terra. Os jornalistas anunciam greve. Os jornais do interior não apareceram hoje. O ministro prometeu cuidar pessoalmente do caso. A polícia diz que não tem nenhuma informação. Na revista recebemos telefonemas anônimos contraditórios.

5

Villar Araújo apareceu ontem à noite, vivo, em uma estrada deserta perto de Ezeiza. Foi abandonado com outras quatro pessoas.

Passou dois dias sem comer ou beber e com um capuz cobrindo a cabeça. Foi interrogado, entre outras coisas, sobre as fontes de informação de seus artigos. Desses homens, ele só viu os sapatos.

A polícia federal divulga um comunicado. Diz que Villar Araújo foi preso por engano.

Há dez anos eu assisti ao ensaio geral desta obra

1

Quantos homens serão arrancados de suas casas, esta noite, e jogados nos terrenos baldios com uns tantos furos nas costas?

Quantos serão mutilados, arrebatados, queimados?

O terror sai das sombras, atua e volta à escuridão. Os olhos avermelhados na cara de uma mulher, uma cadeira vazia, uma porta despedaçada, alguém que não regressará: Guatemala 1967, Argentina 1977.

Aquele fora oficialmente declarado “o ano da paz” na Guatemala. Mas já não se pescava na zona de Gualán, porque as redes traziam corpos humanos. Hoje a maré devolve pedaços de homens às margens do rio da Prata. Há dez anos, os cadáveres apareciam nas águas do rio Motagua ou eram descobertos, ao amanhecer, nos barrancos ou na beira dos caminhos: esses rostos sem traços não seriam identificados jamais. Às ameaças se sucediam os sequestros, os atentados, as torturas, os assassinatos. A NOA (Nova Organização Anticomunista), que proclamava operar “junto ao glorioso exército da Guatemala”, arrancava a língua e cortava a mão esquerda de seus inimigos. A MANO (Movimento Anticomunista Nacionalista Organizado), que funcionava na órbita da polícia, marcava com cruces negras as portas dos condenados.

No fundo do lago San Roque, em Córdoba, aparecem agora corpos submergidos com pedras, como encontraram os camponeses guatemaltecos, nas vizinhanças do vulcão Pacaya, um cemitério clandestino cheio de ossos e corpos em decomposição.

2

Nas câmaras de tormento, os torturadores almoçam na frente de suas vítimas. As crianças são interrogadas sobre o paradeiro de seus pais; os pais, pendurados e eletrocutados para que digam onde estão seus filhos. Noticiário de cada dia: “Indivíduos vestidos de civil com os rostos cobertos por máscaras negras... Chegaram em quatro automóveis Ford Falcon... Todos estavam

fortemente armados, com pistolas, metralhadoras e carabinas... Os primeiros policiais chegaram uma hora depois da matança”. Os presos, arrancados das prisões, morrem na lei de fuga ou em batalhas onde não há feridos nem baixas do lado do exército. Humor negro de Buenos Aires: “Os argentinos”, dizem, “estamos divididos em enterrados e desterrados”. A pena de morte foi incorporada ao Código Penal em meados de 1976; mas no país se mata todos os dias sem processo ou sentença. Em sua maioria, são mortos sem cadáver. A ditadura chilena não demorou em imitar esse procedimento bem-sucedido. Um único fuzilado pode desencadear um escândalo mundial: para milhares de desaparecidos, sempre resta o benefício da dúvida. Como na Guatemala, parentes e amigos realizam a perigosa peregrinação inútil, de prisão em prisão, de quartel em quartel, enquanto os corpos apodrecem nos baldios e nos depósitos de lixo. Técnica das *desaparições*: não há presos que reclamar nem mártires que velar. Os homens, a terra engole; e o governo lava as mãos: não há crimes que denunciar nem explicações para dar. Cada morto morre várias vezes e no final só resta, na alma, uma névoa de horror e incerteza.

3

Mas foi a Guatemala o primeiro laboratório latino-americano para a aplicação da *guerra suja* em grande escala. Homens treinados, orientados e armados pelos Estados Unidos levaram adiante o plano de extermínio. O ano de 1967 foi uma longa noite de São Bartolomeu.

A violência tinha começado na Guatemala anos antes, quando num entardecer de junho de 1954, os aviões P-47 de Castillo Armas cobriram o céu. Depois as terras foram devolvidas à United Fruit e se aprovou um novo Código do Petróleo traduzido do inglês.

Na Argentina, as Três A (Aliança Anticomunista Argentina) fizeram sua grande aparição pública em outubro de 1973. Se na Guatemala se desencadeou a *guerra suja* para esmagar a sangue e fogo a reforma agrária, e se multiplicou em seguida para apagá-la da memória dos camponeses sem terra, na Argentina o horror começou quando Juan Domingo Perón decepcionou, do poder, as esperanças que tinha despertado durante o longo exílio. Humor negro de Buenos Aires: “O poder”, dizem, “é como o violino: pega-se com a esquerda e toca-se com a direita”. Depois, no fim do verão de 1976, os militares voltaram à Casa Rosada. Agora os salários valem a metade. Os desocupados se multiplicam.

Estão proibidas as greves. As universidades retornaram à Idade Média. As grandes empresas multinacionais recuperaram a distribuição de combustíveis, os depósitos bancários, o comércio da carne e dos cereais. O novo código permite levar a tribunais de outros países as disputas entre empresas e a nação. Foi revogada a lei de investimentos estrangeiros: agora podem levar o que quiserem.

Na Argentina se celebram cerimônias astecas. A que deus cego se oferece tanto sangue? Pode-se impor, por acaso, este programa ao movimento operário mais bem organizado da América Latina sem pagar o preço de cinco cadáveres por dia?

O Universo visto pelo buraco da fechadura

Valéria pede ao pai que vire o disco. Explica que *Arroz con Leche* vive do outro lado.

Diego conversa com seu companheiro de dentro, que se chama Andrés e vem a ser seu esqueleto.

Fanny conta que hoje se afogou com sua amiga no rio da escola, que é muito fundo, e que lá embaixo era tudo transparente e as duas viam os pés da gente grande, as solas dos sapatos.

Cláudio agarra um dedo de Alejandra, e diz: “Me empresta o dedo”, e depois afunda o dedo na caneca de leite que está em cima do fogão, porque quer saber se o leite está quente demais.

Do quarto, Florência me chama e pergunta se sou capaz de tocar o nariz com o lábio de baixo.

Sebastián me propõe escapar em um avião, mas me adverte que é preciso tomar cuidado com os *sefámoros* e as *hécile*.

Na varanda, Mariana empurra a parede, que é para ajudar a terra a girar.

Patrício segura um fósforo aceso entre os dedos e seu filho sopra e sopra a chaminha que não se apagará jamais.

Dos rapazes que naquele tempo conheci nas montanhas, quem estará vivo?

1

Eram muito jovens. Estudantes da cidade e camponeses de comarcas onde um litro de leite custava dois dias inteiros de trabalho. O exército ia em seus calcanhares e eles contavam piadas e morriam de rir.

Estive com eles alguns dias. Comíamos bolos de milho. As noites eram muito frias na alta selva da Guatemala. Dormíamos no chão, abraçados todos com todos, bem juntos os corpos, para dar-nos calor e para que não nos matasse a geada da madrugada.

2

Havia, entre os guerrilheiros, uns quantos índios. E eram índios quase todos os soldados inimigos. O exército os caçava na saída das festas e quando acordavam da bebedeira já tinham uniforme e arma na mão. Assim marchavam para as montanhas, matar quem morria por eles.

3

Uma noite os rapazes me contaram como Castillo Armas tinha se livrado de um ajudante perigoso. Para que não lhe roubasse o poder ou as mulheres, Castillo Armas mandou-o em missão secreta a Manágua. Levava um envelope lacrado para o ditador Somoza. Somoza recebeu-o no palácio. Abriu o envelope, leu-o na sua frente, e disse:

– Será como pede seu presidente.

Ofereceu-lhe bebida.

No fim de uma conversa agradável, acompanhou-o até a saída. De repente, o enviado de Castillo Armas se viu sozinho e com a porta fechada às suas costas.

O pelotão, já formado, o esperava, joelhos na terra.

Todos os soldados dispararam ao mesmo tempo.

4

Conversa que não sei se escutei ou imaginei, naqueles dias:

- Uma revolução de mar a mar. O país inteirinho levantado. E penso ver isso com estes meus olhos...
- E vai mudar tudo, tudo?
- Até as raízes.
- E não teremos mais de vender os braços por nada?
- De jeito nenhum.
- Nem aguentar ser tratado que nem bicho?
- Ninguém será dono de ninguém.
- E os ricos?
- Não haverá mais ricos.
- E quem é que vai pagar aos pobres, nas colheitas?
- É que também não vai ter mais pobre. Não entende?
- Nem rico nem pobre.
- Nem pobre nem rico.
- Mas, então, não vai ficar ninguém na Guatemala. Porque aqui, você sabe, o que não é rico é pobre.

5

O vice-presidente se chamava Clemente Marroquín Rojas. Dirigia um jornal, de estilo estrepitoso, e na porta de seu escritório montavam guarda dois gordos com metralhadoras.

Marroquín Rojas me recebeu com um abraço. Me ofereceu café; dava tapinhas em minhas costas e olhava para mim com ternura.

Eu, que tinha estado na montanha com os guerrilheiros até a semana anterior, não entendia nada. “É uma armadilha”, pensei, pelo gostinho de sentir-me importante.

Então Marroquín me explicou que Newbery, o irmão do famoso aviador argentino, fora seu grande amigo nos anos juvenis e que eu era seu retrato vivo. Esqueceu que estava ante um jornalista. Convertido em Newbery, escutei-o bramar contra os norte-americanos porque não faziam as coisas como deveriam. Uma esquadrilha de aviões norte-americanos, pilotados por aviadores norte-americanos, tinha partido do Panamá e descarregado napalm sobre uma

montanha da Guatemala. Marroquín Rojas estava furioso porque os aviões voltaram ao Panamá sem tocar terra guatemalteca.

“Podiam ter aterrissado, não acha?”, me dizia, e eu dizia que sim:

– Podiam ter aterrissado, pelo menos.

6

Os guerrilheiros me contaram.

Várias vezes tinham visto estalar o napalm no céu, sobre as montanhas vizinhas. Tinha encontrado com frequência as marcas e pegadas da espuma derramada: as árvores queimadas até as raízes, os animais carbonizados, as rochas negras.

7

A meados de 1954, os Estados Unidos sentaram Ngo Dinh Diem no trono de Saigon e fabricaram a entrada triunfal de Castillo Armas na Guatemala.

A expedição de resgate da United Fruit cortou de um golpe a reforma agrária que tinha expropriado e distribuído, entre os camponeses pobres, as terras feudais da empresa.

Minha geração apareceu para a vida política com aquela marca na testa. Horas de indignação e de impotência... Lembro o orador corpulento que nos falava com voz serena, mas jorrando fogo pela boca, aquela noite de gritos, raiva e bandeiras em Montevideú. “Viemos denunciar o crime...”

O orador se chamava Juan José Arévalo. Eu tinha então catorze anos e o impacto jamais se apagou.

Arévalo iniciara, na Guatemala, o ciclo das reformas sociais que Jacobo Arbenz aprofundou e que Castillo Armas afogou em sangue. Durante seu governo tinha evitado – contou para nós – trinta e duas tentativas de golpe de Estado.

Anos depois, Arévalo se converteu em funcionário. Perigosa espécie, a dos arrependidos: Arévalo se fez embaixador do general Arana, senhor de força e facção, administrador colonial da Guatemala, organizador de açougues.

Quando eu soube disso, fazia anos que tinha perdido a inocência, mas me senti um garotinho enganado.

8

Conheci Mijangos em 1967, na Guatemala. Me recebeu em sua casa, sem perguntas, quando desci da serra para a cidade.

Ele gostava de cantar, beber bem, celebrar a vida: não tinha pernas para dançar, mas batia palmas animando as festas.

Tempos depois, enquanto Arévalo era embaixador, Adolfo Mijangos foi deputado.

Uma tarde, Mijangos denunciou uma fraude na Câmara. A Hanna Mining Co., que no Brasil derrubara dois governos, tinha feito com que nomeassem ministro de Economia um de seus funcionários. Assinou-se então um contrato para que a Hanna explorasse, em sociedade com o Estado, as reservas de níquel, cobalto, cobre e cromo das margens do lago Izabal. Segundo o acordo, o Estado se beneficiaria com migalhas e a empresa com milhões de dólares. Em sua condição de sócia do país, a Hanna não pagaria imposto de renda e usaria o porto pela metade do preço.

Mijangos ergueu sua voz de protesto.

Pouco depois, quando ia subir em seu *Peugeot*, uma rajada de balas entrou em suas costas. Caiu da cadeira de rodas com o corpo cheio de chumbo.

9

Escondido em um armazém dos subúrbios, eu esperava o homem mais procurado pela polícia militar guatemalteca. Se chamava Ruano Pinzón, e era também, ou tinha sido, da polícia militar.

– Olha este muro. Salta. Consegue?

Torci o pescoço. A parede do fundo não terminava nunca.

– Não – disse.

– Mas se eles vierem, você pula ou não?

Pular nada. Se eles viessem, eu ia é voar. O pânico é capaz de converter qualquer um em campeão olímpico.

Mas eles não vieram. Ruano Pinzón chegou essa noite e eu pude falar longamente com ele. Tinha um blusão de couro negro e os nervos faziam seus olhos dançar. Ruano Pinzón tinha desertado.

Ele era a única testemunha ainda viva da matança de vinte dirigentes políticos suprimidos na véspera das eleições.

Tinha sido no quartel de Matamoros. Ruano Pinzón foi um dos quatro policiais que levaram os sacos, grandes e pesados, para as camionetas. Percebeu por que as mangas de sua roupa se encharcaram de sangue. No aeroporto La Aurora levaram os sacos para um avião 500 da Força Aérea. Depois, eles foram jogados no Pacífico.

Viu como eles chegaram vivos no quartel, arrebatados pelas porradas: e tinha visto o ministro da Defesa comandando pessoalmente a operação.

Dos homens que carregaram os cadáveres, Ruano Pinzón era o único que sobrava. Um amanheceu com um punhal no peito, em uma cama da pensão La Posada. Outro levou um tiro nas costas, numa cantina de Zacapa, e outro foi crivado de balas no bar que fica atrás da estação central.

Por que choram as pombas ao amanhecer?

Porque uma noite o pombo e a pomba foram a um baile e alguém que não gostava do pombo matou-o numa briga. O baile estava lindo e a pomba não quis parar de se divertir. “Esta noite eu canto”, disse ela, “e quando amanhecer eu choro.” E chorou quando o sol apareceu no horizonte.

Quem me contou essa estória foi Malena Aguilar, tal como ouvira da avó, mulher de olhos cinzentos e nariz de lobo, que nas noites, no calorzinho do fogão de lenha, enfeitçava os netos com estórias de almas penadas e mistérios.

A tragédia tinha sido uma profecia certa

1

Em meados de 1973 Juan Domingo Perón voltou à Argentina depois de dezoito anos de exílio.

Foi a maior concentração política de toda a história da América Latina. Nos prados de Ezeiza e ao longo da autopista se reuniram mais de dois milhões de pessoas que chegaram, com filhos e bumbos e violões, de todos os lugares do país. O povo, de paciência longa e vontade de ferro, tinha recuperado seu caudilho e devolveu-o à sua terra, abrindo para ele a porta da frente.

Havia um clima de festa. A alegria popular, beleza contagiosa, me abraçava, me levantava, me dava fé. Eu tinha frescas na retina as tochas da Frente Ampla nas avenidas de Montevideu. Agora, nos arrabaldes de Buenos Aires, se reuniam em um gigantesco acompanhamento sem fronteiras os trabalhadores maduros, para quem o peronismo representava uma memória viva da dignidade, e os jovens, que não tinham vivido a experiência entre 1946 e 1955, e para quem o peronismo estava feito mais de esperança que de nostalgia.

A festa terminou em matança. Em Ezeiza, em uma única tarde, caíram mais peronistas que durante os anos de resistência contra as ditaduras militares anteriores. “E agora, quem vamos odiar?”, se perguntava, atônito, o povo. A emboscada tinha sido armada por peronistas contra peronistas. O peronismo continha gregos e troianos, operários e patrões; e nesse palco a história real ocorria como uma contradição contínua.

Os burocratas sindicais, os politiqueiros e os agentes dos donos do poder tinham revelado, nos campos de Ezeiza, seu desamparo. Tinham ficado, como o rei da estória, nus na frente de todo mundo. Os assassinos profissionais ocuparam, então, o lugar das multidões, que eles não tiveram nunca.

Os mercadores, fugazmente expulsos do templo, entravam pela porta de trás.

Ezeiza foi um pressentimento do que viria depois. O governo de Hector Cámpora durou o que dura um lírio. A partir daí as promessas se separaram da realidade até sumirem do mapa. Triste epílogo para um movimento popular: “Deus tem prestígio porque se mostra pouco”, me dissera Perón, anos antes, em Madrid. Aumentaram os salários, mas isso servia para provar que os operários

eram os culpados pela crise. Uma vaca chegou a valer menos que um par de sapatos, e, enquanto pequenos e médios produtores se arruinavam, a oligarquia, invicta, se exibia em farrapos e punha a boca no mundo, através dos jornais, das rádios e da televisão. A reforma agrária não foi mais que um espantalho de papel, e continuaram abertos os buracos pelos quais escorria, e escorre, a riqueza gerada pelo país. Os donos do poder, como em toda a América Latina, põem suas fortunas bem guardadas em Zurique ou Nova Iorque. Lá, o dinheiro dá um pulo desses de circo, e volta ao país convertido em caríssimos empréstimos internacionais.

2

É possível realizar a unidade nacional por cima e através e apesar da luta de classes? Perón tinha encarnado essa ilusão coletiva.

Certa manhã, nos primeiros tempos do exílio, o caudilho tinha explicado ao seu anfitrião, em Assunção do Paraguai, a importância política do sorriso.

– Quer ver meu sorriso? – perguntou.

E pôs a dentadura postiça na palma da mão dele.

Durante dezoito anos, por Perón ou contra Perón, a política argentina girou à sua volta. Os sucessivos golpes militares não foram mais que homenagens que o medo prestava à verdade: se havia eleições livres, o peronismo ganhava. Tudo dependia das bênçãos ou maldições de Perón, polegar para cima, polegar para baixo, e das cartas que escrevia de longe, com a mão esquerda ou com a direita, dando ordens sempre contraditórias aos homens que arriscavam a vida.

Em Madrid, no outono de 1966, Perón me dissera:

– Sabe como os chineses fazem para matar pardais? Não deixam que eles pousem nos galhos das árvores. Ameaçam com varas e não os deixam pousar, até que morrem no ar: os corações estouram, e eles caem no chão. Os traidores têm voo de pardal. Basta espantá-los, não deixar que descansem, para que terminem no chão. Não, não... para conduzir homens é preciso voo de águia, não de pardal. Conduzir homens é uma técnica, uma arte, de precisão militar. Os traidores, deixe-os voar, mas sem dar descanso. Depois, é só esperar que a Providência faça sua obra. É preciso deixar a Providência agir... especialmente porque o que maneja a providência sou eu.

Na hora da verdade, quando ele recuperou o poder, o peronismo explodiu. Se arrebentou muito antes do caudilho morrer.

3

José Luís Nell foi uma das vítimas da matança de Ezeiza. Uma bala cruzou sua coluna vertebral. Ficou parálítico.

Um dia decidiu acabar com a impotência e a pena.

Escolheu a data e o lugar: a cancela de uma estação sem trens. Alguém levou-o até lá na cadeira de rodas e deixou em sua mão uma pistola carregada.

José Luís tinha sido um militante de ferro. Tinha sobrevivido aos tiros e à cadeia, e aos anos de fome e clandestinidade.

Mas então mordeu o cano e apertou o gatilho.

***Um esplendor que demora entre
minhas pálpebras***

Ocorreu esta tarde, na estação, enquanto eu esperava o trem para Barcelona.

A luz acendeu a terra entre os trilhos. A terra teve de repente uma cor muito viva, como se o sangue tivesse subido ao seu rosto, e inchou debaixo dos trilhos.

Eu não estava feliz, mas a terra estava, enquanto durou esse longo momento, e era eu o que tinha consciência para saber e memória para guardar.

Crônica do perseguido e a dama da noite

Se conhecem, de madrugada, num bar de luxo. Ao amanhecer ele acorda na cama dela. Ela esquentava o café; tomam na mesma xícara. Ele descobre que ela rói as unhas e que tem lindas mãos de menina. Não se dizem nada. Enquanto se veste, ele busca palavras para explicar que não poderá pagar. Sem olhar para ele, ela diz, como quem não quer nada:

– Não sei nem como você chama. Mas, se quiser ficar, fique. A casa não é feia.

E ele fica.

Ela não faz perguntas. Ele tampouco.

Pelas noites ela vai trabalhar. Ele sai pouco ou nada.

Passam os meses.

Uma madrugada, ela encontra a cama vazia. Em cima do travesseiro, uma carta que diz:

“Quisera levar tuas mãos. Roubo uma luva.

Perdoe. Tchau e obrigado por tudo”.

Ele atravessa o rio, com documentos falsos. Poucos dias depois, cai preso. Cai por uma bobagem. Estava sendo procurado há mais de um ano.

O coronel insulta e bate. Ergue-o pela gola:

– Vai dizer onde esteve. Vai contar tudo.

Ele responde que viveu com uma mulher em Montevideú. O coronel não acredita. Ele mostra a fotografia: ela sentada na cama, nua, as mãos na nuca, o cabelo negro e longo deslizando sobre os peitos:

– Com essa mulher – diz. – Em Montevideú.

O coronel arranca a fotografia das mãos dele e de repente ferve de fúria, dá um murro na mesa, grita “puta que a pariu, traidora filha da puta, vai me pagar, desgraçada, vai me pagar”.

E então ele entende. A casa tinha sido uma armadilha, armada para caçar gente como ele. E lembra o que ela tinha dito, um meio-dia, depois do amor:

– Sabe de uma coisa? Eu nunca senti com ninguém esta... esta alegria dos músculos.

E pela primeira vez entende o que ela tinha acrescentado com uma sombra estranha nos olhos:

– Alguma vez ia acontecer comigo, não é? – tinha dito. – Foda-se. Eu sei perder.

(Isto aconteceu em 56 ou 57, quando os argentinos acossados pela ditadura cruzavam o rio e se escondiam em Montevideú.)

O Universo visto pelo buraco da fechadura

Na sala de aula, Elsa e Ale sentavam juntas. Nos recreios caminhavam de mãos dadas pelo pátio. Dividiam os deveres e os segredos, as travessuras.

Um dia, de manhã, Elsa disse que tinha falado com a avó morta.

Desde então a avó começou a mandar mensagens para as duas. Cada vez que Elsa afundava a cabeça na água escutava a voz da avó.

Um dia Elsa anunciou:

– Vovó diz que vamos voar.

Tentaram no pátio da escola e na rua. Corriam em círculos e em linha reta até caírem exaustas. Se arrebutaram umas quantas vezes saltando dos muros.

Elsa afundou a cabeça e a avó disse:

– No verão vocês voam.

Chegaram as férias. As famílias viajaram para praias diferentes.

No fim de fevereiro Elsa voltava com seus pais a Buenos Aires. Pediu que parassem o carro na frente de uma casa que nunca tinham visto.

Ale abriu a porta.

– Voou? – perguntou Elsa.

– Não – disse Ale.

– Nem eu – disse Elsa.

Se abraçaram chorando.

Buenos Aires, julho de 1975: Voltando do Sul

Carlos tinha ido para longe. Foi cozinheiro em hotéis, fotógrafo em praias, jornalista de vez em quando, homem sem casa; tinha jurado não voltar a Montevideú.

Está em Buenos Aires agora, sem um tostão no bolso e com um documento de identidade meio em frangalhos – e vencido.

Nos devíamos muitas palavras. No fim de semana viajamos para o litoral, para colocar-nos em dia.

Eu me lembrei de como escutava, com assombro de menino, vinte anos atrás, as histórias de suas andanças de sete ofícios pelos arrozais do leste e as plantações de cana do norte do Uruguai. Naquela época eu me senti amigo deste homem pela primeira vez. Aconteceu no café *Tupí Nambá* da praça da Independência. Ele tinha uma viola. Era cantador e poeta, nascido em San José.

Com os anos criou fama de brigão. Bebia muito desde que voltou do Paraguai. Tinha estado um ano preso em um campo de concentração, para os lados de Tacumbú: jamais se apagaram as marcas dos golpes de corrente nas costas. Tinham arrancado à faca suas sobrancelhas e seus bigodes. Cada domingo os soldados apostavam corrida e os presos serviam de cavalo, com freio e tudo, enquanto o sacerdote tomava tereré debaixo de um umbu e ria agarrando a pança. Brigão e silencioso, Carlos se maltratava por dentro e andava buscando inimigos com os olhos nos cafés e nas bodegas de Montevideú. Ao mesmo tempo, era a festa de meus filhos: ninguém como Carlos contava histórias e disparates com tanta graça, e não havia no mundo palhaço capaz de fazê-los rolar pelo chão de tanto rir. Vinha em casa, punha um avental e cozinhava frango à portuguesa ou pratos que inventava para nós, porque ele sempre foi homem de pouco comer.

Agora estávamos voltando do litoral, rumo a Buenos Aires, muitas horas de ônibus sem dormir e conversando, e ele me falou de Montevideú. Durante todo o fim de semana nenhum de nós tinha mencionado nossa cidade. Não podíamos ir até lá; mais valia não falar dela.

Soltando tristeza me falou da Pacha:

– Uma noite cheguei muito tarde e me deitei sem fazer barulho ou acender a luz. Pacha não estava na cama. Procurei por ela no banheiro e no quarto onde

dormia o filho. Não estava. Encontrei fechada a porta da sala. Fui abrir e percebi: do outro lado estavam as cobertas no chão. Na manhã seguinte esperei por ela na cozinha, para tomar mate como sempre. Pacha não fez nenhum comentário. Nem eu. Falamos um pouco, as coisas de sempre, tempo bom, tempo ruim, governo sacana, ou dá cá o mate que vou dar volta na erva para que não perca o gosto. E quando cheguei de noite encontrei a cama vazia. Outra vez a porta da sala trancada. De manhã cedo nos sentamos na cozinha para tomar mate. Ela não disse nada, e eu não perguntei. Às oito e meia chegaram seus alunos, como todos os dias. E assim, durante uma semana: a cama sem ela, a porta trancada. Até que uma manhãzinha, quando me passou o último mate, eu disse: “Olha, Pacha. Eu sei que é muito incômodo dormir no chão. Por isso, essa noite vem para a cama, tranquila, porque eu não vou estar”. E não voltei nunca.

***É a hora dos fantasmas:
Eu os convoco, persigo, caço***

Desenho-os com terra e sangue no teto da caverna. Me vejo com os olhos do primeiro homem. Enquanto dura a cerimônia sinto que em minha memória cabe toda a história do mundo, desde que aquele homem esfregou duas pedras para se esquentar com o primeiro foguinho.

O Sistema

Eu tinha catorze ou quinze anos. Era contínuo de um banco. Passava as tardes subindo e descendo escadas com montanhas de expedientes nos braços. Ficava parado em um canto, como um soldadinho, à disposição das campainhas, luzes ou vozes.

Os diretores do banco se reuniam todas as sextas-feiras, no último andar. Durante as reuniões os diretores tomavam café várias vezes. Eu corria para a cozinha esquentar o café; quando não tinha ninguém olhando eu deixava o café ferver, para dar diarreia no pessoal.

Uma sexta-feira entrei com a bandeja, como sempre, e encontrei o salão vazio. Na mesa de caoba, bem ordenadas, as pastas com o nome de cada diretor e, em volta, as cadeiras sem ninguém. Só o senhor Alcorta estava sentado em seu lugar. Ofereci café e ele não respondeu. Tinha posto os óculos e lia um papel. Leu muitas vezes. Quietamente, atrás dele, eu olhava os rolinhos rosados de sua nuca e contava as sardas de sua mão. A carta era o texto de sua demissão. Assinou, tirou os óculos e ficou sentado com as mãos nos bolsos, olhando o vazio. Tossi. Depois tornei a tossir; mas eu não existia. A bandeja repleta de xícaras de café me dava câibras no braço.

Quando voltei para recolher as pastas e levá-las para a secretaria, o senhor Alcorta tinha ido embora. Tranquei a porta e abri as pastas, como fazia sempre, uma por uma. Em cada pasta havia uma carta de demissão igual à que o senhor Alcorta tinha lido e relido e assinado. Todas as cartas estavam assinadas.

Na terça-feira seguinte os diretores tiveram uma reunião extraordinária. O senhor Alcorta não foi convocado. Os diretores resolveram, por unanimidade, primeiro: retirar os pedidos de demissão apresentados na sexta-feira passada, e

segundo: aceitar a demissão do senhor Alcorta, agradecendo os serviços prestados e lamentando que novas obrigações reclamem o concurso de sua capacidade ímpar.

Eu li as resoluções no livro de atas, quando me mandaram levá-lo à Gerência-Geral.

O Sistema

que programa o computador que alarma o banqueiro que alerta o embaixador que janta com o general que ordena ao presidente que intima o ministro que ameaça o diretor-geral que humilha o gerente que grita com o chefe que pisa no empregado que despreza o operário que maltrata a mulher que bate no filho que chuta o cachorro.

O Sistema

Caminhamos pelas *ramblas* de Barcelona, bulevares largos, frescos túneis no verão, e nos aproximamos de uma barraca onde um homem vende passarinhos.

Gaiolas com vários, gaiolas com um só. Adoum me explica que nas gaiolas em que só deixam um pássaro colocam também um espelho, para que ele não se sinta sozinho.

Depois, no almoço, Guayasamín conta coisas de Nova Iorque. Conta que viu homens bebendo sozinhos nos balcões. Atrás das filas de garrafas há um espelho. Às vezes, bem avançada a noite, os homens atiram o copo, e o espelho voa aos pedaços.

Sonhos

Os corpos, abraçados, vão mudando de posição enquanto dormimos, virando para cá, para lá, sua cabeça em meu peito, minha perna sobre seu ventre, e ao girarem os corpos vai girando a cama e giram o quarto e o mundo. “Não, não”, você me explica, achando que está acordada: “Não estamos mais aí. Mudamos para outro país enquanto dormíamos”.

***Crônica do Burro, do Vovô Catarino e de como
São Jorge chegou a galope em seu cavalo
branco e salvou-o das maldades do Diabo***

1

Os automóveis exibiam escudos de plástico, com as cores da pátria: *Brasil: contigo ninguém pode*. Pelé já era diretor de um banco. Além das cidades, os mendigos apossavam os ônibus de turismo. O Dodge Dart prometia nos anúncios: *Você passará à classe dominante*. A Gillette dizia: *Brasil, eu confio em você*. Os cadáveres do Esquadrão da Morte apareciam mutilados na Baixada Fluminense. Para que ninguém os reconhecesse, desfaziam as caras a tiros e cortavam os dedos das mãos. Du Pont, Dow Chemical, Shell e Standard Oil proclamavam, nos jornais e nas televisões: *We believe in Brazil*. Nos barracões, as crianças dormiam no chão ou em caixas de papelão: dali olhavam a televisão comprada a prestações. A classe alta brincava com as estatísticas; a classe média jogava na bolsa; a classe baixa apostava na loteria esportiva. Quem acordaria milionário na manhã da segunda-feira? Um pedreiro desempregado, uma lavadeira, um engraxate: alguém seria escolhido: entre oitenta milhões de condenados da terra alguém seria apontado, na manhã da segunda-feira, pelo dedo de Deus.

2

Eu dormia na casa de Artur Poerner.

Os estúdios da televisão estavam a poucas quadras da casa. Cada tarde de domingo, os candidatos a ganhar concursos que enchiam a rua: quem é capaz de comer mais bananas em uma hora? Quem é o brasileiro de nariz mais comprido? Uma vez se reuniu uma multidão de anões que se olhavam com ódio. Havia uma fortuna esperando o anão menor do Brasil.

Outra vez se disputou um campeonato de desgraçados. Desfilou uma corte de milagres: prostitutas desde os oito anos, paralíticos abandonados pelos filhos, cegos por culpa da fome ou das surras, leprosos, sífilíticos, presidiários de toda a vida por delitos que não cometeram, crianças que tinham tido uma orelha

devorada por um rato, mulheres que tinham passado anos atadas a um pé de cama. Prometiam prêmios de fábula ao desgraçado mais desgraçado de todos. Alguns levavam torcida. A torcida delirava como no futebol: “Já ganhou!, já ganhou!”, gritavam da plateia.

Pelas noites escutávamos, na casa de Artur, estrépitos de tambores. Era o tantã, ritmo de febre e trovão, que vinha do Corcovado. Lá do alto, Cristo protegia a cidade com seus braços. Nos bosques da montanha, celebravam-se missas selvagens. Os fantasmas vingadores traziam a esta terra, à luz da lua e das fogueiras, o Paraíso prometido pelos profetas.

3

Fora, o exílio: casinhas de quatro latas e duas tábuas presas na montanha, lençóis de jornal, crianças barrigudas, pernas de alfinete, olhos de susto.

Dentro, o reino: ardia o fogo no chão de terra e soavam os atabaques; homens e mulheres balançavam, sonhavam acordados, batiam nas portas do amor ou da morte.

Entrei com Artur. Encontramos o Diabo em farrapos.

– Para que quero a salvação?

Os chifres de trapo caíam sobre os olhos. Brincava sentado no alto de um monte de vidros em chamas, seu trono de fundos de garrafas e lixo, e batia no chão com um tridente enferrujado:

– Eu não quero a salvação! – roncava do fogo. – Lá no inferno está gostoso. O inferno é minha casa. E lá eu não tenho patrão.

As filhas de santo, vestidas de vermelho, cantavam:

*O sol já vem,
já vem, baiano.
O sol já vai,
baiano, já vai.*

Havia dois altares no terreiro de Nossa Senhora da Conceição, mãe de Exu: no do céu, um São Jorge avançava a cavalo; no do inferno, a luz doentia das velas esculpia caveiras e tridentes.

As ondas do mar batiam...

A cerimônia do Diabo era a festa da favela.

– Sem feitiço a vida não dá pé, não dá, não dá.

Vovô Catarino esfregava um galo vivo, penas negras, penas vermelhas, ao

longo das pernas de um namorado sem sorte.

– Pense nela.

Afiou uma faca virgem na pedra do altar. Arrancou lentamente as penas do pescoço do galo. Ergueu a faca:

– Pensa na menina.

O pescoço recém-cortado avançava e se contraía. O namorado abriu a boca e bebeu.

– Esta noite – anunciou Vovô – no lençol dela haverá uma mancha de sangue. Não será sangue de ferida nem de menstruação.

4

Uma velha esperava a vez desde a tarde.

– Quem é teu patrão?

– Um herói de guerra.

– Estou perguntando como se chama.

– Charles Mann.

– Esse nome não é daqui.

– Ele vem de um lugar que se chama Estados Unidos.

– E como é que veio parar no Brasil?

– O navio dele afundou, e ele veio pra cá.

– Que herói é esse, que corre?

– Ele tem muitas medalhas.

– Um herói de merda, isso é o que ele é.

– Não diga isso, Vovô. Meu patrão é almirante.

– Almirante de banheira.

– Mas Vovô, ele perdeu um olho na guerra, tem um olho de vidro.

– Quando o negro estrepa a vista – disse Vovô – fica sem olho. Mas um branco rico compra um olho de vidro. E sabem o que acontece? Que deixa o olho de vidro num copo d'água enquanto dorme. E um dia bebe a água e engole o olho de vidro. E o olho de vidro tapa o rabo e fica olhando pra fora.

Explodiram tambores e risadas. Tomé também se divertia: a cerimônia ia bem. Tomé era um bode gordo, vestido como Exu, que fumava charutos e tocava o tambor com os chifres. Tinha sido levado para ser sacrificado e Vovô criara afeição por ele. Agora governava as cerimônias: quando avançava chifrando paredes ou gente, Vovô entendia que alguma coisa andava mal, e ia embora.

5

Com giz vermelho e giz negro, Vovô desenhou os signos de Exu no chão de terra. Derramou pólvora, fez uma explosão de fumaça branca.

– A doença entra pelo pé e pelo pé vai embora – me disse Eunice, uma sacerdotisa de Vovô. – Embora às vezes entre pela boca, quando o vizinho manda bolo envenenado.

O doente, rosto sem cor, ventre inchado, pés de elefante, ardia de febre. Seus irmãos tinham subido com ele, carregando-o. Traziam uma garrafa de cachaça.

Vovô ficou furioso:

– Quando eu digo traz uma garrafa, quero dizer: traz sete. Você quer santo barato?

Examinou bem o doente e diagnosticou:

– Pode preparar a mortalha. Este feitiço foi bem feito.

6

Vovô erguia seu punho contra Deus, chamava-o verdugo e carniceiro, mas no fundo sabia que se tratava de um colega.

– Por que tanta tristeza?

A negra movia a cara molhada de lágrimas. Tinha uma barriga enorme.

– Aí não tem uma criança – sentenciou Vovô. – Aí tem vinte.

Mas ela não ria.

– Por que tanta tristeza, minha filha?

– Por causa do meu filho, Vovô.

– Pelos vinte que estão aí?

– Eu sei que meu filho vai nascer morto.

– Como?

– É sim, Vovô.

– E quem te disse essa besteira?

– Ninguém disse, mas eu sei. Minha vizinha fez um pacto. Ela me odeia. Quer roubar meu marido. Fez um pacto para que meu filho nasça morto.

– E com quem ela fez o pacto?

– Com Deus.

– Quem?

- Deus.
- Vovô ria, agarrando a barriga.
- Com Deus, Vovô.
- Não, minha filha – disse Vovô, disse o Diabo:
- Deus não é *tão* besta para fazer isso.

7

Antes do amanhecer, Vovô Catarino ia embora, para as profundezas do inferno.

De noite, voltava à terra, entrava pelo pé do seu Burro e era o médico, o palhaço, o profeta e o vingador da favela. O homem que o recebia em seu corpo, o Burro do Vovô, trabalhava durante o dia limpando aviões no aeroporto do Galeão.

Artur e eu subíamos a ladeira do Corcovado. No entardecer conversávamos com o Burro, homem suave e humilde, que nos oferecia café. À meia-noite tomávamos cachaça ou vinho no copo do Vovô. Assistíamos aos transe e aos sacrifícios e escutávamos quando ele cagava nas instituições e nas boas maneiras.

Tinham vozes diferentes, e diferentes maneiras de chamar-nos. O Burro chamava Artur de Carioca, e eu de Uruguaio; para Vovô éramos Curiboca e Furagaio. Vovô falava com a voz rouquíssima e enredada de seus milhares de anos de idade, e o Burro não se lembrava de nada do que Vovô dizia ou fazia através dele.

Na véspera de minha partida, e sem que eu pedisse, Vovô me deu de presente uma guia de segurança. Colocou o colar de lata como se arma um cavaleiro: pus um joelho no chão e ergui a cabeça, repicou um tambor, cantaram as vozes.

O colar me fechou o peito. Durante um ano não entrariam tiros nem desgraças.

8

A filha de Eunice, Roxana, tinha poucos dias de nascida quando foi consumida pela febre. O bebê era puro choro, e se negava a comer. Eunice

vestiu-a e subiu o morro até o terreiro do Vovô.

– Morre – disse a ele.

– Não.

Caminharam até o bosque. Vovô batizou Roxana com dois minúsculos talhos de punhal na testa. Adotou-a como neta. Depois jogou doze rosas brancas na cascata, para que a cascata levasse a peste para as ondas do mar.

A partir de então, Eunice se incorporou ao terreiro.

9

Ela me contou a história do Burro e do Vovô.

O Burro era um vagabundo. Estava vivendo com outros mulambos debaixo de uma ponte no Rio. Uma noite de fome caçaram um rato, que foi assado e comido. O Burro sentiu uma coisa estranha no corpo e desmaiou. Acordou convertido em Vovô Catarino. Disse:

– Agora eu vou ajudar todo mundo. Tenho milhares de anos. Para vir a esta terra escolhi o que sofria mais.

E começou a cantar.

– Vovô não se porta bem com o Burro – me disse Eunice. – Principalmente no tempo da Quaresma. Vovô adora fazer maldades na Quaresma.

Fazia-o trabalhar tanto que o Burro não dormia. Além disso, me contou Eunice, obrigava-o a beber urina nas cerimônias.

Um belo dia o Burro se rebelou.

– Eu não sou um cachorro pra levar esta vida. Me corto e queimo o rabo e ando bebendo mijo em troca da fome e bananas. Não vou fazer mais nada por ninguém. Por mim, que morram.

Terminou de dizer e sentiu uma tontura. Uma voz segredou-lhe no ouvido:

– É que o senhor não comeu nada. Nem mesmo o café da manhã. Vamos ao bar tomar alguma coisa. Vamos.

Vovô ia cruzar a rua e caiu violentamente para trás. Esticou um braço para se levantar e tornou a cair. Tentou se apoiar em uma mão e paf, outra vez. Os golpes arrebataram seu nariz e abriram um talho na cabeça. Voltou ao morro sangrando e furioso:

– Que ele nem pense em descer à terra hoje. Não dou mais bola para esse desgraçado do Vovô.

Acabou a frase e caiu fulminado. Ficou de fuça no chão. Não podia se

mexer de tanta dor. Chorou.

Então desceu Ogum, São Jorge, o santo guerreiro, e levantou-o pelas axilas. Era esquisito que aparecesse uma terça-feira, porque São Jorge vinha, quando vinha, nas noites de sexta.

O Burro contou tudo para ele, e pediu ajuda. São Jorge é o único que o Diabo ouve.

Essa noite Vovô bebeu vinho e cachaça. Nunca mais exigiu xixi.

– Às vezes – me disse Eunice – o Burro merece castigo, porque é desobediente.

O Burro estava arrumando os altares, enquanto se preparava para ir trabalhar no aeroporto, quando descobriu um copo de vinho. Vovô deixara o copo ali para tentá-lo. O Burro só podia beber durante as cerimônias, quando era Vovô. Tomou um golinho e recebeu uma tremenda bofetada na boca. Perdeu dois dentes.

Desceu do morro para tomar o ônibus e cruzou com um carro fúnebre. O carro parou. O Burro escutou alguém chamá-lo por seu nome. Nem bem se aproximou e foi agarrado pelo pescoço. Taparam sua boca e mergulharam-no dentro. Esteve três dias e três noites na região da morte. São Jorge arrancou-o dali. Trouxe-o a galope em seu cavalo branco e devolveu-o à sua casa.

10

Carlos Widmann, correspondente estrangeiro, me pediu que o levasse ao terreiro do Vovô para escrever um artigo. Eu estava indo embora, e não dava tempo; mas deixei as indicações.

Depois, em Montevideú, recebi uma carta de Widmann.

Me dizia que na Sexta-feira da Paixão tinha estado com Vovô Catarino. Vários bodes negros foram assados e comidos no dia de jejum obrigatório. A cerimônia durou até a manhã seguinte. Tomé assistiu, fumando, o sacrifício de seus irmãos. Os bodes tinham sido degolados pouco a pouco, para que sofressem toda a dor que Deus reservava aos homens, e nos aliviassem. Os convidados beberam sangue quente na concha da mão.

Já tinham sido comidos os bodes, quando Vovô embebedou um sapo gigante com aguardente. Cada um dos devotos meteu na boca do sapo o nome ou a imagem de seu inimigo. O sapo escorregava da mão do Vovô. Depois, ele costurou a boca com agulhas que não tinham sido usadas antes. Fio vermelho e

fio negro, em cruz. Soltou-o na porta e o sapo se afastou pulando feito louco.

Eu sabia que isso significava morte lenta. O sapo morre de fome. Se alguém quer a morte rápida do inimigo, enterra-se o sapo em um pequeno ataúde ao pé de uma figueira, a árvore maldita por Cristo, e o sapo morre por asfixia.

“Vovô me disse que pusesse um nome”, me escreveu Carlos, “e não me ocorria nenhum. Mas eu acabava de chegar da Bolívia. Trazia gravadas as imagens das matanças dos mineiros. Então escrevi o nome do general René Barrientos em um papelzinho, dobrei-o e meti-o na boca do sapo.”

Quando li a carta de Widmann, o ditador boliviano já se queimara vivo em Cañadón del Arque, envolvido nas chamas do helicóptero que tinha ganho da Gulf Oil Co.

Introdução à Teologia

Naqueles dias descobri Maria Padilha.

Ela nasceu nos bairros baixos do Rio; em poucos anos invadiu os bairros pobres do norte da cidade.

Tinha o tamanho de uma mulher.

Vestia meias de seda e saia muito curta, aberta de um lado, que mostrava a liga e despia as coxas, e uma blusa justa, meio aberta, de onde saltavam os peitos. Estava coberta de pulseiras e colares, oferta dos fiéis. Entre os dedos de longas unhas vermelhas, sustentava um cigarro de filtro.

A figura de cera de Maria Padilha montava guarda nas portas das lojas de umbanda. Mas onde ela realmente vivia era nos corpos de suas sacerdotisas nos terreiros. Maria Padilha entrava nessas mulheres e lá de dentro ria, gargalhava, bebia, fumava, recebia consultas, dava conselhos, desfazia feitiços e era até capaz de seduzir o Diabo para conseguir que ajudasse alguém que estivesse necessitando.

Maria Padilha, deusa maldita, puta divinizada, encarnava as mulheres que eram, na vida real, putas profissionais. Elas se encarnavam em si mesmas, de certo modo, mas ao contrário. Cada cerimônia era um ritual de dignidade: achavam que eu era uma cadela? Sou uma deusa.

Tudo isso já não existe

Muitas favelas foram arrancadas do Rio. Foram jogadas longe dos olhos dos turistas.

Com elas, foram embora seus deuses. Os tambores que clamam maldição ou dão ajuda já não perturbam o sono dos cidadãos.

A polícia fechou o terreiro de Vovô Catarino. Ele foi expulso da cidade.

Introdução à Teologia

1

Há sete anos, eu ia atravessando a pracinha gelada de Llallagua, caminhando devagar, com as mãos afundadas num blusão negro de gola alta.

– Padre! Padrezinho!

Um homem surgiu, correndo, de dentro da escuridão. Agarrou-me um braço. À luz mortiça do único lampião, qualquer um podia ler o desespero naquele rosto ossudo. Usava um capacete de mineiro, paletó de mineiro; sua voz soava como uma tosse:

– O senhor tem de me acompanhar, padre, por favor, padre.

Expliquei que não era sacerdote. Várias vezes. Era inútil.

– O senhor vem, padrezinho, o senhor vai vir comigo.

Quis com toda força me converter em padre, mesmo que fosse só por alguns minutos. Um filho do mineiro estava morrendo.

– É o menorzinho, padre, o menorzinho. O senhor tem de vir para dar os santos óleos para ele. Agorinha, padre, que ele já está indo.

Cravava os dedos em meu braço.

2

Há poucas crianças nas minas bolivianas. E não há velhos.

Esses são homens condenados a morrer antes dos trinta e cinco anos, com os pulmões transformados em papelão, por causa do pó de silício.

Deus sozinho não basta.

Antes, Lúcifer em pessoa abria o carnaval mineiro. Entrava, montado em um cavalo branco, pela rua principal de Oruro. Hoje em dia, as *diabladas* atraem um enxame de turistas de todas as partes do mundo.

Mas, nas minas, o Diabo não reina só em fevereiro. Os mineiros o chamam de Tio e ergueram para ele um trono em cada galeria. O Tio é o verdadeiro dono do minério: concede ou nega os filões de estanho, extravia nos labirintos os que quer que se percam e aponta os veios escondidos aos seus filhos prediletos. Libera os aluviões da terra, ou provoca desabamentos. Dentro da galeria é mortal pronunciar o nome de Jesus, embora a Virgem possa ser invocada sem perigo.

Às vezes, o Tio pactua com os contratistas ou os empreiteiros: vende a riqueza a troco da alma. Foi ele quem piscou para os camponeses, que abandonaram as plantações e se afundaram para sempre nas grutas.

Em torno de sua imagem de barro os mineiros se reúnem para beber e conversar. É a *ch'alla*. Colocam velas, acesas ao contrário, e oferecem cigarro, cerveja e *chicha*. O Tio esgota os cigarros e deixa os copos vazios. Aos seus pés, os mineiros deixam cair algumas gotas de aguardente, e esta é a maneira de oferecer bebida à deusa da terra.

Os mineiros pedem ao Diabo que floresça o mineral.

– Tio, ajuda a gente. Não nos deixe morrer.

A *ch'alla* funciona como uma universidade política. Os ditadores a proíbem. Estes homens se reúnem ao redor do Tio, em cantos secretos da mina, e falam de seus problemas e da maneira de mudar as coisas. Sentem-se protegidos, ganham ânimo e coragem. Não se ajoelham ante o Diabo. Na hora de ir embora, colocam em seu pescoço serpentinas coloridas.

Guerra da rua, guerra da alma

Cada uma de minhas metades não poderia existir sem a outra. Pode-se amar a intempérie sem odiar a jaula? Viver sem morrer, nascer sem matar? Em meu peito, arena de touros, lutam a liberdade e o medo.

O Sistema

Quem está contra, ensina a máquina, é inimigo do país. Quem denuncia a injustiça comete delito de lesa-pátria.

Eu sou o país, diz a máquina. Este campo de concentração é o país: esta podridão, este imenso baldio vazio de homens.

Quem crê que a pátria é uma casa de todos será filho de ninguém.

Foi enterrado vivo em um poço

Tem de ser um nervo, a ternura. Um nervo que se rompe e não se pode costurar. Poucos homens conheci que tivessem atravessado as provas de dor e violência, façanha rara, com a ternura invicta.

Raul Sendic foi um desses homens.

Me pergunto, agora, o que terá sobrado de Raul.

Lembro dele com seu sorriso de bebê de cara tosca, cara de barro, perguntando-me entre os dentes:

– Tem uma gilete aí?

Raul acabava de comprar um terno na lojinha de um turco que vendia roupa usada, na Cidade Velha, e se sentia o mais elegante do mundo naquele saco de estopa marrom com listinhas da mesma cor. Mas o terno não tinha o bolsinho da calça, tão necessário para as moedas. E ele fez o bolsinho com uma gilete e um grampeador de escritório.

Eu tinha catorze anos e era o desenhista de *El Sol*, o semanário socialista. Me deram uma mesa, na sede do Partido, e eu era dono de gilete, tinta nanquim, têmpera e pincéis. Cada semana tinha de fazer uma caricatura política. As melhores charges eram as que inventava Raul, que lançava faíscas pelos olhos, quando se aproximava para contar o que imaginara.

Algumas noites íamos embora juntos, depois das reuniões da Juventude Socialista.

Morávamos perto. Ele descia na rua Duílio e eu continuava um par de quadras mais. Raul dormia na varanda. Não suportava ter um teto em cima da cabeça.

Várias vezes me perguntei, anos depois, como terá feito Raul para não enlouquecer durante o tempo enorme que passou preso nos poços. De quartel em quartel, deitaram-no no fundo da terra, com uma tampa em cima, e desciam água e pão por uma corda, para que não visse jamais o sol nem falasse com ninguém.

Não posso imaginá-lo nessas sombras. Vejo Raul na intempérie, no meio do campo, sentando sobre o crânio de vaca que era a poltrona de seu escritório jurídico. Os operários dos canaviais, que o chamavam de Justiceiro, escutaram de seus lábios e entenderam, pela primeira vez, palavras como: direitos, sindicatos, reforma agrária.

Fecho os olhos e torno a ver Raul frente a uma fogueira, na costa do rio Uruguai. Ele me aproxima uma brasa aos lábios porque outra vez deixei apagar,

cidadão de meia-tigela, o cigarro de palha e fumo picado.

***Buenos Aires, julho de 1975:
Os homens que cruzam o rio***

Hoje fico sabendo que todos os meses, no dia em que sai a revista, um grupo de homens atravessa o rio Uruguai para ler.

São uns vinte. Encabeça o grupo um professor de sessenta e tantos anos, que esteve preso um tempo.

Pela manhã saem de Paysandú e cruzam para a terra argentina. Compram um único exemplar de *Crisis* e se instalam num bar. Um deles lê em voz alta, página por página, para todos. Escutam e discutem. A leitura dura o dia inteiro. Quando termina, deixam a revista de presente para o dono do bar e voltam ao meu país, onde ela está proibida.

– Ainda que fosse só para isso – penso – valeria a pena.

***Esta tarde rasguei a Porky
e joguei os pedacinhos no lixo***

Tinha me acompanhado por todas as partes. Aguentou, ao meu lado, intempéries e maus-tratos e tombos. Perdeu a espiral de arame e saíram as folhas. Das capas, cor de lacre, não ficaram mais que farrapos. A *Porky*, que teve seu tempo de elegante agenda francesa, tinha se reduzido a um montão de papéis e papeizinhos atados com um elástico, e andava toda rasgada e borrada e suja de tinta e terra.

A decisão me custou um bocado. Eu gostava dessa gorda desmantelada. Estalava em minhas mãos cada vez que eu lhe pedia um endereço ou um telefone.

Nenhum computador teria podido com ela. A *Porky* estava a salvo de espiões e policiais. Nela eu encontrava o que buscava sem esforço: sabia decifrá-la, manchinha por manchinha, risco por risco.

Entre o A e o Z, a *Porky* continha dez anos de minha vida. Nunca foi passada a limpo. Por preguiça, eu dizia; mas era medo.

Hoje eu a matei.

Uns poucos nomes me doeram de verdade. A maioria eu já não reconhecia. A caderneta estava cheia de mortos; e também de vivos que já não tinham nenhum significado para mim.

Confirmei que nestes anos quem tinha morrido várias vezes e várias vezes nascido era eu.

Minha primeira morte foi assim

1

Eu passava as noites sentado na cama, lotando cinzeiros.

Sílvia, inocente, dormia como uma pedra. Eu sentia ódio dela na hora do amanhecer. Acordava-a, sacudia seus ombros, queria dizer: estas são as perguntas que não me deixam dormir. Queria dizer: me sinto sozinho, eu perseguidor, cão que ladra para a lua, mas não sei que troço me saía da boca no lugar das palavras. Acho que gaguejava disparates, ou seja: pureza, sagrado, culpa, fome de magia. Cheguei a me convencer de que tinha nascido no século errado ou me enganara de planeta.

Eu tinha perdido Deus poucos anos antes. Meu espelho se quebrara. Deus tinha o rosto que eu inventava e dizia as palavras que eu esperava. Enquanto fui criança, me pôs a salvo da dúvida e da morte. Eu perdera Deus e não me reconhecia nas pessoas.

A militância política não me aliviava, embora em mais de uma ocasião, encharcado da cabeça aos pés pelo visgo da cola dos cartazes políticos, pude sentir o alegre cansaço ou sensação de combate que valia a pena. Em volta havia um mundo quieto e domesticado para a obediência, no qual cada cidadão representava seu personagem (alguns tinham um elenco inteiro) e derramavam pontualmente sua saliva os cachorrinhos de Pavlov.

Várias vezes tentei escrever. Eu intuía que essa podia ser uma maneira de tirar de dentro de mim a fera que tinha crescido. Escrevia uma palavra, uma frase às vezes, e em seguida riscava. No fim de algumas semanas ou meses a folha estava toda machucada, quieta em seu lugar sobre a mesa, e não dizia nada.

2

Quis chorar. Chorei. Eu tinha acabado de fazer dezenove anos e preferi pensar que chorava por causa da fumaça de todas as minhas coisas que estavam queimando. Armei um bom incêndio de papéis, retratos e desenhos para que não sobrasse nada de mim. A casa se encheu de fumaça e eu me sentei no chão e chorei. Depois saí, percorrendo farmácias, e comprei *luminal* suficiente para matar um cavalo.

Já tinha escolhido o hotel. Enquanto caminhava pela rua Rio Branco, ladeira abaixo, senti que estava morto há horas ou anos, vazio de curiosidade e desejo, e que só faltavam os detalhes finais. Mesmo assim, ao chegar na esquina da rua São José, um automóvel avançou em cima de mim e meu corpo, que estava vivo, deu um salto de tigre até a calçada.

A última coisa de que eu me lembro de minha primeira vida é a ranhura de luz na porta fechada enquanto eu me afundava em uma noite serena que não iria terminar nunca.

3

Acordei, depois de vários dias em coma, na sala de presos do hospital Maciel. Era, para mim, um mercado de Calcutá: via fulanos meio despidos, com turbantes, vendendo porcarias. Eram muito magros, puro osso. Estavam sentados de cócoras. Outros faziam dançar serpentes tocando flauta.

Quando saí de Calcutá não havia sujeira nem sombras dentro de mim. Por fora estava destruído, culpa do ácido do mijo e da merda que o corpo continuara soltando, por sua conta, enquanto eu dormia minha morte no hotel. O corpo nunca me perdoou. Ficaram as cicatrizes: a pele de cebola que agora me impede de montar cavalo em pelo, como gostaria, porque se abre e sangra, e nas pernas as marcas das feridas que chegaram até o osso. Todas as manhãs as vejo, quando me levanto e ponho as meias.

Mas isso era o de menos, naqueles dias do hospital. Tinha os olhos lavados: via o mundo pela primeira vez, e queria comê-lo. Todos os dias seguintes seriam um presente.

Volta e meia me esqueço, e ofereço à tristeza essa vida que veio de quebra.

Deixo que, volta e meia, esse Deus castigador que não acaba de ir de dentro de mim me expulse do Paraíso.

4

Então pude escrever e comecei a assinar com meu sobrenome materno, Galeano, os artigos e os livros.

Até pouco tempo atrás eu achava que tinha decidido isso por causa das dificuldades fonéticas que em castelhano tem meu sobrenome paterno. No final

das contas, foi por isso que eu o tinha “castelhanizado”: assinava Gius, em vez de Hughes, os desenhos que, desde garoto, publicava em *El Sol*.

E só agora, numa dessas noites, percebi que me chama Eduardo Galeano foi, desde fins de 1959, um modo de dizer: sou outro, sou um recém-nascido, nasci de novo.

No fundo, tudo é uma questão de História

Vários séculos antes de Cristo, os etruscos enterravam seus mortos entre paredes que cantavam o júbilo de viver.

Em 1966 desci com Graziela nas tumbas etruscas e vimos as pinturas. Havia amantes em todas as posições, gente comendo e bebendo, cenas de música e celebração.

Eu tinha sido amestrado catolicamente para a dor e fiquei vesgo nesse cemitério que era um prazer.

E de coragem

Uma noite, há muitos anos, num boteco do porto de Montevideú, estive até o amanhecer bebendo com uma puta amiga, e ela me contou:

– Sabe uma coisa? Eu, na cama, não olho nunca os olhos dos homens. Eu trabalho com os olhos fechados. Porque se eu olhar para os olhos dos homens fico cega, sabe?

Mas é preciso escolher

Quantas vezes confundimos a bravura com vontade de morrer?

A histeria não é história nem o revolucionário um amante da morte.

A morte, que algumas vezes me tomou e me largou, volta e meia me chama até hoje, e eu mando ela para a puta que a pariu.

Minha segunda morte foi assim

1

Me levantei, aos tropeções, e acendi a única lâmpada do quarto. No relógio eram oito e meia da noite. Abri de par em par as duas folhas da porta que davam para um terraço de madeira sobre a praia. A lua cheia excitava os cães. Eu não podia dormir, mas não por causa dos latidos.

Ficar em pé me deixava tonto. Deitei, dobrei o travesseiro; quis ler. A cama fervia. Soprava uma brisa quente que deixava cair, aos meus pés, as folhas das amendoeiras.

Aquele tinha sido um dia importante para mim. Na saída do hospital, tinham me dado um certificado de ressurreição.

Dei uns passos, tonto, e abri o chuveiro. Me olhei no espelho: vi um monte de ossos com olheiras.

Estava na miséria. Tinha joelhos de gelatina. Meu queixo tremia, meus dentes sacudiam. Juntei toda a força que me restava e apertei o queixo com as duas mãos. Eu queria parar esse chocalho contínuo. Não consegui.

Me sentei na cama, com a toalha nos joelhos. A água repicava forte contra o chão de cimento do banheiro. Fiquei sentado um tempão, pensando em nada e olhando os dedos dos pés. Rios de transpiração escorregavam por meu corpo nu. Sequei a transpiração e vesti, devagar, a camisa e as calças.

O chuveiro continuava aberto. Percebi que não tinha tomado banho. Tirar a roupa me dava preguiça. Fechei a torneira e saí.

Caminhei descalço sob as amendoeiras de Macuto.

2

Caracas era um supermercado gigante. Só os automóveis podiam viver ali sem que se envenenassem suas almas ou seus pulmões. Por isso eu tinha alugado um quarto nesse hotelzinho da costa, frente ao mar. Não ficava longe. Cada dia eu ia e voltava através das montanhas.

Aquele, sim, era um bom lugar. O ar estava sempre limpo e o sol entrava cedo no quarto e então eu ia nadar um bocado antes de começar o dia. Na costa se alinhavam vários cafés e restaurantes com mesinhas debaixo das árvores, na

beira da praia. Havia muitas pombas. Foi lá que eu soube, porque não sabia, que quando a pomba une seu bico ao bico do filhote não é para beijá-lo, e sim para dar-lhe de comer o leite nascido em seu papo.

3

Ao amanhecer, hora de trégua, tinham me dado alta.

Alejandro Mondolfi, o médico, deu-me tapinhas nas costas e disse:

– Te solto.

E disse:

– Você teve dois impaludismos em um mês. Te cuida, ou vai virar cadáver. Você vai ter de comer muita lentilha. Essas são suas pílulas: quinina, ferro.

Agora eu sabia que um mosquito pode ser pior que uma serpente e também sabia que seria perseguido, até o fim de meus dias, pelo pânico de voltar ao incêndio e ao gelo daquela febre. Na selva ela é chamada de “econômica”, porque mata em um dia e ninguém precisa gastar dinheiro em remédio.

Tínhamos ficado presos pela chuva, Daniel Pacheco, Arnaldo Mendoza e eu, nas minas de diamantes da selva de Guaniamo. O desastre valeu a pena. Ali um homem adormecia milionário e ao amanhecer estava morto ou sem um tostão para comprar nem uma bolacha. O negro Barrabás tinha fundado a estirpe dos mineiros. Encontrou um diamante do tamanho de um ovo de pomba e mandou arrancar todos os dentes para usar uma dentadura de ouro puro. Terminou seus dias em uma mina perdida na fronteira, pedindo fiado o café da manhã.

Nos acampamentos mineiros dormia-se em redes entre as árvores, cada rede era uma casa, mas se consumia uísque *Ballantine's* e conhaque francês. Um café custava dez vezes mais que em Caracas e nós ficamos, em poucos dias, sem um centavo. Fomos salvos pela Nena. Ela vinha de La Guayra. Tinha dezenove anos e em uma noite de amor ganhava mais que eu em um mês de trabalho. Quando olhei suas pernas, pensei: “É justo”. A Nena nos dava cerveja e comida; e finalmente conseguimos entrar em um aviãozinho que nos tirou da selva. Os mosquitos tinham nos devorado e os três estávamos levando a malária no sangue. Eu tive as duas malárias: a benigna, e em seguida a brava.

Minha cabeça era uma chaga viva quando cheguei ao hospital. A febre cavoucava com punhais, acendia fogo. Entre os lábios partidos eu deixava escapar queixas e disparates. Sentia que estava morrendo e não esperava que ninguém aparecesse em meio ao delírio e abrisse seus braços para salvar-me das fervuras e punhaladas da febre: a dor era tanta que não cabia em mim nada mais

que ela, e eu simplesmente queria morrer porque a morte doía menos.

Mas gostei de acordar vivo na manhã seguinte. A febre tinha caído. Entreabri os olhos: percorri as camas de meus vizinhos; esfreguei os olhos. Estava rodeado de caras que a leishmaniose tinha destruído. A lepra tinha comido orelhas, lábios, narizes: via seus ossos e gengivas.

Passei um bom tempo prisioneiro. Creio que era o único caso de impaludismo. Os leprosos, homens do campo, não falavam. Eu dividia com eles as maçãs que meus amigos traziam. Eles tinham um rádio. Escutavam boleros.

A quinina, uma dose cavalgar que meteram em minhas veias, tinha me salvado. Pouco a pouco ia me recuperando. Assustei quando vi meu mijo negro, meu sangue morto, e mais ainda quando voltou a febre. Apertei o braço do médico e pedi que não me deixasse morrer, porque eu não queria mais morrer, e ele riu e me disse que não enchesse o saco.

4

Lembro o tempo do hospital como uma longa viagem. Eu ia em um trem, atravessando o mundo, e da bruma da noite escapavam cidades e resplendores, caras queridas, e eu lhes dizia adeus.

Via o mar e o porto de Montevideu e as fogueiras de Paysandú, as esquinas e as planícies onde tinha sido garoto e feliz. Via um potrinho galopando. Via ranchos de terra e aldeias fantasmas. Passarinhos no lombo de uma vaca deitada. O casco de uma fazenda em ruínas. Me via entrando na capela invadida pelos arbustos. Eu metia a chave enorme e a porta rangia e gemia. De fora chegava o ruído da alegria das calandras e dos *teru-teru*. A luz atravessava os vitrais e banhava, avermelhada, minha cara, enquanto eu abria caminho entre as ervas e chegava ao altar e conversava com Deus e o perdia.

Via meu irmão despertando-me debaixo das árvores, sacudindo-me, no amanhecer do terceiro dia de nossa travessia a cavalo pelo campo aberto. Ele me despertava e me perguntava: “Você esteve alguma vez com uma mulher?”, e eu espreguiçava e mentia.

Via mares e portos. Cantinas de subúrbio, cheias de fumaça, cheirando a comida quente. Prisões. Comarcas distantes. Povoados perdidos nas montanhas. Acampamentos com fogueiras. Via olhares, ventres, brilhos: mulheres amadas sob a chuva violenta ou no mar ou nos trens, mulheres cravadas à meia-noite contra uma árvore na rua; abraços de besouros que rodam pelas areias nas dunas.

Via meus filhos e via amigos de quem nunca mais se soube.

Eu tinha passado toda a vida dizendo adeus. Merda. Toda a vida dizendo adeus. Que acontecia comigo? Depois de tanta despedida, o que eu tinha deixado? E em mim, o que havia ficado? Eu tinha trinta anos, mas entre a memória e a vontade de continuar se amontoavam muita dor e muito medo. Eu tinha sido muitas pessoas. De quantas carteiras de identidade era dono?

Outra vez havia estado a ponto de naufragar. Tinha escapado de morrer uma morte não escolhida e longe de minha gente, e essa alegria era mais intensa que qualquer pânico ou ferida. Não teria sido justo morrer, pensei. Não tinha chegado ao porto esse barquinho? Mas, e se não houvesse nenhum porto para esse barquinho? Vai ver navegava pelo puro prazer de andar ou por causa da loucura de perseguir aquele mar ou céu luminoso que tinha perdido ou inventado.

Agora, morrer teria sido um erro. Eu queria dar tudo antes que a morte chegasse, ficar vazio, para que a filha da puta não encontrasse nada para levar. Tanto suco eu ainda tinha! Sim, era isso o que tinha ficado em mim ao fim de tanto adeus: muito suco e vontade de navegar e desejo de mundo.

5

Meus amigos me trouxeram do hospital de automóvel. Chegamos a Macuto pouco antes do cair da tarde. Sentamos em um bar, pedimos cerveja.

Da luz do crepúsculo saíam entardeceres de outros tempos. Quando eu era pequeno ia pescar, não pela pesca, porque na verdade sentia pena dos peixes, mas pela alegria de estar ali no cais vendo como o mar engolia lentamente o sol. Tinham passado os anos e agora era igual. Eu sentia a mesma coisa no peito. Pensei que alguma coisa essencial não tinha mudado dentro de mim, apesar de tudo.

Ri com meus amigos. Eles me ofereceram muletas, me disseram que a malária tinha me deixado o mal de São Vito, propuseram que eu começasse a cuidar da aposentadoria.

Ao anoitecer voltaram a Caracas. Eu subi ao quarto e deitei. Quis dormir, não pude.

6

Depois me levantei e caminhei. Sentia a areia nas plantas dos pés descalços e as folhas das árvores tocavam meu rosto. Tinha saído do hospital feito um trapo, mas tinha saído vivo, e não me importavam porra nenhuma o tremor do queixo ou a frouxidão das pernas. Me belisquei, ri. Não tinha dúvidas nem medo. O planeta inteiro era terra prometida.

Pensei que conhecia umas tantas histórias boas para contar aos outros, e descobri, e confirmei, que meu assunto era escrever. Muitas vezes tinha chegado a me convencer de que esse ofício solitário não valia a pena se um o comparava, digamos, com a militância ou a aventura. Tinha escrito e publicado muito, mas me faltou coragem para chegar ao fundo de mim e abrir-me por completo e oferecer isso. Escrever era perigoso, como fazer o amor quando se faz como deve.

Aquela noite percebi que eu era um caçador de palavras. Para isso tinha nascido. Essa ia ser minha maneira de estar com os demais depois de morto e assim não iam morrer totalmente as pessoas e coisas que eu tinha querido.

Escrever era um desafio. Eu sabia. Desafiar-me, me provocar, dizer a mim mesmo: “Não vai conseguir”. E também sabia que para que nascessem as palavras eu tinha de fechar os olhos e pensar intensamente em uma mulher.

7

Então senti fome e me meti no restaurante chinês de Macuto. Sentei perto da porta, para receber a brisa fresca que vinha do mar.

No fundo do restaurante estava uma moça comendo sozinha. Via-a de perfil; quase não prestei atenção. Além disso, sou curto de vista, e estava sem óculos.

Não lembro o que comi. Enrolados, suponho, e sopa e frango saltado ou qualquer coisa assim. Bebi cerveja, que é sempre melhor que mau vinho. Tomei a cerveja como gosto, com a espuma gelada nos lábios e o líquido dourado atravessando a espuma e roçando-me os dentes.

Comendo esqueci o tremor do queixo. A mão levava com firmeza o garfo à boca.

Ergui os olhos. A moça pálida se aproximava, com passos lentos, vinda lá do fundo.

Levantou do chão um aviãozinho de papel e rasgou-o em pedacinhos. Olhei-a, me olhou.

– Te mandei um recado – disse.
Engoli saliva. Sorri me desculpando.
– Senta – convidei.
– Não percebi – expliquei.
Perguntei o que dizia o bilhete.
– Não sei – me disse.
– Senta – repeti, e estendi uma cadeira.
Moveu a cabeça; vacilou. Finalmente sentou. Olhava o chão, sem jeito.
Quis continuar comendo, mas era difícil.
– Dá para perceber que você não toma sol – disse.
Encolheu os ombros.
O resto da comida esfriou no prato.
Ela estendeu a mão, buscando cigarros. Cheguei a ver as cicatrizes dos cortes nos pulsos.
Acendi seu cigarro. Tossiu.
– São fortes – disse.
Examinou o maço, fez com que desse voltas na mão:
– Não são daqui – afirmou.
A luz lambia sua cara. Era bonita, apesar da palidez e da magreza. Cravou os olhos em mim e eu desejei que sorrisse e não soube como.
– Sabe por que joguei o aviãozinho em você? – perguntou, e respondeu:
– Porque você tem cara de louco.
Acho que havia uma música chinesa, tristonha, soando baixinho. Uma voz de mulher, se não me engano, que se cortava na metade de cada queixa.
– Eu nunca tomo sol – explicou. – Passo o dia inteiro trancada em meu quarto.
– E o que você faz, trancada?
– Espero – disse.

8

No final apagaram as luzes, o que era um jeito não muito chinês de mandar a gente embora, e caminhamos uns passos até a areia. Sentamos.
Ergui os olhos para o céu daquele país. Era um céu diferente do nosso. Comecei a caçar estrelas. Surpreendido, descobri o Cruzeiro do Sul no horizonte. A moça pálida me disse que o Cruzeiro do Sul se mostrava em maio.

Falou como se tivesse passado anos calada. Falava e mordia as unhas. Tinha as unhas todas roídas.

Meus joelhos estavam frouxos e meus olhos cheios de sono; tinha voltado o tremor do queixo. Mas me sentia bem ali.

Não sei por quê, disse que ela era linda mas magra, e ela se defendeu. Levantou a saia para confirmar.

Depois caminhamos algumas quadras sob as árvores. Apontou vagamente para as casas de telhas vermelhas, em uma ruazinha estreita que desembocava na praia.

– Eu moro ali – disse.

Eu também gostava de sua voz um pouco rouca.

Parou, se apoiou de costas contra uma parede.

Fazia calor. Havia mosquitos na luz do poste.

– Me desculpe por falar tanto – disse ela.

Mordeu os lábios. Uma gotinha de sangue escorreu rumo ao seu queixo.

9

Gostei de vê-la tirar a roupa à luz da lua. Não tinha mentido ao dizer que era uma falsa magra.

Creio que nunca estive pior. Mover um braço me custava um triunfo. Saí dela aos pedaços.

Me acordou agitada, me sacudindo:

– Que é isso?

Virei; esfreguei os olhos.

Num ângulo da porta aberta brilhavam dois olhos dourados, deslumbrantes no negror.

– Não sei – disse. – Um gato.

Estava deslizando novamente no sono quando ela me apertou um braço.

– Olha – disse.

– O quê?

– Continua aí.

Os olhos não piscavam nem se moviam.

Então, eu também não consegui dormir.

Acendi a luz e não vi nem gato nem nada. Apaguei e virei a cara contra a parede. Mas sentia na nuca o disparo de eletricidade.

A moça pálida se levantou e avançou.
– Deixa disso – murmurei.
Vi como ela se agachou, adivinhei os murmulhos que o ruído do mar apagava. O corpo dela se interpôs entre os olhos dourados e eu.
De repente ela deu um grito.

10

Acendi a luz da cabeceira. Ela estava meio abobada, olhando a mão. Vi as marcas da mordida.

– Esse gato tinha raiva – falou, e começou a chorar.

Para falar, tive que obrigar a garganta. Creio ter sido sincero: disse que os cães transmitem raiva, os gatos, não. A sonolência me arrastava. A mão dela começou a inchar.

– Sim – insistia ela – tinha. Esse gato tinha raiva.

– Você não se importa de me ver morrer – gemia.

Decidiu sair para perguntar. Quando fiquei em pé, o mundo deu uma volta completa. Me vesti, não sei como, e continuei tonto, quando descemos.

Encontramos um marinheiro que dormia de costas contra a muralha de pedras da praia. Respondeu sem pressa e sem raiva, enquanto dava as primeiras pitadas num cigarro. Era preciso perseguir o gato e agarrá-lo, para saber.

E andamos, agachados os três, chamando gatos na escuridão. Tínhamos uma única lanterna. Vimos gatos de todas as cores e tamanhos. Nós miávamos e eles respondiam, apareciam, deslizavam pelas sarjetas e fugiam.

A cada poucos metros eu me sentava no chão e juntava forças para os próximos passos. Não resfolegava, porque já não tinha fôlego nem para isso. Tampouco piscava: se deixasse que as pálpebras se juntassem, dormia.

11

Sua mão começou a ficar avermelhada. Tinha o braço paralisado, mas já não se queixava. Era preciso ir ao hospital. Quis ir sozinha. Meu corpo tinha entrado em greve: eu dava ordens e ele não se movia. “Companheiro corpo”, pedi, “o senhor não pode falhar.”

Para ir ao hospital tínhamos de chegar até a autopista e esperar que a

Divina Providência nos mandasse um táxi.

A estrada ficava do outro lado de uma ladeira empinada e longa.

No hospital injetaram soro. A moça pálida saiu com a mão enfaixada. Me disse, seca, que tinha de ir a Caracas, ao Instituto Antirrábico, durante catorze dias, todos os dias, para levar injeções. A primeira era às oito da manhã. Prometi acompanhá-la. Ela não disse nada.

Quando voltamos, já se erguia no horizonte a bruma da alvorada. Com a primeira luz, um barco pesqueiro apareceu, solitário, na frente da praia.

Subi as escadas, com movimentos de sonâmbulo, e me afundei na cama. Acho que cheguei a colocar em seu devido lugar os ponteiros do despertador, mas não dei corda.

Acordei às quatro da tarde.

12

Procurei por ela.

Percorri, casa por casa, a quadra onde tinha dito que morava. Eu não sabia seu nome. Ofereci o que pude: o rosto, a brancura da pele, as roupas, o lenço no pescoço, as sandálias. Ninguém tinha visto. Ninguém tinha ouvido.

Andei pela costa. Caminhei, perguntei, insisti.

Tive de ir a Caracas. Já era tarde quando voltei.

O garçom do restaurante chinês estava espalhando serragem no chão. Se apoiou na vassoura. Sorriu e concordou com a cabeça.

Não me disse nada.

O sol extinguiu as cores e as formas das coisas

Cinco anos depois voltei a Macuto.

O Hotel Alemanha não estava igual. Encontrei escangalhadas as poltronas de vime do terraço e arreventados os mosquiteiros das portas, mais machucados o soalho e as paredes, mais opacos os rostos dos velhinhos que passavam os dias sentados na sombra dos portais.

Lá fora havia, como sempre, sol, pombas e gente.

Meu quarto estava livre. Dormi na mesma cama, gasta por outros corpos, e acordei cedo.

Não encontrei o calção que deixara para secar na varanda. Pode ter sido um ladrão, que não tinha por onde entrar e, mesmo que tivesse, não valeria a pena; ou o vento, que não havia. Talvez Macuto quisesse me tomar alguma coisa; e ficar com ela.

Andei caminhando pela costa todo o dia.

Fazia muito calor. A luz reverberava, fervia; bastava cravar a vista em um ponto qualquer do ar, para que se desatasse um incêndio branco. Com razão Luís Britto diz que a luz do trópico é um exército de formigas que devora o que toca. Luz de Macuto, punhais dos olhos de Deus: o pintor Reverón, que ergueu sua casa de pedra ali e ficou louco perseguindo essa luz e morreu sem conseguir.

Mas eu prefiro os resplendores da gente

1

“Traidor”, eu disse. E mostrei o recorte de um jornal cubano: ele aparecia vestido de *pitcher*, jogando beisebol. Lembro que ele riu, rimos; se respondeu alguma coisa, não sei. A conversa saltava, como uma bolinha de ping-pong, de um assunto a outro.

– Eu não quero que cada cubano aspire a ser Rockefeller – disse ele.

O socialismo tinha sentido se purificava os homens, se os lançava além do egoísmo, se os salvava da competição e da avareza.

Contou-me que quando era presidente do Banco Central tinha assinado as notas com a palavra *Che* para se divertir, e me disse que o dinheiro, fetiche de merda, deveria ser feio.

Che Guevara se delatava, como todos, pelos olhos. Lembro um olhar limpo, como recém-amanhecido: essa maneira de olhar dos homens que acreditam.

2

Conversando, era impossível esquecer que aquele homem tinha chegado a Cuba ao fim de uma peregrinação ao longo da América Latina. Tinha estado, e não como turista, no torvelinho da revolução boliviana e na agonia da revolução guatemalteca. Tinha carregado bananas na América Central e tirado fotografias nas praças do México, para ganhar a vida, e para apostá-la se lançou na aventura do *Granma*.

Não era homem de gabinete. Tinha que estalar, cedo ou tarde, aquela tensão de leão enjaulado que era fácil de advertir quando o entrevistei em meados de 1964.

Este foi o caso insólito de alguém que abandona uma revolução já feita por ele e um punhado de loucos, para se lançar no começo de outra. Não viveu para o triunfo, e sim para a luta, a sempre necessária luta pela dignidade humana.

Candela, o chofer que me acompanhou naquela primeira volta por Cuba, costumava chamá-lo *cavalo*. Ele só aplicava este supremo elogio à cubana a três pessoas: Fidel, Che e Shakespeare.

3

Três anos depois, fiquei com os olhos cravados na primeira página dos jornais. As radiofotos mostravam seu corpo imóvel em todos os ângulos. A ditadura do general Barrientos exibia ao mundo seu grande troféu.

Olhei vagamente seu sorriso, ao mesmo tempo irônico e terno, e me voltaram à cabeça frases daquele diálogo de 1964, definições do mundo (“Uns têm a razão, mas outros têm as coisas”), da revolução (“Cuba não será nunca uma vitrina do socialismo, e sim um exemplo vivo”) e de si mesmo (“Eu me equivoquei muito, mas creio que...”).

Pensei: “Fracassou. Está morto”. E pensei: “Não fracassará nunca. Não morrerá jamais”, e com os olhos fixos nessa cara de Jesus Cristo do Rio da Prata senti vontade de cumprimentá-lo.

***Buenos Aires, outubro de 1975:
A vida cotidiana da máquina***

1

Orlando Rojas é paraguaio, mas vive em Montevideú há anos. Conta que uns policiais surgiram em sua casa e levaram os livros. Todos: os de política e os de arte, os de história e os de flora e fauna. No grupo havia um sujeito jovem, sem uniforme, que se punha lívido e uivava, ante certos títulos, como um inquisidor ante uma festa de bruxas.

Um oficial desafiou Orlando:

– Vocês gritam muito, mas são uma meia dúzia.

– Somos meia dúzia. Por enquanto somos meia dúzia – disse o paraguaio, que fala muito devagar. – Mas quando formos sete...

Levaram-no também. Ficou preso e depois o soltaram. Na semana seguinte tornaram a prendê-lo:

– Seu depoimento sumiu.

Foi maltratado e depois expulso do Uruguai. Em Buenos Aires, a polícia estava esperando por ele. Tiraram seus documentos.

– Tive sorte – diz Orlando.

– Vá embora – digo. – Eles vão te matar.

2

Encontro Ana Basualdo. Ela também teve sorte.

Vendaram seus olhos e arrancaram-na de sua casa de Buenos Aires. Não sabe onde esteve. Foi amarrada com cordas, mãos e pés.

Apertaram seu pescoço com um fio de náilon. Batiam e chutavam enquanto faziam perguntas sobre um artigo que ela tinha publicado.

– Esta é uma guerra santa. Você foi julgada e condenada. Vamos te fuzilar.

Ao amanhecer, mandaram que ela saísse de um automóvel. Apertaram seu corpo contra uma árvore. Ela estava de costas e com os olhos vendados, mas sentia que vários homens se punham em fila e se ajoelhavam. Escutou o clic das armas. Uma gota de transpiração correu por sua nuca. E então veio a rajada.

Depois Ana descobriu que continuava viva. Apalpou o corpo; estava inteira. Escutou ruídos de motores que se afastavam.

Conseguiu soltar-se, e arrancou a venda. Chovia, e viu o céu muito escuro. Em algum lugar latiam cachorros. Ela estava rodeada de árvores altas e velhas.

– Uma manhã feita para morrer – pensou.

Buenos Aires, outubro de 1975:
Ela não apagou nunca, mesmo sabendo que
estava condenada

1

Nove e meia da noite. O porteiro já deve ter desligado o velho elevador. Em alguma parte se fecha uma janela. Longe, perto, soam televisores e motores. Latidos, vozes humanas: alguém brinca, alguém protesta. Chamam para comer, que vai esfriar; cheiros de frituras e carne assada invadem, pela janela meio aberta, o ar espesso de fumaça de tabaco.

Penso em Elda. Já foi internada. Está dopada, para que não sofra ou não saiba que sofre. Os médicos cruzam os braços: não há nada a ser feito. Devo ir ao hospital. Custa.

A última vez, Elda disse:

– Quando eu sair disto, me leva pra comer em tua casa? Quero comida chinesa e vinho.

Há uns tantos dias que Elda não me diz: “Quando sair disto”, nem “Quando eu curar”.

Antes pedia ou prometia viagens ao cinema ou à praia ou ao Brasil, mas agora não pode falar e nem diz isso nem nada.

Eu a conheci no dia em que desapareceu Villar Araújo. Fiquei assombrado com os olhos que tinha, tão grandes e de pestanas imensas, e que pareciam estar chegando da dor.

Depois continuamos nos encontrando.

– De onde você tirou tanta doçura?

– Quando eu era pequena me davam muita beterraba. Em Chivilcoy, conhece?

Nos encontrávamos no *Tolón* ou no *Ramos*.

2

O mal abocanhou seu peito quando ela tinha dezesseis anos. Levava oito lutando e continuava invicta, mas o corpo tinha sido ferozmente castigado pelo

cobalto e as operações e os erros dos médicos. Não falava do assunto, ou falava pouco. Tinha aprendido a se entender com sua maldição, e não mentia: guardava sua história clínica no guarda-roupas.

Quando a vi em casa, antes que fosse internada, já não podia falar, porque o peito saltava, enlouquecido, com cada palavra: bebia um gole de água e agitava a mão pedindo a máscara de oxigênio. Ao redor da cama havia parentes e amigos que eu não conhecia. Elda estava muito pálida, tinha a testa úmida; o rosto inclinado, jazia sobre o travesseiro com os cabelos abertos na testa. Havia sol lá fora, e a luz da tarde entrava através das cortinas. A camisola azul ficava bem, e disse a ela. Elda sorriu, triste, e então me aproximei e vi os primeiros sinais da morte em sua cara. O nariz tinha afilado e a pele estava um pouco apertada contra as gengivas. O olhar, sem brilho, se perdia no vazio; um brilho fugaz atravessava suas pupilas quando espantava com a mão inimigos ou nuvens ou moscas. Beijei-a. Os lábios estavam frios.

3

Uma vez me contou um sonho que a perseguia desde menina. O metrô saía dos trilhos e avançava, esmagando gente, pela plataforma. Ela estava ali e o metrô vinha para cima dela. Conseguia evitá-lo, correndo, e subia a escadaria aos saltos. Saía ao ar livre, feliz por ter escapado. E então percebia, de repente, que tinha esquecido alguma coisa lá embaixo. Era preciso voltar.

4

Chego ao hospital. Há um mundo de gente. Alguns choram. Pergunto por Elda. Abrem a porta para que eu a veja. Veste a camisola azul, mas mudou a cor de sua pele e está toda crivada de agulhas e sondas. Tem um tubo na boca. Pela boca sai um fio de sangue. O corpo se agita em convulsões violentas, apesar dos soporíferos e dos calmantes.

Penso que Deus não tem o direito de fazer uma coisa dessas. Depois não penso em porra nenhuma. Desço as escadas, sonâmbulo e aos tropeções. Escuto a voz da melhor amiga de Elda, chamando meu nome. Ficamos um tempão parados, frente a frente, silenciosos, olhando um para o outro. Entra e sai gente pela porta do hospital.

E ela diz:

– Aquele domingo... você lembra?

Não passou um século. Só dez dias ou umas duas semanas. Elda já não podia se levantar da cama. Pouco a pouco os pulmões iam morrendo. Já não respirava: arfava. Pediu-me que a tirasse dali. Era um disparate, mas ninguém disse nada. Vestiram-na, pentearam seus cabelos. A duras penas chegamos a um táxi. Caminhávamos com passinhos curtos, com tréguas a cada metro ou metro e meio. Ela sufocava; eu a suspendia pelo braço, para que não caísse. Propus teatro ou cinema. Quis vir para minha casa. Naquela noite de domingo Elda teve três pulmões. De madrugada me piscou um olho e pôde dizer, sorrindo: “Fiz um pacto com o Diabo”.

E agora sua melhor amiga me diz:

– Quero que você saiba o que ela disse quando voltou. Quando voltou para casa, me disse: “O Diabo não mente”.

***Uma moça navega
cantando entre as pessoas***

Na estação do metrô, a multidão abre caminho para a moça cantora.

Ela caminha balançando o corpo docemente.

No violão leva pendurado um cesto de palha, onde as pessoas jogam moedas.

A moça tem cara de palhaço e, enquanto caminha, canta e pisca para as crianças.

Ela canta melodias quase secretas em meio ao barulho da estação.

Fui feito de barro, mas também de tempo

Desde que eu era garoto soube que no Paraíso não existia memória. Adão e Eva não tinham passado.

Pode-se viver cada dia como se fosse o primeiro?

Para que se abram as largas alamedas

1

Não reconheci a voz nem o nome. Disse que tinha me encontrado em 1971, no café *Sportman* de Montevideú, quando ela estava para viajar ao Chile. Eu tinha escrito algumas linhas apresentando-a a Salvador Allende. “Lembra?”

– Agora preciso te ver. Tenho de falar com você, sem falta – disse.

E contou que me trazia um recado dele.

Desliguei o telefone. Fiquei olhando a porta fechada. Fazia seis meses que Allende tinha caído crivado de balas.

Não pude continuar trabalhando.

2

No inverno de 1963, Allende me levou ao Sul. Com ele vi neve pela primeira vez. Conversamos e bebemos muito, nas noites longuíssimas de Punta Arenas, enquanto caía a neve do outro lado da janela. Ele me acompanhou para comprar ceroulas longas até os pés, boas contra o frio. Lá, eram chamadas *matapasiones*.

No ano seguinte, Allende foi candidato à presidência do Chile. Atravessando a cordilheira da costa, vimos juntos um cartaz que proclamava: “Com Frei, as crianças pobres terão sapatos”. Alguém tinha rabiscado embaixo: “Com Allende não haverá crianças pobres”. Ele gostou, mas sabia que era poderosa a maquinaria do medo. Contou que uma empregada tinha enterrado seu único vestido no fundo da casa do patrão, porque se a esquerda ganhasse viriam tomar o vestido dela. O Chile sofria uma inundação de dólares e nas paredes das cidades os barbudos arrancavam os bebês dos braços de suas mães para levá-los a Moscou.

Nas eleições de 1964, a Frente Popular foi derrotada.

Passou o tempo; continuamos nos vendo.

Em Montevideú acompanhei-o às reuniões políticas e aos comícios; fomos juntos ao futebol; dividimos a comida e as bebidas, as *milongas*. Ele se emocionava com a alegria da multidão nas tribunas, o modo popular de celebrar os gols e as boas jogadas, o estrépito dos tambores e dos foguetes, as chuvas de

papeizinhos coloridos. Adorava panqueca de maçã no velho *Morini* e o vinho *Cabernet* de Santa Rosa fazia com que estalasse a língua, por pura cortesia, porque nós dois sabíamos bem que os vinhos chilenos são muito melhores. Dançava com vontade, mas no estilo dos cavaleiros antigos, e se inclinava para beijar a mão das moças.

3

Vi-o pela última vez pouco antes de que assumisse a presidência do Chile. Nos abraçamos em uma rua de Valparaíso, rodeados pelas tochas do povo que gritava seu nome.

Essa noite me levou a Concón, e de madrugada ficamos sozinhos no quarto. Tirou um cantil de uísque. Eu estava chegando da Bolívia e de Cuba. Allende desconfiava dos militares nacionalistas bolivianos, embora soubesse que iria precisar deles. Me perguntou por nossos amigos comuns de Montevideu e Buenos Aires. Depois me disse que não estava cansado. Seus olhos se fechavam de sono e ele continuava falando e perguntando. Abriu uma fresta na janela, para cheirar e escutar o mar. Não faltava muito para o amanhecer. Essa manhã ele teria uma reunião secreta, ali no hotel, com os chefes da Marinha.

Uns dias depois jantamos em sua casa, junto com José Tohá, um fidalgo pintado por El Greco, e Jorge Timossi. Allende nos disse que o projeto de nacionalização do cobre iria ser devolvido pelo Congresso. Pensava em um grande plebiscito. Atrás da bandeira do cobre para os chilenos a Unidade Popular ia romper os moldes da institucionalidade burguesa. Falou disso. Depois nos contou uma parte da conversa que tinha tido com os altos oficiais da Marinha, em Concón, aquela manhã, enquanto eu dormia no quarto do lado.

4

E depois foi presidente. Eu passei pelo Chile duas vezes. Nunca me animei a gastar seu tempo.

Vieram tempos de grandes mudanças e fervores, e a direita desatou a guerra suja. As coisas não aconteceram como Allende pensava; os monopólios foram nacionalizados e a reforma agrária estava partindo a espinha dorsal da oligarquia. Mas os donos do poder, que tinham perdido o governo, conservavam

as armas e a justiça, os jornais e as rádios. Os funcionários não funcionavam, os comerciantes escondiam, os industriais sabotavam e os especuladores jogavam com a moeda. A esquerda, minoritária no Parlamento, se debatia na impotência; e os militares agiam por conta própria. Faltava de tudo: leite, verdura, peças, cigarros; e, mesmo assim, apesar das filas e da raiva, oitocentos mil trabalhadores desfilaram pelas ruas de Santiago, uma semana antes do fim, para que ninguém achasse que o governo estava sozinho. Essa multidão tinha as mãos vazias.

5

E agora acabava o verão de 74, fazia seis meses que tinham arrasado o Palácio de la Moneda, e esta mulher estava sentada na minha frente, no meu escritório da revista em Buenos Aires, e me falava de Chile e de Allende.

– E ele me perguntou por você. Me disse: “E onde está Eduardo? Diga-lhe que venha comigo. Diga a ele que estou chamando”.

– Quando foi isso?

– Três semanas antes do golpe de Estado. Procurei você em Montevideu e não te encontrei: você estava viajando. Um dia telefonei para a sua casa e me disseram que você tinha vindo morar em Buenos Aires. Depois, pensei que já não valia a pena te contar.

Verão de 42

Há anos, em Kiev, me contaram por que os jogadores do Dínamo tinham merecido uma estátua.

Contaram uma estória dos anos da guerra.

Ucrânia ocupada pelos nazistas. Os alemães organizam um jogo de futebol. A seleção nacional de suas forças armadas contra o Dínamo de Kiev, formada pelos operários da fábrica de tecidos: os super-homens contra os mortos de fome.

O estádio está lotado. As arquibancadas se encolhem, silenciosas, quando o exército vencedor mete o primeiro gol da tarde: se acendem quando o Dínamo empata, estalam quando o primeiro tempo termina com os alemães perdendo por 2 a 1.

O comandante das tropas de ocupação envia seu assistente aos vestiários. Os jogadores do Dínamo escutam a advertência:

– Nosso time nunca foi vencido em territórios ocupados.

E a ameaça:

– Se ganharem, serão fuzilados.

Os jogadores voltam ao campo.

Poucos minutos depois, terceiro gol do Dínamo. O público acompanha o jogo em pé, e em um único longo grito. Quarto gol: o estádio vem abaixo.

De repente, antes da hora, o juiz dá por terminado o jogo.

Foram fuzilados com as camisetas, no alto de um barranco.

Mais forte que qualquer tristeza ou ditadura

Em Montevideu, nos primeiros tempos do exílio, Darcy Ribeiro tinha um papagaio que ficava em pé em seu ombro e arrancava cabelinhos de seu peito. O papagaio dormia no terraço. Na costa montevidiana os ventos são bravos. Uma manhã, o papagaio amanheceu afogado na piscina de Trouville.

Quando tornei a encontrá-lo, no Rio, Darcy não tinha nenhum papagaio. Mas me recebeu pulando e com brasas nos olhos: me chamou, como sempre, de “mulato ideológico”. Perguntou-me por meus trabalhos e meus dias e contou, sem queixas, a história de seus andares de país em país. Falou-me do Brasil, disse que uma república volkswagen não é essencialmente diferente de uma república bananeira, e em poucos minutos fez uma análise completa da crise estrutural argentina e explicou as causas da tragédia do Chile, e me disse o que se podia fazer no Uruguai.

Eu escutava, encantado, suas teorias audazes e suas definições brilhantes. Darcy tem um cérebro parecido com ele, não está quieto nunca, e vale a pena conhecer essa inteligência agitada mesmo quando se engana ou quando resolve perseguir a verdade a tiros de disparates. Por algum motivo não podem suportá-lo os que fizeram do marxismo um catecismo nem os sociólogos especializados em chatear o próximo.

Então perguntei pelo câncer.

Darcy tirou a camisa e me mostrou a cicatriz. Tinha um corte horrível, em forma de L, que percorria suas costas.

– Olha aí – disse, rindo. – Sou um resto de tubarão.

Darcy tinha querido ser operado no Brasil. Os militares autorizaram que ele morresse em seu país. Estavam esperando por ele: levaram-no do aeroporto ao hospital. Darcy tinha pouco fôlego. Com suas últimas forças passava a mão nas enfermeiras. Tiraram-lhe um pulmão e continuou vivo. O governo sentiu-se ludibriado.

Aquela noite, no Rio, era a véspera de sua partida para Lima. Darcy riu o tempo todo, mas me confessou que a ideia de não tornar a fumar era uma foda.

– Grave, não? Eu, que fumava cinco maços...

– Sabe o que descobri? – perguntou. – Que, na verdade, a gente faz todas as coisas pelo prazer de fumar. Para que a gente se mete no mar? Para que

conversa com os amigos? E lê? Para que a gente escreve? Para que faz o amor?
– O prazer está no cigarrinho – dizia. – Essa é a cerimônia.
E ria.

Última voz

Num pátio de Assunção do Paraguai, Don Jover Peralta erguia o punho, que parecia um galho seco, contra o ditador Stroessner.

– A gente vai dar a volta nesse Führer analfabeto! – clamava, com seu resto de voz. – Com a verdade daremos a volta nesses sacripantas!

O velho Peralta cheirava a mijo e era puro osso quando eu o escutei maldizer durante horas.

Me disse que tinha escrito uma carta aos estudantes, explicando a eles por que tinham de lutar pela América como uma pátria única, dona de suas riquezas e sem nada de ianques: mas tinha dado a carta a um cara, para que ele pusesse no correio, e o cara era um espião.

Falou de Solano Lopez e sua maneira nobre de morrer e falou da guerra da Tríplice Aliança.

– A oligarquia portenha fez muito mal a nós – sussurrou. – Nos fez desconfiados, suspicazes. A oligarquia portenha nos arruinou a alma.

– Badulaques! – gritava, e para ouvi-lo era preciso esticar a orelha.

O corpinho estava imóvel debaixo da árvore frondosa. Don Jover só podia mexer os lábios, mas a indignação fazia com que tremessem suas mãos e seus pés. Tinha os pés sem sapatos ou polainas, inchados pelo reumatismo. Quando caiu a noite, dormiu.

Jover Peralta tinha escrito alguns livros e tinha lutado a vida inteira para que os paraguaios fossem livres.

Depois morreu.

A missão mais difícil de minha vida

1

Eu pensava:

– Você é melhor que eu. Eu sei que você vai poder resistir. Você é um duro. Tenho de fazê-lo, peço a você que me ajude.

Aquele tipo tinha aguentado duas guerras nas montanhas. Quando trouxeram ele para baixo, numa liteira, desmaiado, a única coisa que ainda pesava em seu corpo eram as botas desfeitas e cheias de barro. Foi torturado e pendurado num tronco: batiam em seus rins porque sabiam que estava doente e mijava sangue. Ele não abriu a boca. Quando conseguiu se levantar, tempos depois, entrou na cela do traidor e arrebentou-lhe a cabeça.

– Que me ajude – eu pensava. – Que me ajude a quebrá-lo.

Aos catorze anos tinha entrado na luta. Desde então vivia para a revolução e para uma mulher. Eu ia matar a metade de sua fé.

– Missão de merda – pensava.

Na cadeia, ele fazia bolsas de couro. Com o que ganhava, mandava comprar para ela meias de náilon e sapatos. Tinha um baú de trinta quilos cheio de roupa nova que ia levar para ela, quando voltasse, porque ela ia estar esperando na estação.

Mas essa mulher vivia com outro homem.

O partido tinha decidido contar que ela pedia o divórcio. O partido queria ser o primeiro a dizê-lo, para evitar que a notícia fosse usada pelo inimigo. O inimigo podia usar esta situação para debilitar sua consciência e para conseguir que ele se sentisse sozinho.

Eu tinha entrado na cadeia, com algum pretexto, e tinha a missão de dizer isso a ele.

2

– Quer dizer que vive com outro – respondeu.

– Não, não é isso – respondi. – Mas ela quer... Se acontecesse... Quer estar livre. Tem direito. Passou muito tempo e não se sabe quantos anos faltam para... Tem direito. Você não acha que ela tem direito? Ela não jogou sujo.

– Quer dizer que vive com outro – repetiu.
Era homem de falar pouco.
– E, se vive com outro, para que quer o divórcio? E esse cara, como é? Não fez ainda nenhum filho nela?

3

Tempos depois me entregou uma carta, enrolada como um cigarro, para que a fizesse chegar até sua mãe.

Eu sempre fui muito indiscreto com as cartas. A carta dizia:

“Mãe:

Você que foi trouxe por ter-se deixado enganar por essa vagabunda. Eu desde o princípio sabia que ela ia acabar nessas andanças. Diz para ela que não quero que venha depois com choramingos.

Quero que você apanhe minhas coisas sem deixar nenhuma. Leve a medalha, a roupa e os sapatos. Recebi a foto das crianças. Leve também os meninos. Agora ela não tem nenhum direito e depois que não se queixe.

Diz ao Negro que é para ele ir até Santa Rita e que na avenida central, na frente do hospital, aí está a Amália, se não que pergunte ao Chino. Ela tem cabelo negro e uma pulseira de flores esmaltadas que eu tinha dado de presente. Que ele diga para a Amália que se prepare para quando eu voltar dentro de um tempo grande.

Também avise a Clara, prima do Ernesto, que me espere. Ela vive atrás do cemitério da Enramada, onde está a acácia grande.

Abraços a todos, a bênção”.

(Isto aconteceu há alguns anos em lugares que não posso contar.)

Buenos Aires, outubro de 1975: A violenta luz da glória

Hoje o Bidente veio me ver. Contou sua fuga do Uruguai e me pôs em dia com as últimas aventuras. Disse que logo vai visitar seu neto em Dacar.

O Bidente, assim chamado porque tem dois dentes faz quarenta anos esta semana. “Aos quarenta pode-se ser santo ou crápula. Mas puro”, advertiu.

O Bidente é um narrador oral admirável. Morro de inveja. Sabe salvar-se pela fantasia: e quase sempre o convite chega na hora. Senta na sua frente e viaja com você.

Durante a Segunda Guerra Mundial, forma parte do comando do general Stern que tira os judeus de Varsóvia pelos esgotos.

A libertação o encontra em Paris. Ali aprende os mistérios do amor. Uma japonesa revela para ele, em camas compridas, a linguagem secreta da ponta dos dedos e da língua e ensina a descobrir o universo das pintas, poros e cartilagens.

Em Paris, o Bidente é campeão de judô e caratê. Um xeque árabe o contrata para que organize seu exército de mercenários. É longa e dura a guerra contra os republicanos. O Bidente se arrasta pelo deserto junto ao único soldado sobrevivente. Dias e noites dividindo a sede e a esperança: avançam em silêncio pelas dunas, riem juntos, choram juntos. Não podem conversar porque não se entendem. No fim da espantosa travessia chegam a Meca. E nessa mesma noite, no Meca Hilton, grande banquete em sua homenagem. Estão banhados, barbeados: vestem túnicas limpas. O árabe brinda e o intérprete traduz. O árabe diz que homem de tamanha coragem nunca se viu, e pede por favor que ele o possua esta noite.

No Amazonas, o Bidente passa dois anos junto aos índios bororos. Atravessa as nove provas do guerreiro. A mais dura é a das formigas sobre o corpo untado de mel. A tribo o aceita como filho. Ele não faz amor com nenhuma índia. Se fizesse, teria de ficar para sempre: dessa aldeia ninguém foge. Na selva das vizinhanças, o Bidente contou, uma por uma, oito mil onças.

Em Manaus, é contratado por uma antropóloga norte-americana. Viajam de canoa. Ela é uma loura esplêndida. O Bidente esfrega suas costas nuas com banha de tartaruga para espantar os mosquitos. Quando por fim chegam na aldeia xavante, depois de alguns naufrágios e emboscadas, o cacique propõe a ele:

- Troco a mulher por minha filha.
- Ela não é minha mulher – explica o Bidente.
- Tonto – diz o cacique. – Não vê que então é melhor para você?

O Bidente vai e vem pelo rio.

Uma vez chega exausto a uma reserva indígena do Alto Xingu. Encontra ali um frade, que lhe convida a dormir em sua choça. Comem frutas e bebem aguardente. O frade fala demais. Conta ao Bidente como explora os índios, trocando seu valioso artesanato por santinhos da Virgem. O Bidente desconfia. Percebe que se converteu em uma testemunha perigosa. Banca o bêbado: cabeceia de sono. Mas dorme com a rede bem estirada para que ela vibre com os passos. À meia-noite, o frade se aproxima na ponta dos pés e aponta uma espingarda. O Bidente dá um salto e corta a cabeça do frade com um facão.

O Bidente viaja rio abaixo. No primeiro posto policial, encontra um delegado, seu Zacarias, que é um velho amigo. Conta o que aconteceu. Seu Zacarias caminha até a canoa, agarra pelos cabelos a cabeça do frade e joga-a no rio.

– As piranhas vão fazer o expediente – diz e convida o Bidente para tomar café.

No ano seguinte, na Colômbia...

***Rio de Janeiro, outubro de 1975:
Essa manhã saiu de sua casa e
nunca mais foi visto vivo***

1

Estamos no *Luna*, bebemos cerveja, comemos casquinhas de siri.

Tenho os sapatos brancos de talco e meus amigos querem me convencer de que o talco deve ser posto antes.

Esta tarde uma jornalista me entrevistou, na casa de Galeno de Freitas. Gravou duas ou três horas de conversa. O gravador não registrou nada. A única coisa que ficou foi um zumbido. Zé Fernando propôs que se escrevesse um artigo sobre a vida sexual das abelhas.

Zé anuncia um banquete, uma enorme travessa de moqueca de robalo para o próximo domingo, em sua casa de Niterói.

Peço mais casquinhas de siri, e depois mais; me dizem que sou um congresso de piranhas.

Rimos de qualquer coisa, esta noite, no *Luna*, rimos de tudo; e ficamos mudos quando aparece, na porta, uma mulher de olhos grandes e pele de azeitona, que leva um lenço vermelho atado à cabeça, como uma cigana. Ela se mostra por um instante, por um instante é uma deusa, e desaparece.

2

Estamos no *Luna* quando Ary traz a notícia:

– Suicidaram ele – diz.

Torres contou por telefone. Foi avisado de São Paulo.

Eric se levanta, pálido, boquiaberto. Aperto seu braço; torna a sentar. Eu sei que ele tinha combinado de se encontrar com Vlado e que Vlado não tinha ido nem telefonado.

– Mas se ele não estava em nada – diz.

– Mataram porque ele não sabia – diz Galeno.

– A máquina está louca – penso, ou digo. – Devem ter atribuído a ele até a Revolução de 1917.

Eric diz:

– Eu achava que isso tinha acabado.

Sua cabeça cai entre as mãos.

– Eu... – se queixa.

– Não, Eric – digo.

– Você não entende – diz. – Não entende nada. Não entende merda nenhuma.

Os copos estão vazios. Peço mais cerveja. Peço que encham nossos pratos.

Eric me crava um olhar furioso e se mete no banheiro.

Abro a porta. Encontro-o de costas contra a parede. Tem a cara amassada e os olhos úmidos; os punhos em tensão.

– Eu achava que tinha acabado. Achava que tudo isso tinha acabado – diz.

Eric era amigo de Vlado e sabe o que Vlado tinha feito e tanta coisa que ia fazer e não pôde.

3

Não faz muito tempo que o filho de Eric nasceu. Se chama Felipe.

– Dentro de vinte anos – diz – vou contar para ele as coisas de agora. Vou falar para ele dos amigos mortos e presos e de como era dura a vida nos nossos países, e quero que ele me olhe nos olhos e não acredite e me diga que estou mentindo. A única prova será que ele esteve aqui, mas já não vai recordar nada disto. Eu quero que ele não possa crer que tudo isso foi possível algum dia. Quero que me diga que este tempo não existiu nunca.

4

Felipe nasceu às cinco e meia da manhã do dia 4 de setembro. Eric telefonou para seu melhor amigo em São Paulo:

– Martha está tendo um filho. Me sinto sozinho. Me sinto mal.

O amigo anunciou que viria em meia hora, mas dormiu e não foi.

Eric saiu à rua. Comprou um jornal. Pagou com uma nota de cem cruzeiros.

– Não – disse o jornaleiro. – Não tenho troco.

Eric ergueu a mão e apontou o edifício da maternidade.

– Está vendo? – disse. – Naquela janela minha mulher está tendo um filho. Venha tomar uma cerveja comigo. Você convida – com esta nota.

5

Felipe está no berço e Eric conta coisas:

– Sabe que sou uma besta em questão de gasolina? Hoje fiquei sem gasolina outra vez. Você devia me avisar quando passamos um posto.

Diz:

– Você nasceu com tudo decidido. Tem um pai que não vai parar nunca nem vai nunca ter dinheiro. Os amigos de seu pai estão fodidos. Agora vamos para Buenos Aires. Desculpe: estou sendo injusto. Te levo, e você não pode decidir.

E pensa:

– E se amanhã ele achar que o mundo não está errado? E se tivesse preferido nascer filho de um corretor da Bolsa?

Ergue-o, leva-o ao terraço, mostra as plantas:

– Olha. É o segundo jasmim que temos em quatro anos. O primeiro nunca deu flores. Este deu quatro. Nasceram quando eu estava fora. Senti pena de não tê-las visto nascer. Eu tinha matado os bichos do jasmim e cheguei a ver os brotos. Agora, é preciso esperar um ano. Eu tinha de ir, sabe? Não tinha remédio. Era preciso. Coisas do trabalho.

No campo, Eric sobe nas árvores, para que Felipe aprenda.

6

Vlado Herzog tomou banho, fez a barba; beijou a mulher. Ela não se levantou para acompanhá-lo até a porta.

– Não há nada a temer – disse ele. – Me apresento, esclareço tudo e volto para casa.

O noticiário da televisão, esta noite, saiu assinado por ele. Quando as pessoas viram o noticiário, ele já estava morto.

O comunicado oficial disse que ele tinha se enforcado. As autoridades não permitiram uma nova autópsia.

Vlado não foi enterrado no setor dos suicidas.

O chefe da segurança pública de São Paulo declarou: “Esta é uma guerra crua, uma guerra nua, e é uma guerra na qual nós temos de utilizar as mesmas técnicas de nossos inimigos, se não quisermos ser derrotados. Vamos almoçá-los, antes que eles nos jantem”.

7

Sabe como é o amanhecer no Rio, irmão, visto da janela de sua casa? Há uma claridade no céu que vai subindo atrás dos telhados e os morros vão ficando avermelhados, pouco a pouco. Fogem as nuvens carregadas de chuva. Um pássaro passa perto, como uma chicotada: é o sinal do novo dia. O ar limpo estremece seu corpo, incha seu peito. Casa sua, casa minha: o mar está mais além, e já não se mostra, por culpa dos edifícios novos, mas eu o sinto, cheiro de mariscos, rugidos das ondas, e sei que alguma vez vai me tragar e me levar por aí, ela, a mar, deusa gluttona vestida de branco.

8

Vamos ao velho *Lamas*, para dizer-lhe adeus. Logo será derrubado e já não haverá onde respirar este aroma mesclado de frutas, tabaco e tempos idos. Entramos no *Lamas* atravessando montanhas de laranjas, bananas, abacaxis, goiabas e maracujás.

Tristes e mudos bebemos cerveja, um copo atrás do outro. Da mesa do fundo, Canarinho, peregrino dos bares do Rio, desafia o mundo.

– Eu li Nietzsche e vocês não sabem nada – ataca Canarinho. Está pequenino e magro e sozinho e muito bêbado. Escapa um assobio do papo no final de cada frase. Um silvo de canarinho.

– Não podemos parar de falar – diz, e assobia.

– E vamos falar sempre. Acham que vão nos fazer calar a boca? Não, não! Covardes!

Canarinho assobia.

– São todos jovens! Eles odeiam os jovens!

E assobia.

– São Paulo não pode parar de matar. Não pode parar de matar.

E assobia.

O Sistema

Meio milhão de uruguaios fora do país. Um milhão de paraguaios, meio milhão de chilenos. Os barcos zarpam repletos de rapazes que fogem da prisão, do fosso ou da fome. Estar vivo é um perigo; pensar, um pecado; comer, um milagre.

Mas quantos são os desterrados dentro das fronteiras do próprio país? Que estatística registra os condenados à resignação e ao silêncio? O crime da esperança não é pior que o crime das pessoas?

A ditadura é um costume da infâmia: uma máquina que te faz surdo e mudo, incapaz de escutar, impotente para dizer e cego para o que está proibido olhar.

O primeiro morto na tortura desencadeou, no Brasil, em 1964, um escândalo nacional. O morto número dez na tortura quase nem apareceu nos diários. O número cinquenta foi normal.

A máquina ensina a aceitar o horror como se aceita o frio no inverno.

***Buenos Aires, novembro de 1975:
Gosto de me sentir livre e ficar se quiser***

1

As gotas de transpiração deslizam e caem, clip, clon, entre os papéis esparramados sobre a mesa. Esta mesa é um chiqueiro. Os papéis avançam, se aproximam, me cercam. As cartas a que devo responder se misturam com os artigos que teriam de ser revistos e titulados e os trabalhos que ainda não li. Passo a mão pela testa. A mão atravessa um monte de papéis: cavouca, apalpa. Não encontra o lenço. Aparecem, em compensação, os cigarros. Levanto para roubar fósforos. Ao caminhar, sinto que me arde o vo das pernas.

Entre a papelada surge a carta de Marta, viúva de Rodolfo Gini. Vai fazer um ano que o liquidaram. Foi arrancado de sua casa de Huangueln, de madrugada, e depois arrojaram ao caminho, cinco quilmetros adiante, o corpo crivado de balas. Desde então, sua mulher me traz ou me manda as coisas que ele tinha escrito e que ela vai encontrando. Eu me fiz amigo desse homem que não conheci nunca. Ele se aproxima de mim através das palavras que deixou. “Pode amar-se o rio e não o mar?”, escreveu. “Deus não vive porque não pode morrer. Por isso Deus não te conhece nem te ama.”

Gini era professor. Não tinha cometido outro delito além de ensinar seus meninos a olharem de frente as coisas deste mundo.

“Cada noite penso que  a última”, me escreve Marta. “Não temo por mim, mas pelos meninos.” (Aquela noite ela soltou a mordaca com os dentes e aos arrancos se livrou dos nós dos pulsos e gritou e correu na escuridão.) O filho de dez anos perguntou, na semana passada, olhando o crucifixo:

– Mamãe, quando esses homens entraram aqui, Ele estava? Eu achava que onde Ele estivesse não ocorriam essas coisas.

2

Carta de Juan Gelman, de Roma. Ele era secretário de redação da revista. Fazia tempo que estava condenado. Tomou um avião; se salvou por um triz.

“Há três semanas estou com taquicardia”, escreve, “e não posso evitar. Não

porque me sinta culpado – cristã, estupidamente culpado –, mas porque estou longe e, sobretudo, porque a gravidade do que ocorre aí choca aqui com uma parede de borracha. Me agarram fúrias e tristezas irrefreáveis, e como resultado final esta taquicardia que não me deixa nem me deixa respirar.

Perdoe a solenidade. Faz tempo que não descarrego. Me resulta muito difícil escrever para Buenos Aires. Não sei se é autodefesa ou vontade de escapar, não da dor, mas de falar. Sei que está mal e isso me dá pesadelos de noite.

Como você vê, sou duro com essas coisas de afeto. A maior parte do tempo me basta com gostar. Sei que não é suficiente. Somos muitos os que andamos com o carinho estropiado, mas é preciso ter valor para tirá-lo de dentro, estropiado e tudo. Acho, agora, que é algo que temos de aprender, como tantas coisas na vida. Morreremos aprendendo, se quisermos viver distraídos de morrer.”

Me parece estar vendo Juan na manhã em que me deixou sobre a mesa um pacote enrolado em papel de jornal e amarrado com barbante. Ali estava toda a sua roupa e sua mobília. Disse:

– Tive de mudar de casa. Não sei para onde. Vou procurar. Cuide de meus pertences.

Deu meia-volta com a mão na maçaneta e acrescentou:

– Mas, antes, me conta a estória da galinha, porque ando meio triste.

Era uma história de Paco Espínola. Juan a sabia de cor, mas mesmo assim engasgava de rir cada vez que eu a repetia. Paco tinha lavado a honra da família degolando uma galinha que o mandara à puta que o pariu.

Como poderia agora, de longe, ajudá-lo?

Escrevo uma carta gozadora.

Juan diz que custa, que é difícil, mas ele pode abrir o peito e convidar, quando gosta: “Como o pão à boca”, soube escrever a uma mulher, “como a água à terra, oxalá eu te sirva para algo”, e soube pedir-lhe: “Teus pés caminhem em meus pés, teus pés. Esteja em mim como está a madeira no palito”. Porque Juan, o poeta, queria que o corpo dela fosse o único país onde o derrotassem.

3

Afundo as mãos nos bolsos. Estico as pernas. A sonolência me dá estremecimentos de prazer e de fadiga. Sinto a noite metida na cidade. É tarde.

Estou sozinho.

Não devo ficar sozinho aqui. Já sei. Mas esta noite me deixei ficar, fui ficando, fazendo nada ou abrindo portinhas na imaginação ou na memória.

Preguiçoso, fiquei grudado na cadeira. Por causa do calor; ou porque sim.

Sinto muita gente, conhecida ou inventada, assobiando em minha cabeça. Dentro de mim se cruzam e se misturam as caras e as palavras. Nascem, crescem, voam. Sou este ouvido que escuta ou sou a melodia? Não sou o olho que vê: sou as imagens.

4

O telefone toca e dou um pulo. Olho o relógio. Nove e meia da noite. Atendo, não atendo? Atendo. É o comando José Rucci, da Aliança Anticomunista Argentina.

– Vamos matar vocês, filhos da puta.

– O horário de ameaças, senhor, é das seis às oito – respondo.

Desligo e me felicito. Estou orgulhoso de mim. Mas quero levantar e não consigo: tenho pernas de trapo. Tento acender um cigarro.

Buenos Aires, novembro de 1975:
Despertou no barro

Foi acordado pela chuva, que o golpeava com ferocidade, em algum lugar do delta. As águas do Tigre estavam marrons e ele achou que esses eram os rios do inferno. Andou aos tombos pelas ilhas. Entrou em uma birosca e sentou perto do fogo. Trouxeram vinho e ele chamou uma mulher para a sua mesa. Quando chegou a convidada, era loura; mas com as horas foi mudando de cor e envelheceu muitos anos. Ele apertava as garras da bruxa entre suas mãos e contava que seu irmão tinha morrido em Montevideú, uma morte boba, e que ele não tinha podido ir, nem podia, mas que o pior não era isso. O pior era outra coisa, dizia ele, e ela queria ir embora, e ele não deixava. O pior era que ele não podia lembrar qual a última vez que tinha visto o irmão, nem o que tinham dito, nem nada.

Emílio Casablanca me conta isso, e não sabe se aconteceu ontem ou há um ano, e me parece vê-lo naquela bodega da calle Soriano, uma noite de fúrias, quando colocou contra a parede a fileira de garrafas de vinho tinto e arrebentou-as uma por uma na porrada e depois ficou muito tempo sem poder pintar.

Nos encontramos por casualidade, numa esquina de Buenos Aires. Agora vamos comer alguma coisa juntos. Amanhã iremos à feira. Vamos levar sua filhinha a passear, porque há muita estrela no céu e o dia será lindo.

O Sistema

Os encapuzados se reconhecem pelas tosses.

Massacram alguém durante um mês e depois dizem ao que sobrou desse alguém: “Foi um engano”. Quando sai, perdeu o trabalho. Os documentos também.

Por ler ou dizer uma frase duvidosa, um professor pode ser demitido; e fica sem trabalho se for preso, mesmo que por uma hora e por engano.

Aos uruguaiois que cantem com certa ênfase, em uma cerimônia pública, a estrofe do hino nacional que diz: “*Tiranos tremei!*”, se aplica a lei que condena “o ataque à moral das Forças Armadas”: dezoito meses a seis anos de prisão. Por rabiscar em um muro *Viva a liberdade* ou jogar um folheto na rua, um homem passará na cadeia, se sobreviver à tortura, boa parte de sua vida. Se não sobreviver, o atestado de óbito dirá que pretendeu fugir, ou que se enforcou, ou que faleceu vítima de um ataque de asma. Não haverá autópsia.

Inauguram uma cadeia por mês. É o que os economistas chamam de Plano de Desenvolvimento.

Mas e as jaulas invisíveis? Em que relatório oficial ou denúncia da oposição figuram os prisioneiros do medo? Medo de perder o trabalho, medo de não encontrá-lo; medo de falar, de escutar, de ler. No país do silêncio, pode-se terminar em um campo de concentração por culpa do brilho do olhar. Não é necessário despedir um funcionário: basta fazer com que saiba que pode ser demitido sem sumário, e que ninguém lhe dará nunca outro emprego. A censura triunfa de verdade quando cada cidadão se converte no implacável censor de seus próprios atos e palavras.

A ditadura converte em cadeias os quartéis e as delegacias, os vagões abandonados, os barcos em desuso. Não converte também em cárcere a casa de cada um?

O Sistema

Era aniversário do pai de Karl. Por uma vez, deixaram que ele ficasse com a gente grande depois do jantar. Ele ficou sentado em um canto, caladinho, olhando os parentes e amigos que bebiam e conversavam. Ao se levantar, Karl trombou na mesa e derrubou no chão um copo de vinho branco.

– Não foi nada – disse o pai.

A mãe varreu os vidros e limpou o chão com um trapo. O pai acompanhou Karl até o dormitório e disse:

– Às onze, quando os convidados forem embora, vou te bater.

Durante mais de duas horas, na cama, Karl esteve atado às vozes e ao passar dos minutos.

Às onze da noite em ponto chegou o pai, tirou o cinto e o surrou.

– Faço por seu bem, para que você aprenda – disse o pai, como dizia sempre, enquanto Karl chorava, nu, com a cabeça enterrada no travesseiro.

Há alguns anos, Karl me contou, em Montevideu, esta estória de sua infância na Alemanha.

Buenos Aires, dezembro de 1975: Comunhões

Junto lenha, trago água do arroio.

– Prove, mestre. Está no ponto.

– Hummm.

– Está bom, não é?

– Está ótimo, maninho.

Conseguimos uma linguiça sem gordura e muito gostosa. Vale a pena demorar a carne do peito de porco na boca. E depois entramos no churrasco de costela, cortando osso a osso na grelha e comendo aos poucos, como se deve. Engasgamos de tanto rir.

– Os *chinchulines* ficaram bem sequinhos. Estalam.

– Furei-os antes de colocá-los na grelha. Este é o segredo.

Deixamos o vinho respirar, um par de garrafas de *Carcassone*, e o sentimos deslizar, morno, espesso, pelas tripas e pelas veias.

Comemos e bebemos até que, na grelha, já não sobra nem um ossinho. Eduardo agarra o último pedaço com a ponta da faca. Eu olho para ele, com olhos de cão, e penso: “Vai se arrepender”, mas ele, impávido, engole.

Depois nos deitamos na relva, com o sol na cara e a ilha inteira só para nós. Fumamos. Não há mosquitos. A brisa faz assobiar as copas das casuarinas. De vez em quando escutamos, longe, o mergulhar de remos.

Sozinho, pouco gosto teria, ou nenhum, este churrasco com Eduardo Mignogna. De certo modo nós fazemos, juntos, o sabor de maravilha da carne e do vinho. Comemos e bebemos como celebrando, com a boca e ao mesmo tempo com a memória. A qualquer momento uma bala poderá nos deixar parados no ar, ou um de nós poderia até desejar essa bala, mas nada disso tem a menor importância.

Quando acordo da sesta, Eduardo está sentado no cais, com as pernas balançando. A luz do entardecer belisca as águas do rio Gambado.

– Tive um sonho, uma noite dessas – diz ele. – Esqueci de te contar. Sonhei que vínhamos para cá, na lancha de passageiros. Nós estávamos sentados um na frente do outro, do lado da popa, conversando. Deste lado não havia mais ninguém. Os outros passageiros estavam todos juntos, nos assentos da proa, muito separados de nós. Daí olhei para eles e notei algo estranho. Estavam muito quietos e mudos e eram todos exatamente iguais. Disse a você: “espera”, e caminhei até a outra ponta do barco. Toquei um dos passageiros e ploc, caiu no

chão. Quando caiu, a cabeça de gesso se soltou. Gritei: “Pula, pula!”, e mergulhei. Nadamos embaixo d’água. Quando pus a cabeça fora d’água, te vi. Tornamos a mergulhar e continuamos nadando com desespero. Estávamos bastante longe quando a lancha voou aos pedaços. Eu senti a explosão e tirei a cabeça fora d’água: vi a fumaça e as chamas. Você estava ao meu lado. Te abracei e acordei.

Buenos Aires, dezembro de 1975:
Comunhões

Jairo me telefona. Chegou ontem de Porto Alegre; passará uns dias em Buenos Aires. Me convida para jantar.

Faz cinco ou seis anos que não nos vemos. Me impressiona. Disfarço. Tem a cara deformada, um olho meio caído, e sorri torcendo a boca. A mão esquerda, mão de garra, move-se pouco: uma luva a protege contra o frio da noite.

Caminhamos pelo centro. O corpo de Jairo vacila, me empurra sem querer. Para. Respira fundo. As pontadas da dor nas costas o acossam. Está nervoso. Caminha e cospe.

Não faço perguntas. Às vezes ele menciona o acidente: “Quando sofri o acidente”, diz, ou diz: “Desde que sofri o acidente”.

Conta suas investigações históricas, os documentos apaixonantes que descobriu em Portugal, a vida nos mocambos de Palmares, as insurreições de escravos na cidade de Salvador; me explica sua tese sobre a escravidão como centro da história do Brasil.

Entramos em um restaurante. Continuamos discutindo. Jairo estudou a fundo o Paraguai da época da ditadura de Francia. Discordamos. Tampouco estamos de acordo sobre os caudilhos montoneros da Argentina do século passado.

Mas não é disso que ele quer falar comigo. O tempo inteiro sinto que o som é outro, que é outra a melodia.

Pedimos mais vinho.

Finalmente me fala dessa mulher. Conta do amor ardente e diz que uma noite ela o surpreendeu com outra. Dez dias mais tarde, Jairo foi pedir-lhe perdão. Ela não disse nada. Ele beijou-a e acariciou-a. Ela perguntou:

– Quer dormir comigo?

E disse:

– Se quiser, vai ter de pagar.

Ele sentou e olhou para ela. Perguntou:

– E quanto você cobra?

– Três mil cruzeiros – disse ela.

Ele preencheu o cheque, devagar. Assinou, soprou a tinta e estendeu o cheque.

Ela guardou-o e disse:

– Espera que vou descer para comprar cigarros.

E então ele ficou sozinho. Investiu contra o vidro da janela e saltou. Ficou estendido na calçada. O apartamento dela era no terceiro andar.

Depois passaram um tempo sem se ver. Quando se encontraram, ele andava de muletas. Se abraçaram trocando insultos.

Peço outra garrafa de vinho.

– Estou farto de mentir – diz Jairo. – Todo mundo me pergunta o que aconteceu e eu digo que foi uma trombada. Eu ia de carro pela estrada e...
Ultimamente, conto até os detalhes.

Buenos Aires, dezembro de 1975: Comunhões

Luís Sabini, chefe de produção da revista, desapareceu.

Temos esperança de que esteja preso, mas a polícia nega. Aníbal e Fico revolveram céu e terra. Faz mais de uma semana e não temos novidades.

Às vezes, pelas noites, depois do trabalho, Luís ficava falando de seu pai, que chegara a Montevideu vindo de uma aldeia de Parma que tinha cem casas e uma igreja.

Quando Luís era pequeno, faziam vinho em sua casa de Montevideu. Amassavam uvas com os pés descalços, e o caldo chegava até suas coxas. Se embebedavam todos por causa dos vapores. A lua decidia quando se faria a filtração entre os barris de carvalho.

Cada vinho tinha um nome. *Beija-me e verás* era o rosado forte; *Negro louco*, o tinto suave; *Grugnolino* o tinto, tão espesso que se você metesse uma colherzinha dentro, ela ficava em pé.

***Entrou no Ano-Novo
em um trem vazio de gente***

Ariel saiu da casa de um chileno que acabara de morrer. Tinha morrido longe de sua terra.

Daqui a pouco o ar ficaria cor de cinza, anunciando o primeiro dia de 1976. Ariel também estava longe de sua terra e o próximo amanhecer na França não teria nenhum significado para ele. Na terra de Ariel era outra hora, hora do Chile; nas mesas de lá havia cadeiras vazias e os sobreviventes erguiam os copos de vinho e estavam começando a celebrar o fim de um ano de merda.

Ariel Dorfman caminhava, lento, pelas ruas deste subúrbio afastado de Paris.

Mergulhou em uma estação de trem. Escutava o eco de seus próprios passos e buscava algum ser humano nos vagões vazios.

Encontrou o único passageiro. Sentou-se em frente.

Ariel tirou do bolso um livrinho, *The Clown*, e começou a ler.

O trem partiu e pouco depois o homem disse que gostaria de ser palhaço:
– *I'd like to be a clown* – disse, olhando o quadrado negro da janela.

Ariel não levantou os olhos do livro.

– *Must be a sad profession* – disse.

O homem disse que sim, mas que ele era triste.

– *Yes. But I am sad.*

Então se olharam.

– *I am sad, you are sad* – disse Ariel.

O homem disse que juntos fariam um bom par de palhaços e Ariel perguntou onde, em que circo.

– Em qualquer um – disse o homem. – Em qualquer circo de meu país.

– *And which is your country?*

– Brasil – disse o homem.

– Porra! Então posso falar espanhol!

E começaram a falar de suas terras perdidas enquanto o trem deslizava rumo a Paris.

– Eu sou triste – disse o homem – porque quero que a gente ganhe, mas no fundo sei que a gente não vai ganhar.

Depois se disseram adeus com o punho erguido.

Buenos Aires, janeiro de 1976: Introdução à Música

1

Julio está em casa. Teve de ir embora de Montevideú. Foi levado preso pela sétima vez e teve de ir embora. Anda sem dinheiro e sem vontade; não encontra trabalho.

Esta noite comemos bife à milanesa com salada, que ele preparou, e bebemos vinho.

Julio se estende na cama e fuma. Eu quisera escutá-lo e ajudá-lo, mas ele se cala, se nega a me oferecer dores. Eu mesmo estou como uma sombra boba. Não desperto as coisas ao tocar nelas: caem de minhas mãos.

Escolho um disco de barrocos italianos. Não sei quando o comprei, nem com quem; não me lembro de tê-lo escutado.

Albinoni chega no momento preciso.

Celebramos a melodia, cantarolamos em voz alta: o quarto se enche subitamente de boas notícias.

Lembro uma das histórias de Paco Espínola.

Parece que estou escutando-o: a vizinha tossida, arrastada, o cigarrinho sem brasa pendurado no lábio, nas rodas ao redor do fogão ou no café até de madrugada. Nos arredores de San José havia um curandeiro, negro velho, analfabeto, que Paco tinha conhecido por lá mesmo, em sua infância. O homem atendia sentado debaixo de uma árvore enorme. Punha óculos para examinar os pacientes com olhos de doutor e para fazer de conta que lia o jornal.

Todo o povo o respeitava e queria. Como bom curandeiro de lei, o negro sabia salvar com ervas e mistérios.

Uma tarde trouxeram para ele uma doente que estava na miséria. Era puro osso e pele, a moça; muito pálida, o olhar sem luz, tinha perdido a fome e estava muda e sem forças nem para caminhar.

O negro fez um sinal e se aproximaram da árvore os pais e o irmão.

Ele, sentado, meditava: eles, em pé, esperavam.

– Família – disse, finalmente.

E diagnosticou:

– Esta moça está com a alma toda esparramada.

E receitou:

– É preciso música para juntar.

Era uma manhã cinzenta e de frio bravo

Um amanhecer no fim de junho de 1973, cheguei a Montevideu no vapor que atravessa o rio vindo de Buenos Aires.

Eu estava em pé na proa. Tinha os olhos fixos na cidade que lentamente avançava na neblina.

Minha terra tinha sido atingida por duas desgraças e eu não sabia. Paco Espínola estava morto e os militares tinham dado um golpe de Estado e tinham dissolvido os partidos, os sindicatos e todo o resto.

***Não via a luz nem podia caminhar
mais de três passos***

Pouco antes do golpe, voltando de outra viagem, soube que a polícia tinha ido me buscar em minha casa de Montevideú.

Me apresentei sozinho. Senti medo ao entrar. A porta se fechou às minhas costas com um ruído seco, de armadilha. O medo durou uma hora. Depois, foi-se de meu corpo. O que poderia me acontecer, pior que a morte? Não ia ser a primeira visita.

Estava de cara contra a parede, no pátio. O andar de cima era um centro de torturas. Atrás de mim passavam os presos. Eram arrastados pelo pátio. Alguns voltaram desfeitos: eram jogados no chão. À meia-noite soava a sirena do transmissor. Eu escutava o estrépito, os insultos, a excitação dos caçadores lançando-se à caça do homem. Os policiais regressavam ao amanhecer.

Um par de dias depois me puseram em um automóvel. Me transportaram, fui trancado em uma cela.

Risquei meu nome na parede.

Pelas noites escutava gritos.

Comecei a sentir necessidade de conversar com alguém. Me fiz amigo de um ratinho. Eu não sabia se ia ficar trancado dias ou anos, e em pouco tempo se perde a conta. Foram dias. Sempre tive sorte.

À noite em que me soltaram, escutava murmúrios e vozes distantes, ruídos de metais, enquanto caminhava pelos corredores com um guarda de cada lado. Então os presos se puseram a assobiar, suave, baixinho, como se estivessem soprando paredes. O assobio foi crescendo até que a voz, todas as vozes em uma, começou a cantar. A canção sacudia as paredes.

Caminhei até minha casa. Era uma noite cálida e serena. Em Montevideú começava o outono. Fiquei sabendo que uma semana antes tinha morrido Picasso.

Passou um tempinho e começou o exílio.

Buenos Aires, janeiro de 1976:
Reencontro

1

Cristina conta suas cerimônias de exorcismo. Se trancou, sozinha em casa, durante dias e noites, e chamou os vivos, os mortos e os esquecidos. Acertou contas, diz, com todos. Com alguns andou aos insultos; a outros disse, pela primeira vez, que os amava.

Alguém abria a porta da cela e oferecia laranjas. Depois, a porta tornava a se fechar.

Caía a noite e ela cantava:

– *Eres alta y delgada...*

– Canta isso de novo – pedia uma voz, vinda de uma cela do alto.

E ela cantava de novo.

– Obrigado – dizia a voz.

Todas as noites pedia que ela cantasse isso, e ela nunca viu esse rosto.

2

– Há várias noites – diz – não sonho com a máquina. Sabe? Às vezes tenho medo de dormir. Sei que vou sonhar com isso, e sinto medo. Também sinto medo, ainda, dos passos nas escadas. Eu estava acordada quando vieram. Nunca te contei. Escutei os passos deles e quis que as paredes se abrissem e pensei: vou me jogar pela janela. Mas deixei que me levassem.

– Vai falar ou não? – disseram.

– Não tenho nada a dizer.

– Tirem a roupa dela.

Me deram choque na boca até que meus dentes afrouxaram.

E aqui, e aqui e aqui. Mas na banheira é muito pior. A eletricidade na água é muito pior. Sabe? Nunca mais pude nadar debaixo d'água. Não posso suportar a falta de ar debaixo d'água.

Me arrancaram o capuz.

– Os rapazes dizem que você está muito gostosa – disse o chefe – e eu vou

dar o gostinho a eles.

Entrou um cara e tirou a roupa. Atirou-se em cima de mim e começou a forcejar. Eu olhava o que acontecia, como se fosse outra. No rádio, me lembro, cantava Palito Ortega. E eu disse:

– Você é um pobre coitado. Não consegue nem na marra.

Me deu várias porradas.

Veio outro. Era um gordo. Tirou a camisa xadrez e a camiseta.

– Parece que você é meio arisca. Mas comigo, não banque a viva.

Terminou de se despir e se jogou em cima de mim. Me mordida o pescoço e os peitos. Eu estava muito longe. Sentia um hálito gelado, que saía dos meus poros.

Então veio o chefe, furioso. Me revirou pelo chão, a chutes. Sentou em cima de mim e afundou o cano do revólver entre minhas pernas.

Depois me chamou de *puta* porque eu não chorava.

O Sistema

Não se esgota na lista de torturados, assassinados e desaparecidos a denúncia dos crimes de uma ditadura. A máquina domestica para o egoísmo e a mentira. Para se salvar, ensina a máquina, você terá de se fazer hipócrita ou sacana. Quem esta noite te beija amanhã te venderá. Cada boa ação gera uma vingança. Se você diz o que pensa, te arrebetam; e ninguém merece o risco. No fundo, o operário desempregado não deseja que a fábrica despeça outro para que ele possa ocupar esse lugar? Não é o próximo um competidor e um inimigo? Há pouco, em Montevideu, um menino pediu à mãe que o levasse de volta ao hospital, porque queria desnascer.

Sem uma gota de sangue, sem nem ao menos uma lágrima, se executa a cotidiana matança do melhor que cada um tem dentro de si. Vitória da máquina: as pessoas têm medo de se falar e se olhar. Que ninguém se encontre com ninguém. Quando alguém te olha e sustenta esse olhar, você pensa: “Vai me foder”. O gerente diz ao empregado, que era seu amigo:

– Tive de denunciar você. Pediram listas. Era preciso dar algum nome. Se puder, perdoe.

De cada trinta uruguaio, um tem a função de vigiar, perseguir, castigar os outros. Não há trabalho fora dos quartéis ou das delegacias; e em todo caso, para conservar o emprego, é imprescindível o certificado de fé democrática que a polícia fornece. Se exige dos estudantes que denunciem os companheiros, se exorta as crianças a denunciar os professores. Na Argentina, a televisão pergunta: “O senhor sabe o que seu filho está fazendo nesse momento?”

Por que não figuram nas páginas de crimes e escândalos o assassinato da alma por envenenamento?

Buenos Aires, janeiro de 1976:
Introdução à Literatura

Passo uns dias com Eduardo e meus filhos. Escrevo tristezas. Uma noite, mostro-as a Eduardo. Ele afasta os papéis com uma careta:

– Você não tem direito – diz.

Fico aborrecido.

– Como que não?

E Eduardo me conta que na sexta-feira foi comprar presunto e salame no armazém da esquina de sua casa. A mulher do armazém é uma gorda que passa os dias cortando salame e salsichão e presunto em rodela e fatias, fazendo embrulhos, contas, cobrando; cuida sozinha do negócio e, quando cai a noite e ela fecha as portas de ferro, sente agulhas nos rins e nas pernas. Eduardo esperou a vez, pediu e pagou. Então viu que debaixo da caixa registradora havia um livro aberto, que a mulher lia aos poucos, enquanto trabalhava. Era um livro que eu tinha escrito.

– Já li esse livro várias vezes – disse a mulher do armazém. – Leio porque me faz bem, esse livro. Eu sou uruguaia, sabe?

E agora Eduardo me diz: “Você não tem direito”, enquanto afasta as coisinhas choronas que eu escrevi esses dias.

Buenos Aires, janeiro de 1976:
Ninguém pode nada contra tanta beleza

Ao cair da tarde, sento em uma mesinha do café *I Musici*.

Chino Foong, recém-chegado de Caracas, me mostra as fotos de um mural e de alguns quadros que pintou recriando os rostos e temas de Leonardo, Van Gogh e Matisse. Mostra os seus últimos desenhos e serigrafias. Fala sobre uma exposição que projeta fazer.

– É a história da América – diz Chino – vista através da *Primavera* de Botticelli.

Fico olhando para ele.

– Entende? Toda a história de pilhagem e matança através dessa mulher. Porque essa mulher nua é a América. Entende?

E diz:

– Quando olho a Gioconda, vejo como ela envelhece. Posso emputecê-la, posso inventar-lhe outra memória. Mas com essa mulher de Botticelli me acontece o contrário. Se a envelheço, não existe. Isolo as mãos, os olhos, um pé, não adianta: não posso magoá-la por nenhum lado.

Penso no assombro da América nos olhos dos conquistadores.

– Carlos V foi um momentinho na História e no fundo não pôde fazer nada a ela – diz Chino. – Teddy Roosevelt não pôde fazer-lhe nada. E os de agora também não podem.

– Todos a perseguiram – ri ele. – E Colombo, que foi o primeiro a entrar, morreu sem perceber.

O Universo visto pelo buraco da fechadura

Todos os dias – conta Freddy – eu o ajudo a preparar as tirinhas de massinha que ele usa para escrever. Papel e lápis não usa. Ele escreve gravando sinais na massinha. Eu não sei ler o que ele escreve. O que ele escreve não se lê com os olhos. Se lê com os dedos.

Com ele aprendi a *sentir* uma folha. Eu não sabia. Ele me ensinou. Fecha os olhos, me disse. Com paciência me ensinou a sentir uma folha de árvore com os dedos. Demorei a aprender porque não tinha o hábito. Agora gosto de acariciar as folhas, que os dedos escorreguem pelo lado de cima, tão liso, sentir a pelugem de baixo e os fiozinhos como veias que a folha tem dentro.

Outro dia trouxeram à escola um leão recém-nascido. Ninguém pôde tocar no bichinho. Ele foi o único que deixaram. E depois eu pedi:

– Você, que pôde tocar nele, me diz como era.

– Era quentinho – disse. – Era suave.

E pediu:

– Você, que viu o filhote, diga: como era?

E eu disse que era amarelo.

– Amarelo? Como é o amarelo, Freddy?

– Como o calor do sol – respondi.

Quito, fevereiro de 1976:
Primeira noite

Acendo a luz pela milésima vez. Não há nenhuma coisa, neste quarto de hotel, que não seja inimiga. Reviro entre os lençóis: afundo a cara no travesseiro quente. Em meu corpo não há lugar para nenhuma certeza, por menor que seja.

Durmo, não sei como, ao amanhecer.

Acordo com a campainha prolongada do telefone. Apalpo o aparelho; cai de minhas mãos. Do telefone, escapam palavras; finalmente se encontram com minha orelha.

– Bem-vindo! – diz a voz. – A cidade de Quito lhe dá as boas-vindas! Ainda ontem soube e disse: vou telefonar para ele, para expressar a satisfação e o orgulho que...

– Senhor – digo, ou suplico. – Que horas são, senhor?

– Sete da manhã! – diz a voz, triunfal. – Em nome da cidade de Quito...

Deixo o telefone na mesinha de cabeceira.

Tento dormir outra vez. O telefone, que balança no ar, emite ruídos e zumbidos, suspenso pelo fio. Não adianta. Aproximo a cara. As palavras se arrastam, lentas:

– Estou dormindo, senhor – murmuro.

– Ah! – exclama, comprova a voz. – Que diferentes são os hábitos de nossos povos! Mas no fundo nos une uma única vocação americana! Enviarei ao senhor, imediatamente, uma obra minha na qual o senhor poderá perceber a vibração de...

Jogo o telefone no chão e atiro em cima dele um travesseiro e um cobertor. Viro na cama.

O toc-toc na porta me arranca do segundo soninho.

Me levanto, nu, tonto, e abro. Vagamente vislumbro uma coisa parecida a um mensageiro, que deixa um envelope em minhas mãos e foge.

Deslizo as costas contra a porta fechada. Minha cabeça range. Esfrego os olhos. O envelope contém vários exemplares mimeografados de um manual de instruções para os escoteiros do Equador. Todos com dedicatória.

Mergulho na banheira. Abro o chuveiro. Não sei quanto tempo passo com a chuva na cabeça.

Estou me secando quando lembro de desenterrar o telefone e devolvê-lo ao

seu lugar.

Então, toca. Atendo. A mesma voz pergunta se recebi o pacote e se tive oportunidade de ler o trabalho. Digo que achei estupendo.

– Não vou ofendê-lo – digo – com uma opinião meramente literária. Obras assim não podem ser consideradas livros ou folhetos. São ladrilhos que vão construindo nossa Pátria Grande!

Quito, fevereiro de 1976: Uma palestra na Universidade

Hoje conversamos sobre isso que chamam de alienação cultural.

Neste país tudo gira agora ao redor do petróleo. A época da banana chegou ao seu fim: promete-se que, em dez anos, o Equador terá uma renda como a da Venezuela. Este país paupérrimo se aproxima do delírio dos milhões e se atordoa, entra em órbita: antes de escolas, hospitais ou fábricas, chega a televisão em cores. Logo haverá enceradeira em casas com chão de terra e geladeiras elétricas em povoados iluminados a querosene. Seis mil estudantes de Filosofia e Letras, apenas dois de Tecnologia do Petróleo: na Universidade toda ilusão está permitida, mas a realidade não é possível.

O país se incorpora subitamente à civilização, ou seja: há um mundo onde se fabrica em escala industrial os sabores, as cores, os cheiros e também a moral e as ideias, e onde a palavra Liberdade é o nome de uma prisão, como no Uruguai, ou onde uma câmara subterrânea de torturas se chama, como no Chile, Colonia Dignidad. As fórmulas de esterilização das consciências são testadas com mais êxito que os planos de controle da natalidade. Máquinas de mentir, máquinas de castrar, máquinas de dopar: os meios de comunicação se multiplicam e divulgam democracia ocidental e cristã junto com violência e molho de tomates. Não é necessário saber ler e escrever para escutar os rádios transistores ou olhar a televisão e receber o recado cotidiano que ensina a aceitar o domínio do mais forte e confundir a personalidade com um automóvel, a dignidade com um cigarro e a felicidade com uma salsicha.

Hoje conversamos, também, sobre a importação de uma falsa “cultura de protesto” na América Latina. Agora são produzidas em série, nos países desenvolvidos, os fetiches e símbolos da revolta juvenil dos anos sessenta nos Estados Unidos e na Europa. A roupa com desenhos psicodélicos é vendida ao grito de “Liberte-se”, e a grande indústria derrama sobre o Terceiro Mundo a música, os cartazes, os penteados e os vestidos que reproduzem os modelos estéticos da alucinação pelas drogas. Nossas comarcas oferecem um terreno fértil. Aos rapazes que querem fugir do inferno, dão de presente passagens ao purgatório; convida-se as novas gerações a abandonar a História, que dói, para viajar ao Nirvana. Aventuras para paráliticos: deixa-se intacta a realidade, mas se altera sua imagem. Promete-se amor sem dor e paz sem guerra.

De tudo isso, e de outras coisas. conversamos hoje.

***Esmeraldas, fevereiro de 1976:
Você nunca se lembra de quando nasceu?***

1

Me convidam para dar uma palestra no litoral.

Desço do altiplano ao mar. Em Esmeraldas me recebem com violões e aguardente. Outro mundo: homens de pele negra, terras úmidas e quentes, mulheres que dançam ao caminhar.

Na noite seguinte, me perco na praia. Resolvo subir em um monte alto e depois me ponho a seguir, através do matagal, o leito de um rio seco. Quando volto já é noite fechada e não há uma alma.

Chamo meus amigos, aos gritos. Não escuto mais que o ruído do mar. Caminho pela areia, sem rumo nem roupa nem dinheiro. Os mosquitos, ferozes, vão jantando meu corpo. Me canso de bater em mim com a mão. Não tenho a menor ideia de onde estou. A cada tanto dou gritos, espero resposta, continuo.

Tiro o calção e me enfio no mar. A água está morna e luminosa com a lua. Ao sair, sinto frio. Corro e salto na areia, dou murros no ar. Os mosquitos não me deixam em paz. Tenho fome; minha barriga faz barulho.

Busco lenha para armar uma fogueira. Estou fazendo isso quando aparece, entre as árvores, um ser humano. É um rapaz que perdeu o último ônibus para Esmeraldas. Me olha com desconfiança. Forçado pelos mosquitos, chega perto do fogo. Ofereço um cigarro. Depois me confessa que tem medo dos cachorros e das aranhas caranguejeiras, dos caranguejos e dos tubarões.

2

Estou querendo dormir quando escuto as vozes de meus amigos.

Em um barracão acordamos um cozinheiro chinês. Decidimos suborná-lo. Nos serve cerveja e prepara uma travessa gigante de camarões para nós, com um inesquecível molho vermelho.

Meus amigos estiveram me procurando a tarde inteira. Fico sabendo que o lugar onde me perdi se chama Penhasco do Suicida.

Dormimos em umas cabanas de madeira.

3

Quando desperto, a luz está incendiando as montanhas azuis. Sinto a areia deslizar entre meus dedos. Está vivo cada grão de areia, está vivo cada poro de minha pele. Uma boa música nasce de mim.

Quito, fevereiro de 1976: Introdução à História da América

Havia dois povoados indígenas que eram vizinhos. Viviam das ovelhas e do pouco que a terra dava. Cultivavam, em patamares, a ladeira de uma montanha que desce até um lago muito belo, perto de Quito. As duas aldeias tinham o mesmo nome e se odiavam.

Entre uma e outra havia uma igreja. O padre morria de fome. Uma noite enterrou uma Virgem de madeira e jogou sal em cima. Ao amanhecer, as ovelhas cavaram a terra e apareceu a Milagrosa.

A Virgem foi coberta de oferendas. Das duas aldeias traziam alimentos, roupas e enfeites. Os homens de cada aldeia pediam à Virgem a morte dos homens da aldeia vizinha e, pelas noites, os assassinavam a facão. Dizia-se: “É a vontade da Milagrosa”.

Cada promessa era uma vingança e assim os dois povoados, que chamavam Pucará, se exterminaram mutuamente. O padre ficou rico. Aos pés da Virgem tinham ido parar todas as coisas, as colheitas e os animais.

Então uma cadeia hoteleira internacional comprou por um punhado de moedas as terras sem ninguém.

Nas margens do lago se levantará um centro turístico.

Quito, fevereiro de 1976:
A boa vontade

Margarita, me conta Alejandra Adoum, passou um tempo em Cañar.

Naqueles rincões altos, os índios ainda se vestem de negro, por causa do crime de Atahualpa. A comunidade divide o pouco que arranca das terras áridas.

Não há jornais: e além disso, ninguém sabe ler. Tampouco há rádios; e, de qualquer maneira, as rádios falam a língua dos conquistadores. Como fazem as pequenas aldeias para ficar sabendo o que ocorre na comunidade? Cada aldeia envia dois ou três atores a percorrer a comarca: eles *representam* as notícias e *atuam* os problemas. Ao contar o que acontece com eles, contam o que são:

– Nos roubaram o sol e a lua. Nos trouxeram outros deuses. Não os compreendemos; mas por eles estamos nos matando.

Margarita não foi a Cañar para ensinar teatro, e sim para aprender e ajudar.

Passaram-se os meses. Margarita sofria o frio e as lonjuras.

O chefe da comunidade, que se chama Quindi, pôs uma mão em seu ombro:

– Márgara – disse ele. – Você está muito triste. E, se é assim, é melhor você ir embora. Para as penas, as nossas bastam.

O Sistema

De cada cem crianças que nascem vivas na Guatemala ou no Chile, morrem oito. Morrem oito, também, nos subúrbios populares de São Paulo, a cidade mais rica do Brasil. Acidente ou assassinato? Os criminosos têm as chaves das prisões. Esta é uma violência sem tiros. Não serve para as novelas policiais. Aparece, congelada, nas estatísticas – quando aparece. Mas as guerras reais nem sempre são as mais espetaculares e bem se sabe que os relâmpagos dos tiros deixaram muita gente cega e surda.

A comida é mais cara no Chile que nos Estados Unidos: o salário mínimo, dez vezes mais baixo. A quarta parte dos chilenos não possui renda e sobrevive de teimosa. Os motoristas de táxi de Santiago já não compram dólares dos turistas: oferecem meninas que farão o amor a troco de um jantar.

O consumo de sapatos se reduziu cinco vezes, no Uruguai, nos últimos vinte anos. Nos últimos sete, o consumo de leite em Montevideu caiu pela metade.

Os presos da necessidade, quantos são? É livre um homem condenado a viver perseguindo o trabalho e a comida? Quantos têm o destino marcado na testa desde o dia em que aparecem ao mundo e choram pela primeira vez? A quantos se nega o sol e o sal?

***Quito, fevereiro de 1976:
Não descansará até que caiam***

Esta mulher viu morrer seu melhor amigo.

Estavam ocupando uma fábrica, nos subúrbios de Santiago do Chile, nos dias seguintes ao golpe. Esperavam armas para resistir.

Foi esartejado na tortura, mas não disse que a conhecia.

Foi arrastado até onde ela estava. Por onde passava ia deixando um caminho de sangue. Continuou negando. Ela escutou que o oficial dava a ordem de fuzilá-lo. Foi atirado contra uma parede e o *carabinero* tomou distância e vacilou. De repente ergueu o fuzil, apontou, e ela viu como estalava a cabeça do amigo.

Então o *carabinero* lançou um uivo e atirou o fuzil e saiu correndo, mas não chegou longe. O oficial disparou-lhe uma rajada na cintura e partiu-o pela metade.

Quito, fevereiro de 1976: Acendo o fogo e chamo por ele

1

Noite na casa de Iván Egüez. Desando a falar de Roque Dalton.

Roque era um disparate vivo que não parava nunca. Está correndo, agora, em minha memória. Como é que a morte conseguiu agarrá-lo?

Iam fuzilá-lo e quatro dias antes da execução caiu o governo. Outra vez iam fuzilá-lo e um terremoto rachou as paredes da prisão e ele escapou. As ditaduras de El Salvador, o país pequenino que era seu país e que ele levava tatuado por todo o corpo, nunca puderam com ele. A morte se vingou desse tipo que tanto tinha caçoado dela. No final, foi baleado à traição: mandou-lhe os tiros do exato lugar de onde ele não os esperava. Não vibraram os teletipos para informar do assassinato desse poeta que não tinha nascido em Paris ou em Nova Iorque.

Ele era o mais alegre de todos nós. E o mais feio. Há feios que pelo menos podem dizer: “Sou feio, mas simétrico”. Ele não. Tinha a cara torta. Se defendia dizendo que não tinha nascido assim. Tinham feito ele ficar assim, dizia.

Primeiro uma tijolada no nariz quando jogava futebol, por culpa de um pênalti duvidoso. Depois, uma pedrada no olho direito. Depois, a garrafada de um marido cheio de suspeitas. Depois, as sovas dos milicos de El Salvador, que não compreendiam sua paixão pelo marxismo-leninismo. Depois, uma misteriosa surra em uma esquina de Malá Strana, em Praga. Um bando deixou-o estendido no chão com fratura dupla no maxilar e comoção cerebral.

Um par de anos mais tarde, durante uma manobra militar, Roque vinha correndo, fuzil na mão e com a baioneta calada, quando caiu num buraco. Ali havia uma porca recém-parida, com todos os seus porquinhos. A porca desfez o que restava dele.

Em julho de 1970 me contou, morrendo de rir, a estória da porca, e me mostrou um álbum de historietas com as façanhas dos famosos irmãos Dalton, pistoleiros de filmes de banguê-banguê, que tinham sido seus antepassados.

A poesia de Roque era, como ele, carinhosa, brincalhona e brigadora. Sobrava-lhe valentia, e portanto não precisava mencioná-la.

Falo de Roque e o trago, esta noite, à casa de Iván. Dos que estão aqui,

ninguém o conheceu. Que importa isso? Iván tem um exemplar de *Taberna y otros lugares*. Eu também tive esse livro, tempos atrás, em Montevideu. Busco em *Taberna*, e não encontro, um poema que talvez imaginei, mas que ele bem poderia ter escrito, sobre a sorte e a beleza de nascer na América.

Iván, que conhece a taverna *Uflecka*, de Praga, lê, em voz alta, um poema. Luís lê um longo poema ou crônica de amor. O livro passa de mão em mão. Escolho uns versos que falam da beleza da cólera, quando chega de repente.

2

Cada um entra na morte do jeito que lhe é parecido. Alguns, em silêncio, caminhando na ponta dos pés; outros, recuando; outros, pedindo perdão ou licença. Há quem entre discutindo ou exigindo explicações e há quem abre caminho nela a porrada, e xingando. Há quem a abraça. Há os que fecham os olhos: há quem chore. Eu sempre pensei que Roque se meteria na morte às gargalhadas. Me pergunto se terá conseguido. Não terá sido mais forte a dor de morrer assassinado pelos que tinham sido seus companheiros?

Então toca a campainha. É Humberto Vinuesa, que vem da casa de Agustín Cueva. Nem bem Iván abre a porta, Humberto diz, sem que ninguém tenha explicado ou perguntado nada.

– Foi uma facção dissidente.

– Quê? Como?

– Os que mataram Roque Dalton. Agustín me disse. No México publicaram que...

Humberto se senta entre nós.

Ficamos todos calados, escutando a chuva que bate nas janelas.

A terceira margem do rio

Guimarães Rosa tinha sido advertido por uma cigana: “Você vai morrer quando realizar sua maior ambição”.

Coisa rara: com tantos deuses e demônios que este homem continha, era um cavalheiro dos mais formais. Sua maior ambição consistia em ser nomeado membro da Academia Brasileira de Letras.

Quando foi designado, inventou desculpas para adiar o ingresso. Inventou desculpas durante anos: a saúde, o tempo, uma viagem...

Até que decidiu que tinha chegado a hora.

Realizou-se a cerimônia solene, e, em seu discurso, Guimarães Rosa disse: “As pessoas não morrem. Ficam encantadas”.

Três dias depois, ao meio-dia de um domingo, sua mulher encontrou-o morto quando voltou da missa.

***Devo a ele um par de estórias,
embora ele não saiba, e vou pagar***

Não conheço Don Alejo Carpentier. Alguma vez terei de vê-lo. Tenho de dizer-lhe:

– Olhe, Don Alejo, eu acho que o senhor nunca terá ouvido falar de Mingo Ferreira. Ele é um compatriota meu que desenha com graça e com drama. Me acompanhou durante anos nas sucessivas aventuras dos jornais e das revistas e dos livros. Trabalhou ao meu lado e soube alguma coisa dele, embora pouco. Ele é um tipo sem palavras. O que sai dele são desenhos, não palavras. Vem de Tacuarembó, é filho de um sapateiro; sempre foi pobre.

E dizer-lhe:

– Em Montevideu, ele arranjou várias prisões e surras. Uma vez esteve preso durante alguns meses, quase um ano, acho, e quando saiu me contou que no lugar em que estavam trancados se podia ler em voz alta. Era um barracão imundo. Os presos se amontoavam um em cima do outro, rodeados de fuzis, e não podiam se mexer nem para mijar. Cada dia um dos presos ficava em pé e lia para todos.

Eu queria contar-lhe, Don Alejo, que os presos quiseram ler *El siglo de las luces* e não puderam. Os guardas deixaram o livro entrar, mas os presos não puderam ler. Quero dizer: começaram várias vezes e várias vezes tiveram de abandoná-lo. O senhor os fazia sentir a chuva e os aromas violentos da terra e da noite. O senhor os levava o mar e o barulho das ondas rompendo contra a quilha de um barco e mostrava a eles o pulsar do céu na hora em que nasce o dia e eles não podiam continuar lendo isso.

E dizer-lhe:

– De Milton Roberts pode ser que o senhor se lembre. Milton era aquele rapaz grandalhão e de olhar lindo, que fez uma entrevista com o senhor para *Crisis*. Ele tinha viajado a Paris, acho que em meados de 1973, e eu o encarreguei de uma entrevista. Lembra? Milton tinha ido para que uns médicos franceses o vissem, porque eram os mais entendidos na doença que ele tinha. Mas não havia nada a ser feito. Voltou a Buenos Aires e já não pôde mais se levantar da cama. Foi uma agonia longa. Inchou. Foi perdendo a pouca força que lhe restava e também foi perdendo a voz. Antes que o mal subisse à sua garganta, Milton me falou umas quantas vezes da entrevista que tinha feito com

o senhor. Contou-a inteirinha. Recordava tudo, palavra por palavra. Me falou do senhor como se tivesse sido seu amigo a vida inteira. Me contou o que o senhor tinha falado de seus amores com a música e com a literatura. Contou suas estórias de piratas e ditadores, uma por uma, com detalhes de costumes e pequenos vícios de dois ou três séculos atrás. Falava disso tudo e seus olhos se acendiam; e é com essa cara que tenho ele em minha memória.

Depois que morreu, Claudine, a companheira, revolveu seus papéis buscando as anotações da entrevista, e buscou e rebuscou mas não encontrou nada. Esses papéis não apareceram nunca.

E dizer-lhe:

– Eu queria contar-lhe essas coisas, companheiro Alejo, e deixá-las, porque são suas.

As cerimônias da angústia

1

Tipo áspero, o Velho. Se defende, evita que gostem dele. Ele me ajudou muito. Eu tinha vinte anos quando o conheci. Passou o tempo. Visitava, levava para ele o que escrevia. Ele grunhia e me dava opiniões implacáveis; eu fazia o possível para diverti-lo um pouquinho.

Uma vez, há muitos anos, fui buscá-lo na Prefeitura. O Velho tinha um emprego por lá, meio fantasmagórico: dirigia bibliotecas que não existiam. Trabalhava rodeado de velhas funcionárias, cada uma mais feia que a outra, que falavam o tempo inteiro de orçamentos e bebês. Me aproximei do guichê e esperei. Estava o harém inteirinho. Elas tomavam mate e comiam biscoitinhos. Por fim, uma chegou perto. Perguntei por ele.

– Não... – disse a funcionária, e tirou os óculos.

Começou a limpar as lentes com o lenço.

– Não... – disse. – Ele não veio. Faz muito tempo que não vem.

– O que há com ele? – perguntei. – Está doente?

Ergueu as sobrancelhas em um gesto de compaixão. Olhou a luz através das lentes.

– Coitadinho... – disse. – Coitadinho.

E acrescentou:

– Sabe? Ele não é deste mundo.

2

Encontrei-o atirado na cama. Passava longas épocas assim. Aquela vez, em Montevideú, creio que ainda tinha junto da cama o alambique de cristal, complicado mecanismo de tubos, serpentinas e vasos, que tinham trazido de Viena para ele. O aparelho cumpria a função de poupar o Velho do esforço de se servir de vinho. Bastava mover um bocadinho a mão: o copo pressionava uma válvula e se enchia de vinho. Era como se ele ordenhasse vinho.

Nesses períodos o Velho não se levantava nunca nem comia nada. Se organizava para morrer aos poucos.

– Escrevo gota a gota. Já não vem mais aquele impulso de escrever a noite

inteira, até o amanhecer.

Tomava vinho bem ordinário, desses que fazem mijar cor de violeta, e engolia pastilhas para estar sempre adormecido. Mas às vezes estava acordado e era isso que ele chamava de insônia. À luz da lâmpada de cabeceira lia novelinhas policiais que iam se amontoando, montanhas de lixo, ao redor da cama. O retrato de Faulkner presidia, da cabeceira.

Aquela vez abri as janelas e as persianas, na porrada, e o golpe da luz do dia quase o mata. Ficamos nos xingando um tempinho. Ofereci morcegos. Conteí piadas e fofocas políticas, ele gostava, enquanto resmungava contra o calor ou o frio ou a luz, e afinal consegui um sorriso. Discutimos, como sempre, no estilo lento e de má vontade em que ele discute, porque eu não acho que o homem foi e será uma porcaria e porque não entro na canoa quando ele me convida a acompanhá-lo até o fundo do poço da desesperança. Não posso brincar com isso: se me deixo cair, fico. Não posso acariciar a morte sem penetrar nela.

Eu sabia que não era piada. Sabia, sei, porque o conheço e leio o que ele escreve, que o Velho tem seu corpo ossudo cheio de demônios que o acossam e revolvem as tripas e afundam punhais, e é para ver se consegue deixá-los tontos que ele enche o corpo de vinho e fumo, com os olhos cravados nas manchas de umidade do teto. Dormir, talvez sonhar, é uma trégua. As novelinhas policiais são uma trégua. Escrever, quando consegue fazê-lo, é também uma trégua, e talvez o único triunfo que está permitido a ele. Então, quando escreve, ele se ergue e converte em ouro sua porcaria e seus escombros, e vira rei.

3

Às vezes, se esquecia de ser porco-espinho. E me dizia:

– Quando eu era menino, estava na quadrilha do Corsário Negro. Havia a quadrilha de Sandokan e umas outras, mas eu estava jurado na do Corsário Negro.

– O noivo de Honorata. Conheço.

– Ele estava apaixonado por uma loura, que eu saiba, e era um amor impossível.

– Errou. Esse era o Tigre de Mompracem.

– O Corsário Negro, animal. O Corsário estava louco pela loura. Como não vou saber, se eu era da quadrilha?

– São um perigo.

- O quê?
- As louras.
- Essa loura, Honorata, não tinha nada a ver com a de Sandokan. Você está misturando coisas que não têm nada a ver. Sandokan operava na Malásia. O Corsário Negro era mesmo do Caribe.
- Honorata gostava do Corsário Negro.
- Gostar, gostava. Mas e o governador de Maracaibo? Você acha que o assunto é gostar e pronto? Coitado do Corsário Negro. Foi se apaixonar justo pela sobrinha de seu inimigo mortal.
- Morreu, no fim.
- Que morrer que nada, esse filho da puta.
- Estou falando da Honorata. O governador, não. Tinha uma saúde de merda, mas não morreu. Você lembra? Sofria de gota. Pensava maldades com o pé em cima de um pufe. Ele não morreu. Honorata sim.
- Foi morta, você quer dizer.
- Os soldados do tio.
- Tiro de mosquetão.
- Ela jogou-se da varanda e o Corsário Negro recebeu-a nos braços. Os cavalos esperavam na ponte.
- A bala era para ele, mas ela pôs o corpo. Apareceram os soldados, que estavam esperando pelos dois, e ela abriu os braços e...
- Entrou no peito. Aqui.
- Mais abaixo. Atravessou o escapulário.
- Diga uma coisa: você esteve em Maracaibo?
- Estive.
- Conta.
- Há edifícios enormes, com ar-condicionado, e um lago cheio de torres de petróleo.
- Cretino. Você não viu nada. Não sabe que em Maracaibo não se pode nem caminhar, de tanto fantasma que anda pela rua?

4

Em meados de 1973, o Velho foi nomeado jurado em um concurso de novelas e cruzou o rio. Uma noite me convidou para jantar. Ele estava com uma mulher. Caminhamos uns quarteirões, os três, pelo centro de Buenos Aires, por

essa zona que os portenhos chamam de City. Para ele, caminhar custava; andava lento, se cansava fácil. Custava mas queria continuar, e parecia bastante satisfeito, embora dissesse que não reconhecia as ruas dessa cidade onde tinha vivido, tempos antes, uns quantos anos.

Fomos a uma cervejaria da rua Lavalle. O Velho comeu um bocadinho e deixou os talheres cruzados sobre o prato. Estava calado. Eu comia. Ela falava.

De repente, o Velho perguntou a ela:

– Você não quer ir ao toalete?

E ela disse:

– Não, não.

Terminei a salsicha com salada russa. Chamei o garçom. Pedi uma costeletinha de porco, defumada, com batatas redondinhas. Três chopes.

O Velho insistia:

– Mas tem certeza que não está querendo ir ao toalete?

– Sim, tenho – disse ela. – Não se preocupe.

Logo depois, outra vez.

– Você está com a cara brilhante – disse ele. – Seria conveniente dar um pulinho no banheiro e passar um pouco de pó de arroz.

Ela tirou um espelhinho da bolsa.

– Não está brilhando – disse, surpreendida.

– Mas eu acho que você está morrendo de vontade de ir ao banheiro – insistiu o Velho. – Eu acho que você quer ir.

Então ela reagiu:

– Se você quer ficar sozinho com seu amigo, é só dizer. Se eu incomodo, pode dizer, eu vou embora.

Se levantou, me levantei. Pus uma mão em seu ombro, pedi que tornasse a sentar. Disse:

– Vamos pedir a sobremesa. Você não...

– Se ele quer que eu vá, eu vou.

Soluçava.

– Você não vai sair daqui sem comer a sobremesa. Ele não quis dizer isso. Ele quer que você fique.

O Velho, impávido, olhava as cortininhas douradas da janela.

Aquela foi a sobremesa mais difícil da minha vida. Ele não tocou seu prato. Ela comeu uma colheradinha de sorvete. Minha salada de frutas ficou entalada na garganta.

Finalmente ela se levantou. Despediu-se, com a voz quebrada pelo choro, e

se foi. O Velho não moveu um músculo.

Continuou calado por um tempão. Aceitou o café com uma leve inclinação da cabeça.

Tentei dizer algo, qualquer coisa, e ele concordava sem palavras. Tinha a testa enrugada e o olhar de infinita tristeza, que eu conhecia de antes.

– A gente tem mesmo é de se foder – disse, finalmente. – Sabe para que eu queria que ela fosse um instante à toalete? Para dizer a você que me sinto muito feliz. Eu queria dizer a você que nunca estive tão bem com ela como nesses dias. Que estou feliz como um menino, que estou como um potrinho, que...

E movia a cabeça.

– A gente tem mesmo é de se foder.

O homem que soube calar

Juan Rulfo disse o que tinha para dizer em poucas páginas, puro osso e carne sem gordura, e depois guardou silêncio.

Em 1974, em Buenos Aires, Rulfo me disse que não tinha tempo para escrever como queria, por causa do trabalho que tinha em seu emprego na administração pública. Para ter tempo precisava de uma licença e essa licença tinha de pedi-la aos médicos. E a gente não pode, me explicou Rulfo, ir ao médico e dizer: “Me sinto muito triste”, porque por essas coisas os médicos não dão licença.

Quito, março de 1976:
Última noite

Toca o telefone. É hora de partir. Não dormimos mais que uns minutos, mas estamos frescos e acordados.

Fizemos o amor e comemos e bebemos, com o lençol como toalha de mesa e nossas pernas como a própria mesa, e tornamos a fazer o amor.

Ela me contou das dores do Chile. É difícil, me disse, que estejam mortos os companheiros, depois de tê-los visto tão vivos. Ela salvou-se raspando e agora se pergunta o que fazer com tanta liberdade e sobrevida.

Chegamos tarde ao aeroporto. O avião sai atrasado. Tomamos o café da manhã três vezes. Nos conhecemos há meio dia.

Caminho, sem virar para trás, até o avião. A pista está rodeada de vulcões azuis. Fico assombrado pela eletricidade e a fome de meu corpo.

O Universo visto pelo buraco da fechadura

Quando era pequena, Mônica não queria sair de noite, para não pisar nos pobres caracóis. Além disso, tinha medo do riacho de sangue que vinha de um caminhão abandonado na estrada e se perdia campo adentro, entre o capim.

Mônica se apaixonou pelo filho do padeiro, que era meio bandido e a quem todas as mães odiavam. Ela olhava para ele com o canto dos olhos, enquanto cantavam o hino nacional, na hora de entrar na classe. Depois a fila se desfazia e ela batia, pum, contra o busto de bronze de Artigas.

Quando era pequena, Mônica queria ser dançarina de cabaré. Queria andar com plumas coloridas na bunda e sentir-se pássara e voar e pecar.

Não pôde nunca.

Anos mais tarde, Mônica foi uma das poucas pessoas que atravessaram, sem ficar seca nem se quebrar, as provas do horror. Eu gostava de escutá-la. Mônica Lacoste e seu companheiro eram meus vizinhos em Buenos Aires; a casa deles estava sempre cheia de uruguaios.

Um meio-dia, acompanhei-a até o mercado. O mercado, que funcionava na antiga estação de trem, era uma festa de aromas e cores e pregões: me dá três tomates, três, mas bem madurinhos. Cebola, quanto será, olha que linda alface, põe aí, e me dá outra maior, ah, alho e salsicha, não tem pimentão?, como não?, e que pimentões, pimentões verdes, recomendo, abre caminho, abre caminho por favor, que o que não trabalha que tome seu rumo, por favor.

Mônica pôs um par de rabanetes nos cabelos e sorria para todo mundo.

Voltávamos carregados de bolsas e pacotes.

Pancho, o filho de Mônica, ficava para trás, paralisado por alguma maravilha da rua, como a balaustrada de uma varanda, uma vitrine, uma porta de ferro, uma pombinha comendo. Ficava com a boca aberta, assombrado com o mundo, e tínhamos de voltar para buscá-lo.

– Vamos, Pancho – eu disse. Ele me pediu que comprasse um fantasma pequeno.

Depois adiantou-se correndo para cumprimentar o jornaleiro, e ofereceu-lhe um amendoim. O jornaleiro disse que não.

“Por que não aceita?”, perguntei, irritado. O jornaleiro baixou a cabeça e confessou:

– Tenho alergia.

Buenos Aires, março de 1976:
Os negros e os sóis

Uma mulher e um homem celebram, em Buenos Aires, trinta anos de casados. Convidam outros casais daqueles tempos, gente que não se via há anos, e sobre a toalha amarelenta, bordada para o casamento, todos comem, riem, brindam, bebem. Esvaziam umas quantas garrafas, contam piadas picantes, engasgam de tanto comer e rir e trocar tapinhas nas costas. Em algum momento, passada a meia-noite, chega o silêncio. O silêncio entra, se instala, vence. Não há frase que chegue até a metade, nem gargalhada que não soe como se estivesse fora do lugar. Ninguém se atreve a ir embora. Então, não se sabe como, começa o jogo. Os convidados brincam de quem leva mais anos morto. Se perguntam entre si quantos anos faz que você está morto: não, não, se dizem, vinte anos não: você está diminuindo. Você leva vinte e cinco anos morto. E é isso.

Alguém me contou, na revista, esta estória de velhices e vinganças ocorridas em sua casa na noite anterior. Eu terminava de escutá-la quando tocou o telefone. Era uma companheira uruguaia que me conhecia pouco. De vez em quando vinha me ver para passar informação política, ou para ver o que se podia fazer por outros exilados sem teto nem trabalho. Mas agora não me telefonava para isso. Esta vez telefonava para me contar que estava apaixonada. Me disse que finalmente tinha encontrado o que estava buscando sem saber que buscava e que precisava contar para alguém e que desculpasse o incômodo e que ela tinha descoberto que era possível dividir as coisas mais profundas e queria contar porque é uma boa notícia, não? e não tenho a quem contá-la e pensei...

Me contou que tinham ido juntos ao hipódromo pela primeira vez na vida e ficaram deslumbrados pelo brilho dos cavalos e dos blusões de seda. Tinham uns poucos pesos e apostavam tudo, certos de que ganhariam, porque era a primeira vez, e tinham apostado nos cavalos mais simpáticos ou nos nomes mais engraçados. Perderam tudo e voltaram a pé e absolutamente felizes pela beleza dos animais e a emoção das corridas e porque eles também eram jovens e belos e capazes de tudo. Agora mesmo, me disse ela, morro de vontade de ir na rua, tocar corneta, abraçar as pessoas, gritar que amo ele e que nascer é uma sorte.

Essa velha é um país

1

A última vez que a Avó viajou para Buenos Aires chegou sem nenhum dente, como um recém-nascido. Eu fiz que não percebi. Graciela tinha me advertido, por telefone, de Montevideú: “Está muito preocupada. Me perguntou: Eduardo não vai me achar feia?”

A Avó parecia um passarinho. Os anos iam passando e faziam com que ela encolhesse.

Sáimos do porto abraçados.

Propus um táxi.

– Não, não – disse a ela. – Não é porque ache que você vá ficar cansada. Eu sei que você aguenta. É que o hotel fica muito longe, entende?

Mas ela queria caminhar.

– Escuta, Avó – falei. – Por aqui não vale a pena. A paisagem é feia. Esta é uma parte feia de Buenos Aires. Depois, quando você tiver descansado, vamos juntos caminhar pelos parques.

Parou, me olhou de cima a baixo. Me insultou. E me perguntou, furiosa:

– E você acha que eu olho a paisagem, quando caminho com você?

Se pendurou em mim.

– Eu me sinto crescida – disse – debaixo da tua asa.

Me perguntou: “Você lembra quando me levava no colo, no hospital, depois da operação?”

Falou-me do Uruguai, do silêncio e do medo:

– Está tudo tão sujo. Está tão sujo tudo.

Falou-me da morte:

– Vou me reencarnar num carrapicho. Ou em um neto ou bisneto seu vou aparecer.

– Mas, ô, velha – falei. – Se a senhora vai viver duzentos anos. Não me fale da morte, que a senhora ainda vai durar muito.

– Não seja perverso – respondeu.

Disse que estava cansada de seu corpo.

– Volta e meia eu falo para ele, para meu corpo: “Não te suporto”. E ele responde: “Eu tampouco”.

– Olha – disse ela, e esticou a pele do braço.

Falou da viagem:

– Lembra quando a febre estava te matando, na Venezuela, e eu passei a noite chorando, em Montevideú, sem saber por quê? Na semana passada, disse para Emma: “Eduardo não está tranquilo”. E vim. E agora também acho que você não está tranquilo.

2

Vovó ficou uns dias e voltou para Montevideú.

Depois escrevi uma carta para ela. Escrevi que não cuidasse, que não se chateasse, que não se cansasse. Disse que eu sei direitinho de onde veio o barro com que me fizeram.

E depois me avisaram que tinha sofrido um acidente.

Telefonei para ela.

– Foi minha culpa – falou. – Escapei e fui caminhando até a Universidade, pelo mesmo caminho que fazia antes para ver você. Lembra? Eu já sei que não posso fazer isso. Cada vez que faço, caio. Cheguei ao pé da escada e disse, em voz alta: “Aroma do Tempo”, que era o nome do perfume que você uma vez me deu de presente. E caí. Me levantaram e me trouxeram aqui. Acharam que eu tinha quebrado algum osso. Mas hoje, nem bem me deixaram sozinha, me levantei da cama e fugi. Saí na rua e disse: “Eu estou bem viva e louca, como ele quer”.

***Buenos Aires, abril de 1976:
O companheiro anda na corda bamba***

1

Não faz muito tempo telefonou para ele um fulano de voz imperiosa. Disse que tinha urgência em vê-lo. No começo Vicente não o reconheceu. Depois, lembrou. Como advogado, Vicente tinha cuidado dele uns anos atrás por um problema de cheques sem fundo. Não tinha cobrado nada.

Vicente disse que andava enlouquecido de trabalho e que não tinha nenhum minuto livre e que...

Se encontraram em um café. O sujeito insistiu que tinham de beber uísque estrangeiro. Vicente disse que não queria e que a essa hora da manhã...

Beberam uísque estrangeiro.

Então Vicente ficou sabendo que o fulano era oficial da polícia.

– Estou em um comando de operações especiais – disse ele – e recebi ordem de te matar.

Disse que convinha desaparecer por uma semana. Na semana seguinte receberiam outras listas, com outros nomes. Todas as semanas as listas mudavam.

– Não estou garantindo sua vida nem nada. Simplesmente digo que se esconda por uma semana. Temos muito que fazer. Você não é importante.

Vicente disse que agradecia e que não sabia como fazer para...

– Agora estamos em paz – disse o outro. – Já não te devo nada. Você foi legal comigo há dois anos. Estamos quites. Se tornam a me dar a ordem e eu te encontro, te mato.

Chamou o garçom. Se levantou sem esperar o troco.

– Não te dou a mão – disse – nem quero que você me dê a sua.

2

Há cinco anos, no campo de futebol de Villa Lugano, Vicente Zito Lema fez um discurso. Era o último dia da greve de fome dos presos políticos. Vicente se ergueu na tribuna e mais além da multidão viu Cláudia e suas filhas brincando

no campo com as vacas e os cachorros, e então se esqueceu das frases políticas e das palavras de ordem e começou a falar do amor e da beleza. Lá de baixo puxavam seu paletó, mas não havia jeito de fazer com que ele parasse.

3

No ano passado íamos jogar futebol em Palermo, todas as quarta-feiras de manhã. Atrás, Vicente era o dono da área. Na frente, avançava a toda. Eu gostava de servir-lhe os escanteios para que ele enfiasse de cabeça. “Boa, Eduardo!”, gritava sempre, até que eu, perna de pau de nascença, errava gols feitos.

Às vezes, saíamos juntos dos vestiários. Ele me contava coisas do avô, sapateiro, anarquista, bom de faca e de baralho, que aos setenta anos perseguia meninas pelas ruas.

4

Agora, não vamos jogar futebol.

O time se desintegrou.

Vicente dirige, com Fico e comigo, a revista. Volta e meia vamos comer pizzas por aí, porque gostamos e porque ajuda a não pensar que cada noite pode ser a última. Vicente conhece as melhores pizzarias de cada bairro de Buenos Aires.

– Nesta, senta perto do forno do fundo, não o da frente, e peça uma pizzeta meia massa, bem cozida embaixo, com roquefort, tomate e cebolinhas. Depois me diz.

A sabedoria vem dos tempos de estudante, quando ele corria pelas pizzarias de Buenos Aires vendendo a mozzarella de merda que um amigo fabricava. As pizzarias boas são as que não compravam.

Outro dia, de noite, fomos comer pizzas juntos. Vicente andava meio triste. Nessa manhã os jornais tinham publicado, meio perdida, a notícia da morte de um militante que ele tinha defendido. O cadáver apareceu em uma represa, junto com o filho pequeno. Ele se chamava Sebastián. A mulher, Diana, tinha sido assassinada quatro meses antes.

– Sabe qual foi o dia mais feliz da minha vida? – disse Vicente. – O dia em que consegui juntar os dois, nos tribunais. Fazia dois anos que estavam presos, e

sem se verem. Iam mudando os dois de cadeia, e sempre acabavam em cadeias diferentes. Quando ele era mandado para o norte, ela ia para o sul. Quando ela ia parar no interior, ele era metido em uma cadeia de Buenos Aires. Finalmente consegui juntar os dois, pretextando uma acareação. Nunca vi ninguém se beijar assim.

O Sistema

A máquina acossa os jovens: os tranca, tortura, mata. Eles são a prova viva de sua impotência. Os expulsa: os vende, carne humana, braços baratos, ao estrangeiro.

A máquina, estéril, odeia tudo que cresce e se move. Só é capaz de multiplicar as prisões e os cemitérios. Não pode produzir outra coisa que presos e cadáveres, espiões e policiais, mendigos e desterrados.

Ser jovem é um delito. A realidade comete esse delito todos os dias, na hora da alvorada; e também a História, que cada manhã nasce de novo.

Por isso a realidade e a História estão proibidas.

Crônica de um voo sobre a terra púrpura

1

As nuvens formavam uma tartaruga pré-histórica.

A aeromoça nos trouxe café. Acendeu uma luzinha e escutamos uma campainha; uma voz ordenou que apertássemos os cintos. Tínhamos entrado num poço de ar. O café tremelicava nas mesinhas. Não apertamos nada. Tomei o café sem açúcar, como sempre; não estava ruim. Eric viajava do lado da janela. Espiou.

No avião viajava, rumo a Buenos Aires, um batalhão de turistas. Iam armados com câmaras e flashes e filmadoras portáteis. O porão estava repleto de malas vazias, que voltariam ao Rio ou a São Paulo inchadas de casacos de couro e outros troféus de caça. Conhecia a estória de cor. Turistas.

– Agora entendo – falei – por que os aviões levam saquinhos para vomitar.

Eric espionou pela janela do Boeing. Olhou o relógio e disse:

– Esta é a tua terra.

Estávamos saindo do banco de nuvens. O avião não faria escala em Montevideú; voava direto para Buenos Aires.

Debaixo de nós se estendiam campos sem ninguém: terra arrasada, terra violada, não amada por seus donos. Ali tinham erguido lanças os cavaleiros pastores. Ali um caudilho de poncho rústico tinha ditado, há mais de um século e meio, a primeira reforma agrária da América Latina. Hoje está proibido falar disso nas escolas.

– Estamos voando sobre teu país – disse Eric.

Eu falei:

– Sim.

Eric não falou mais.

E eu pensei: Esta terra minha se lembrará de mim?

2

Tinha voltado, pelas noites, com frequência. Depois de muito chamar o sono em minha casa de Buenos Aires, meus olhos se fechavam e se acendiam as luzes de Montevideú: eu caminhando pela avenida beira-mar, ou pelas ruas do

centro, meio escondido, acossado, procurando minha gente. Acordava banhado de suor e estrangulado pela angústia de voltar e não ser reconhecido. Então me levantava e ia ao banheiro. Molhava a cabeça e bebia água da torneira. Depois ficava, até o amanhecer, sentado na cama, o queixo nos joelhos. Fumava e pensava. Por que não voltava hoje mesmo ao lugar ao qual eu pertencia? Meu país estava quebrado e eu proibido. Eu sabia que tinha tido mais sorte que meus amigos engaiolados ou assassinados ou arrebatados pela tortura, e que a proibição era, de certo modo, uma homenagem: a prova de que escrever não tinha sido uma paixão inútil. Mas pensava: mereço estar? Valerei a pena para alguém? Há alguma marca ou pisada nossa nas ruas vazias da cidade? Que posso fazer eu ali, além de calar ou apodrecer na cadeira porque sim ou por via das dúvidas?

O sol deslizava no meu quarto de Buenos Aires e eu me levantava, maldormido, todo rangendo, antes que tocasse o despertador. Tomava um chuveiro, me vestia e fechava a porta do elevador e continuava pensando: e se fôssemos uma pedra partida? Uma pedra que se quebrou, pedaços de uma pedra rolando por aí? Peregrinos condenados a estarem sempre de passagem. (Um copo de cachaça na mesa. Quem espera o copo, a boca de quem? Uma velha torna a encher o copo cada vez que a cachaça evapora.)

Seria capaz de arrancar de minhas entranhas, algum dia, as dúvidas que envenenavam meu sangue? Eu queria mudar todas as minhas noites de insônia e tontura pela melodia que busca o preso solitário em sua cela ou pelo ventinho de alegria que espera uma mulher, a cabeça afundada entre as mãos, numa cozinha suja. Eu queria atravessar o rio e a alfândega e chegar a tempo. (Um menino, arrastado pelos policiais, roda pelas escadarias. A roupa esfarrapada está manchada de sangue. Uma multidão de velhos olha sem se mexer. O guri ergue o rosto sujo de barro. Brilha o ódio nos olhos.)

Uma dessas manhãs, quando caminhava para a revista, me veio à cabeça um filme polonês que tinha visto anos antes. O filme relatava a fuga de um grupo de homens das cloacas de Varsóvia, em tempos de guerra. Entravam todos juntos debaixo da terra. Só um conseguia sobreviver. Alguns se perdiam em labirintos imundos: outros sucumbiam de fome ou asfixiados pelos gases. Eu recordava a cara do sobrevivente, quando por fim abriu o bueiro e saiu das sombras e da merda: piscava, ferido pela luz do dia e atônito ante o mundo. Então fechava a tampa sobre a cabeça e tornava a entrar na cloaca onde estavam os companheiros mortos. Essa imolação tinha me golpeado duro, e me indignei com a reação do público, que não entendia o gesto de grandeza e gritava para a

tela: babacão, otário, o que é que você está fazendo, trouxa, que é isso, vai ser imbecil, a puta que te pariu.

Tinha passado muito tempo desde a noite em que eu havia visto este filme num cinema de bairro em Montevideú. Naquela manhã, andando pelas ruas de Buenos Aires, descobri que o público tinha razão. Aqueles caras da plateia sabiam mais que eu, embora não tivessem a menor ideia de quem era Andrej Wajda e isso lhes importasse um caralho.

3

Eric dormia ao meu lado no avião, e minha cabeça estalava.

Quando regressar, pensava, vou percorrer os lugares em que me fiz ou me fizeram: e vou repetir, sozinho, tudo o que alguma vez vivi acompanhado pelos que já não estão.

Alguma voz cantarolava baixinho, dentro de mim, a canção de Milton Nascimento:

*Descobri que minha arma é
o que a memória guarda...*

Sabor do primeiro leite bebido da mãe. Que manjares poderiam ser comparados com os chocolates que Vovó me comprava na padaria vizinha? E as lentilhas que cozinhava para mim cada quinta-feira, até que fui embora de Montevideú? Continuo perseguindo seu gosto pelas mesas do mundo.

*Descobri que tudo muda e
que tudo é pequeno...*

Vou ao pátio da casa onde aprendi a caminhar agarrado no rabo da cadela Lili. Ela era uma vira-latas, cadela de vida à-toa: por isso ninguém tinha cortado seu rabo. Tinha um rabo longo, um olhar doce e lânguido e a barriga sempre cheia de filhotes. Dormia debaixo de meu berço e mostrava os dentes a quem quisesse se aproximar. Pelas noites, os cachorros do bairro uivavam ante o portão de casa e se matavam por ela a mordidas. Lili me ensinou a caminhar, com paciência e aos tombos.

Voltarei às ruas que descem ao mar e que antes eram descampados, os campos de guerra e futebol dos primeiros anos. Ali lutávamos com paus e pedras. Pintávamos olhos e caras espantosas nos troncos das palmeiras, nos

cascos do início das folhas, que nos serviam de escudos. Ir comprar raviólis era uma aventura. Era preciso atravessar território inimigo. Nesses baldios da costa me deixaram os dentes tortos e meu irmão se salvou por pouco de ficar zarolho para sempre. Mamãe, que não aceitava queixas, curava nossas feridas: elas nos ensinou a morder forte e a não nos acovardarmos. Meu irmão Guillermo, que sempre foi de falar pouco, se batia a porradas contra o pessoal, em defesa dos direitos dos passarinhos e dos cães. Ele, na cidade, não se deu bem nunca. Eu nunca o vi feliz na cidade. Ali se opacava, se apoucava; ele era ele nos campos de Paysandú.

A maior das maravilhas foi...

Percorrerei a cavalo os prados do arroio Negro, onde aprendi a galopar. De muito pequeno apostava corrida com meu irmão. Nas tardes de verão escapávamos da sesta, quase nus, e de um pulo nos agarrávamos nas crinas dos cavalos sem sela nem freio: eu voava e em meu corpo batiam as veias do animal, troar de cascos, cheiro de couro molhado, fervuras da transpiração, comunhão com aquela força que se metia no vento: quando descia, meus joelhos tremiam. Até a noite durava meu assombro de menino.

Muitos anos depois posso reconhecer essa felicidade violenta, como quem recorda o próprio parto ou a primeira luz. Me acontece às vezes, no mar, quando entro nu e sinto que pertenço a ele. E acontece quando toco uma mulher e a nasço e me roça e me faz, e entro nela e somos imortais os dois por um tempinho, muitos, os dois, no voo alto.

4

Vou voltar ao rancho de Pepe Barrientos, em Buceo.

Nos dias bravos, Pepe soube fazer para mim um lugarzinho nessa casa. Soube abrir para mim a porta e me sentou em sua mesa junto aos seus.

Ali chegou, uma semana, Jorge Irisity, que militava comigo nos sindicatos. Parou o automóvel na porta e me chamou com a buzina. Detrás da cerca gritou-me que tinham invadido Cuba. Pepe ligou o rádio em seguida. O informativo anunciava a vitória dos invasores de Playa Girón. Minha língua ficou seca. Passei a tarde inteira bebendo água e não havia maneira de evitar aquele ardor. Aquela tarde, no trabalho, caiu um pedaço da pele de minha língua. Pepe quis me levar ao médico. Curou sozinha.

Passaram-se os anos. Pepe e eu partilhamos algumas aventuras. Uma noite de verão estávamos sentados no cais do portinho de Buceo, e ele me perguntou que andava fazendo. Me disse que não havia pão no mundo capaz de matar minha fome.

5

A voz anunciou que o avião estava aterrissando em Ezeiza.

Eric me sacudiu. Achou que eu estava dormindo.

Entardecia no rio. Havia uma luz inocente, como só se encontra no nascimento ou no fim de cada dia.

Caminhamos até um táxi, com as malas na mão. Por um instante me senti feliz e com vontade de pular.

O automóvel deslizou pela beira-rio e depois mergulhou na cidade.

Os filhos

Na beira do mar, onde a costa se abre e o rio se torna mar, foram feitos meus filhos. Verônica, na velha enseada de Buceo, ao amparo de uns troncos caídos. Cláudio, no bairro sul. Florência na praia de Atlântida.

Graziela e eu tínhamos tomado o ônibus que leva ao cassino de Atlântida. O dinheiro não dava para terminar o mês, como sempre, e essa vez, fartos das pobreza, decidimos jogar o resto.

Compramos passagem de ida e volta, por via das dúvidas. Se ganhássemos, passaríamos o fim de semana em um bom hotel e depois poderíamos chegar ao fim do mês sem vender nossas reservas de livros de arte e garrafas usadas. Se perdêssemos, dormiríamos na praia.

Apostamos em vários plenos. 17, 24, 32... Provamos o zero. Chances. Cor, rua, quadro. Não entendíamos nada disso tudo.

Depois de meia hora não tínhamos nem pó nos bolsos.

Então nos banhamos no mar e dormimos abraçados na areia de Atlântida.

Os filhos

Verônica e eu nos escrevíamos cartas violentas.

Havia silêncios prolongados, às vezes. Cada um ficava esperando que o outro descesse do cavalo – e no fundo cada um sabia que o outro não desceria. Questão de estilo.

Verônica acende o cigarro como Humphrey Bogart. Segura o fósforo enquanto fala de qualquer coisa, e quando a chama já está queimando suas unhas a aproxima, lenta, ao cigarro. Ergue uma sobrancelha, acaricia o queixo, e apaga a chaminha soprando fumaça pelo canto da boca.

Quando veio me ver, em Buenos Aires, disse:

– Se você e eu não fôssemos pai e filha, já teríamos nos desquitado há muito tempo.

Uma noite saiu de farra com Martha e Eric.

Verônica levou sua boneca de trapo, que se chama Anônima.

Quando acordou, depois do meio-dia, me contou:

– Estivemos por aí. Fomos ao *Bárbaro* e tomamos cerveja e comemos amendoim. Estava linda a noite. Tivemos sorte: conseguimos a mesa da janela. Havia boa música.

– E Anônima?

– Penduramos ela num gancho, na parede, e pedimos cerveja para ela também. A cerveja deixou-a com sono.

– Ficaram até muito tarde?

– Estivemos nos amando – disse – até as três da madrugada.

Os filhos

Há onze anos, em Montevideu, eu estava esperando Florência na porta de casa. Ela era muito pequena: caminhava como um ursinho. Eu a encontrava pouco. Ficava no jornal até qualquer hora e pelas manhãs trabalhava na Universidade. Pouco sabia da vida dela. Beijava-a adormecida; às vezes levava chocolate ou brinquedos para ela.

A mãe não estava, aquela tarde, e eu esperava na porta o ônibus que trazia Florência do jardim de infância.

Chegou muito triste. No elevador fez beicinho. Depois deixou que o leite esfriasse na xícara. Olhava o chão.

Sentei-a em meus joelhos e pedi que me contasse. Ela negou com a cabeça. Acariciei-a, beijei sua testa. Deixou escapar uma lágrima. Com o lenço sequei sua cara e assoei seu nariz. Então, pedi outra vez:

– Vamos, conta.

Contou-me que sua melhor amiga tinha dito: “Eu não gosto mais de você”.

Choramos juntos, não sei quanto tempo, abraçados os dois, ali na cadeira.

Eu sentia as mágoas que Florência ia sofrer pelos anos afora e quisera que Deus existisse e não fosse surdo, para poder rogar que me desse toda a dor que tinha reservado para ela.

Os filhos

1

Álvaro, o melhor amigo de Cláudio, o convida para as sessões de seu circo de besouros. Cláudio me contou como é o circo. Há uma pista de capinzinhos, cercada por uma paliçada feita de pregadores de roupa. Com arames, madeirinhas e barbantes, Álvaro inventou uma enorme quantidade de jogos desses que os besouros gostam. São desajeitados, os coitados dos bichos, com suas armaduras de guerreiros, mas Cláudio os viu, no circo de Álvaro, fazendo piruetas em grande estilo: balançam nos trapézios, dão o salto mortal, dão a volta no palco e cumprimentam o público.

2

Uma noite Álvaro ficou na casa de Cláudio. Na manhã seguinte, as camas continuavam arrumadas e eles estavam mortos de sono, vestidos.

Cláudio explicou:

– Abrimos a janela. Havia lua cheia. Passamos a noite inteira cantando e contando histórias e falando das namoradas, e coisa e tal.

3

Cláudio concorda em tomar sopa, mas com o garfo.

Gosta de decifrar enigmas e se perder de vista.

– Lindo parque para a gente se perder! – comenta.

E pergunta:

– Que horas são, papai? Já estão as Três Marias no céu? E o Cruzeiro do Sul? Não é verdade que tudo o que nós inventamos já estava inventado antes por aquele que inventou a gente?

4

Quando tinha três anos, Cláudio era fraco. Então entrou na morte, e saiu. Arfava, a cabeça era um incêndio: e ele abria passo como podia, entre o sufoco e a febre, e sorria apertando os dentes:

– Estou bem, mamãe – balbuciava. – Não vê que estou bem? Quase não respirava quando entrou no hospital, mas ressuscitou no balão de oxigênio. Viajou até a lua no balão de oxigênio, através do universo fresco e azul.

– Os astronautas não usam chupeta – rejeitou, quando oferecemos.

Depois foi passado para a maca, que ia levá-lo para a sala de operações. Na maca, longa, parecia ainda menor. Deu adeus e disse obrigado a todos, um por um, e a porta do elevador fechou.

Quando acordou da anestesia estava morto de fome:

– Quero comer dentes – dizia, meio tonto. Quis levantar a cabeça e não conseguiu. Quando conseguiu, desenhou uma galinha no lençol.

Passou um tempo antes de recuperar os pulmões. Punha um lápis na boca e explicava:

– Sou um senhor muito pequenino. Fumo e tusso. Por isso tenho tanta tosse e tusso.

Foi dado alta. Tinha perdido o medo. Dormia sem chupeta e nunca mais molhou os lençóis.

***Buenos Aires, maio de 1976:
Está morto? Quem sabe***

1

Escutamos o ruído do motor crescendo de longe. Estávamos no embarcadouro, em pé, esperando. Haroldo balançava o lampião com um braço; com o outro, envolvia Marta, que tremia de frio.

A lanterna atravessou a neblina e nos encontrou.

Saltamos na lancha.

Por um instante consegui ver a canoa capenga, a corda esticada; em seguida a neblina nos engoliu. Nessa canoa eu tinha remado ao cair da tarde, até a ilha do armazém.

A neblina brotava no rio escuro, como uma fervura.

Fazia muito frio na lancha. Os passageiros cochichavam. O frio golpeava mais porque a noite estava se acabando. Subimos um arroio estreito, depois outro mais largo, e desembocamos no rio. A primeira claridade do dia rompeu atrás das silhuetas dos álamos. A vaga luz ia despindo as casinhas de madeira meio comidas pelas enchentes, uma igreja branca, as fileiras de árvores. Pouco a pouco se iluminavam os penachos das casuarinas.

Fiquei em pé na popa. Sentia-se um cheiro limpo. A brisa fresca me batia na cara. Fiquei olhando o talho de espuma que perseguia a lancha e o brilho crescente das ondas do rio.

Haroldo tinha ficado em pé ao meu lado. Me fez dar a volta, e vi: um enorme sol de cobre estava invadindo a boca do rio.

Nós tínhamos passado uns dias no delta, lá dentro, e voltávamos a Buenos Aires.

2

Haroldo Conti conhece como poucos este mundo do rio Paraná. Sabe quais são os bons lugares para pescar e quais os atalhos e rincões ignorados das ilhas; conhece o pulsar das marés e as vidas de cada pescador e cada bote, os segredos da comarca e da gente. Sabe andar pelo delta como sabe viajar, quando escreve,

pelos túneis do tempo. Vagabundeia pelos arroios ou navega dias e noites pelo rio aberto, à aventura, buscando aquele navio fantasma no qual navegou uma vez lá na infância ou nos sonhos. Enquanto persegue o que perdeu vai escutando vozes e contando estórias aos homens que se parecem com ele.

3

Hoje faz uma semana que foi arrancado de sua casa. Vendaram seus olhos, bateram e levaram ele embora. Tinham armas com silenciadores. Deixaram a casa vazia. Roubaram tudo, até os cobertores. Os jornais não publicaram uma linha sobre o sequestro de um dos melhores romancistas argentinos. As rádios não disseram nada. O jornal de hoje traz a lista completa das vítimas do terremoto de Udine, na Itália.

Marta estava em casa quando isso aconteceu. Também seus olhos foram vendados. Deixaram que ela se despedisse: ficou com um gosto de sangue nos lábios.

Hoje faz uma semana que o levaram e eu já não tenho como dizer a ele o quanto o quero e que nunca disse, de vergonha ou de preguiça.

Buenos Aires, maio de 1976:
Essa voz que segura a emoção
com rédea curta

Alfredo Zitarrosa canta sem tremores ou falsetes, voz de macho nascida para falar do amor, que é sempre perigoso, e da honra dos homens.

Esta noite fui à sua casa. Havia gente que eu não conhecia.

Há alguns anos Alfredo tem dor de cabeça. Não há médico que possa com essa dor de cabeça. A dor do país:

– Estou de porre – me disse.

Falava de outras coisas e interrompia a fala para me explicar:

– Estou de porre. Acontece muito comigo, isso.

Três vezes me perguntou por Haroldo.

– Fiquei sabendo outro dia – me disse. – Não se pode fazer nada por ele?

Me serviu vinho. Cantou sem vontade. Do outro lado da sala alguém fazia gracinhas e ria sozinho.

– Eu não tinha lido nada de Haroldo – disse Alfredo. – Comprei um livro outro dia. Gostei. Não há nada que eu possa fazer por ele?

Ficou um tempo dedilhando o violão, com os olhos cravados no chão, e logo depois insistiu:

– Achei muito boa essa novela, *Sudeste*. Não conhecia esse livro porque leio pouco, essa é que é a verdade, e não conheci nunca Haroldo. Sabia que era seu amigo, mas não o conheci nunca. E agora... não se pode fazer nada?

Bebeu até o fundo do copo e depois me disse:

– Quer dizer que não se pode fazer nada por ele.

Moveu a cabeça. Os outros arrancaram com uma milonga, em coro. Chegaram até a metade.

Alfredo olhou para mim, como se me acusasse:

– Não tenho seu endereço – disse.

– Nunca estou em casa – expliquei.

– Você não me deu seu endereço – disse. – Tenho o telefone da revista, mas não tenho seu endereço. Você não me deu.

– Anoto para você.

Me estendeu uma caderneta de capa negra. Passei as folhas buscando o índice e sem querer me encontrei com a página da agenda do dia anterior.

Os outros conversavam em voz baixa.

Li na agenda:

Ensaio.

Gravar no estúdio Ion.

Telefonar para Eduardo.

Ir embora.

Existem as cidades? Ou são vapores que as pessoas jorram pela boca?

1

Debaixo de que rua eu gostaria de jazer quando me mandarem para o outro lado? Debaixo das pisadas de quem? Que passos gostaria de escutar para sempre?

Que é Montevideú senão a soma da gente que nela amei e odiei e de tanta coisa dada e recebida? Desses homens e dessas mulheres vêm minhas fúrias e melancolias. Eles são minha história nacional.

Quando Emílio me ofereceu um mural para meu quarto em Buenos Aires, eu pedi que me pintasse um porto de cores vivas. Um porto montevideano para chegar, não para partir: para dizer como vai, não adeus.

Ele pintou, e lá ficou.

2

Na hora da sesta, presos no quarto, meu irmão e eu estávamos alertas às vozes da rua, que nos chamavam. Naqueles tempos a cidade tinha outra música: escutávamos os cascos dos cavalos da carroça de gelo e a flautinha do amolador de facas, e depois iam passando o triângulo do vendedor de bijus, o pregão do sorveteiro e o realejo vendedor de sorte, que tinha um papagaio que adivinhava os destinos com o bico.

Ao menor descuido de mamãe, escapávamos. Percorríamos as ruas jogando pedrinhas nas janelas dos amigos. Quando a turma estava completa, íamos fumar barba de milho nos terrenos baldios. Os peixes imundos dos córregos eram mais saborosos que os almoços familiares e melhor que cinema era fazer fogueira, ao abrigo dos arvoredos da costa, para assar e comer linguiça roubada. Cada um tinha direito a uma mordida. Nossa mochila jorrava gotinhas de gordura fervendo e ficávamos todos com a boca cheia d'água.

3

Esperávamos o verão; e no verão, tempo de festas, o carnaval.

Floresciam os eucaliptos, Marte se punha vermelho no céu e se enchia de sapinhos a terra quente.

Percorríamos os barrancos buscando argila boa para fazer máscaras. Amassávamos os moldes, narizes bicudos, olhos saltados, e banhávamos os moldes no gesso. Com papel de jornal armávamos as máscaras e depois tia Emma nos ajudava a pintá-las. Pendurávamos no pescoço uma panela velha e a orquestra dos mascarados ia percorrer os corsos.

Cada bairro tinha um palanque, alguns tinham dois. Entre os imensos bonecos coloridos cantavam bandinhas pelas noites.

Os primeiros beijos aconteciam debaixo do palanque, no escurinho, com o barulho em cima.

4

O que terá sido feito da cidade onde o poeta Parrilla e o pintor Cabrerita dividiam um único terno e faziam rodízio para usá-lo?

Que haverá agora no lugar de *La Telita*? O Lito, tão gordo que dormia sentado, montava guarda na porta, com um charuto na boca. Eu tinha catorze anos quando fui pela primeira vez. Tive sorte. Dá para ver que eu tinha pinta de pacífico, porque o gordo me admitiu.

– Você, guri, entra.

O irmão de Lito, Rafa, fazia a conta dos clientes na parede. Quando pintavam a parede, os devedores eram perdoados, e por isso não pintavam nunca.

Todas as noites havia vinho e violas, salsichão e queijo.

Sentávamos para beber e conversar nos caixotes que depois amanheciam cheios de tomates, alfaces, cebolas e laranjas. *La Telita*, no coração da Cidade Velha, era adega de noite, e de dia vendia frutas e verduras.

Ali conheci as canções da guerra espanhola e certas melodias que me acompanham até hoje. E também aprendi outras coisas de poetas e marinheiros.

5

Os bêbados eram todos heróis da liberdade de expressão. “Calar a boca,

eu?”, diziam. “Calar a boca, eu? Você sabe com quem está falando nesses momentos da atualidade presente?”

Discutia-se em voz alta, podia-se andar sem documentos pelas ruas; ninguém tinha medo.

Os republicanos espanhóis se reuniam no *Sorocabana*, na praça da Liberdade. Brigavam entre si como na guerra, mas depois saíam abraçados. Os políticos e o pessoal de teatro preferiam o *Tupí Nambá*. Nós, os jornalistas, ocupávamos o *Palace* na hora em que os aposentados iam dormir. Eu era dono de uma mesa na janela.

O *gin-fizz* do meio-dia se bebia no *Jauja*. A bagaceira dos sábados, no *Fun Fun* do mercado velho. O *Boston* era dos músicos e das bailarinas. No *Britânico* jogava-se xadrez e dominó. Ali havia mesas de catalães, socialistas e mudos. Quando alguém cumpria trinta anos de cliente, o *Britânico* o aposentava. Desse dia em diante, bebia sem pagar.

Guardei esses lugares invictos na memória, com suas mesinhas de madeira ou de mármore, seu burburinho de muita conversa, sombras douradas, ar azulado de fumaça, aromas de tabaco e café recém-feito: heroicamente resistiram à invasão do acrílico e da fórmica e no final foram vencidos.

O *Monterrey*, que também dava para a praça Independência, não fechava nunca. Ali, os pudins eram comidos com colher de sopa, e podia-se jantar na hora do café da manhã, no fim de uma noite de vinho e cantorias, antes de ir trabalhar.

Sentada na janela do *Monterrey*, Glória sussurrava tangos, nas madrugadas, com sua vozinha rouca. Não se escutava nem uma mosca. (Glória amava um homem chamado Maia, que trabalhava nos barcos de cabotagem. Uma noite o amor se acabou, e ela o matou e se matou. Foi velada sobre uma mesa. Uma vela grossa ardia em cada ponta.)

Sonhos

Eu te contava estórias de quando era menino e você via essas estórias acontecendo na janela.

Você me via menino pelos campos, e via os cavalos e a luz e tudo se movia suavemente.

Então você apanhava uma pedrinha verde e brilhante do marco da janela e apertava na mão. A partir desse momento, era você a que brincava e corria na janela de minha memória, e atravessava galopando os prados de minha infância e de seu sonho, com meu vento em sua cara.

O Universo visto pelo buraco da fechadura

Lembro o dia em que começou a violência.

Meu irmão Guillermo estava brincando com o Galego Paz na calçada de nossa casa da rua Osório.

Era um meio-dia de verão.

Sentado no patamar da porta de casa, eu os olhava chutando a bola de pano.

O Galego, maior que a gente, tinha fama de valente e era o chefe da turma. Nos bairros vizinhos, abriam passo quando ele chegava.

Houve um gol duvidoso, ou qualquer coisa assim, e se agarraram a porradas. Meu irmão ficou no chão e o Galego, que tinha prendido seus braços com os joelhos, batia, sentado em cima dele.

Eu olhava o Galego bater, e não me mexia nem dizia nada.

De repente alguma coisa como um gatilho disparou dentro de mim e me enevoou o olhar e me empurrou e avancei.

Não soube direito o que aconteceu depois. Me contaram que foi uma chuva de porradas e chutes e cabeçadas e que me agarrei no pescoço do Galego como um cão raivoso e que não havia jeito de me arrancar.

Lembro que eu estava atônito, depois, escutando tudo isso como se fosse estória de outro, enquanto tremia e lambia o sangue dos nós de meus dedos.

O Universo visto pelo buraco da fechadura

Uma manhãzinha de chuva, na casa de meu amigo Jorge, jogávamos ludo ou damas e depois, não sei como, eu estava no dormitório de sua irmã maior e erguia na mão umas roupas dela, que eu tinha descoberto sobre a cama, entre os lençóis revoltos por ela e ainda mornos de seu sono. Senti o olhar atônito de Deus.

***Buenos Aires, maio de 1976:
Introdução à Economia Política***

Os decretos do ministro de Economia se referem aos tipos de câmbio, ao regime impositivo, à política de preços? Por que não mencionam nunca coisas como a vida e a morte ou o destino? É mais sábio o que decifra as linhas da mão ou o que sabe ler o que dizem, sem dizer, esses decretos?

Um belo dia o pai de Carlitos Domínguez decidiu queimar o último cartucho. Os filhos já estavam grandes e não precisavam tanto dele. Vendeu a casa, uma casa grande, para comprar um apartamento e um automóvel.

– Tiro a velha da cozinha – disse – e vamos desfrutar a vida.

Eles não tinham viajado nunca. Iam cruzar a cordilheira. Como seria isso? Como seria andar tão alto?

O pai de Carlitos assinou o compromisso de venda e esse dia o ministro de Economia ditou um decreto. Os jornais o publicaram no dia seguinte. Com o que obteve pela venda da casa, o pai de Carlitos conseguiu comprar um apartamento minúsculo e nada mais. Ficou um restinho, que deu para pagar seu enterro.

Quando estava internado, Carlitos ia visitá-lo e o pai lhe rogava que arrancasse de seu corpo as sondas do soro.

– Eu te entendo – dizia Carlitos –, mas não sei como se faz.

A mãe não chegou a conhecer o bairro. Entrou no apartamento, tropeçou, caiu de mau jeito. Não quis se levantar mais.

– Vejo estrelas do mar, negras e grandes – dizia. – Têm olhos enormes.

Depois, de repente, o vento fechou a janela do pátio e não houve quem a abrisse. Foram caindo os quadros das paredes. A geladeira deixou de funcionar. A máquina de lavar roupas quebrou. O telefone ficou mudo.

Carlitos entra nesse apartamento escuro como uma armadilha e lê as cartas que os dois se escreviam antes de ele nascer.

O Sistema

A única coisa livre são os preços. Em nossas terras, Adam Smith precisa de Mussolini. Liberdade de investimentos, liberdade de preços, liberdade de câmbio: quanto mais livres são os negócios, mais presa a gente está. A prosperidade de poucos amaldiçoa todos os outros. Quem conhece uma riqueza que seja inocente? Em tempos de crise, não se tornam conservadores os liberais, e fascistas os conservadores? A serviço de quem cumprem suas tarefas os assassinos de pessoas e países?

Orlando Letelier escreveu em *The Nation* que a economia não é neutra, nem os técnicos. Duas semanas depois, Letelier voou aos pedaços numa rua de Washington. As teorias de Milton Friedman significam, para ele, um Prêmio Nobel: para os chilenos, significam Pinochet.

Um ministro de Economia declarava no Uruguai: “A desigualdade na distribuição da renda é o que gera a poupança”. Ao mesmo tempo, confessava que as torturas o horrorizavam. Como vencer essa desigualdade se não for a golpes de choque elétrico? A direita ama as ideias gerais. Ao generalizar, absolve.

***Buenos Aires, maio de 1976:
Uma bomba em cima da mesa***

1

Alguém se faz anunciar:

– O senhor Castro – me dizem.

Apareço. Na sala de espera há um jovenzinho com um pacote nos joelhos. Dá um pulo e me abraça sem soltar o pacote. Eu não o reconheço. Me diz que temos de conversar em particular.

Entramos no escritório e fecha a porta. Senta na minha frente. Olha para mim.

– Às ordens – digo.

– Eu sou uruguaio – me diz. E acrescenta: – Você também.

– Acho isso muito bom – digo.

– Sabe o que é isso que tenho aqui? – diz, apontando o pacote.

– Não tenho a menor ideia.

Apoia o pacote suavemente sobre a mesa e se inclina até roçar minha cara.

Sussurra:

– É uma bomba.

Dou um pulo. Castro torna a se sentar. Sorri.

– Uma bomba – repete.

Eu olho a porta com o canto dos olhos. Confirmo que é inútil ter uma pistola guardada na gaveta.

– Eu estou com os pobres. Estou ao lado do povo, eu – me diz Castro. – E você?

– Completamente – asseguro.

Põe a mão sobre o pacote e oferece:

– Quer que eu abra?

Do pacote salta um montão de folhas escritas a máquina:

– Uma bomba! – proclama Castro, eufórico. – Esta novela fará cair o governo!

2

Me consolo pensando que não é meu primeiro louco.

Quando fazíamos *Época*, em Montevideu, um gigante percorria os jornais. Fugia do manicômio todas as semanas e entrava nas redações, avassalador, com seu macacão puído, cor de cinza, a cabeça raspada, e se sentava na mesa que mais lhe agradava. Ameaçava: “Vou arrebentar tudo”. Já se sabia o que era preciso fazer: ele se deitava de bruços em cima de uma mesa, e nós coçávamos suas costas. Então sorria, beatífico, e ia embora.

Outro vinha denunciar a sabotagem do imperialismo: cada vez que abria a torneira do banheiro de sua casa saíam formigas. Outro, que era escultor, tinha o hábito de despedaçar anjinhos nas praças da cidade. Chegava a qualquer hora da noite, com as asas ou as mãozinhas de bronze ou mármore debaixo do casaco, a pedir refúgio no jornal porta-voz das causas populares. E os inventores? Havia um italiano baixote que andava com um enorme pergaminho enrolado debaixo do braço. Era o desenho de um canhão que apagava incêndios disparando terra e areia contra o fogo.

3

Quando Achával era diretor literário da EUDEBA, a editora universitária de Buenos Aires, recebeu uma tarde a visita de um cavalheiro grisalho vestido com terno feito sob medida.

Trazia o manuscrito de uma novela inédita.

– Sou o autor desta obra – disse o cavalheiro – e trouxe-a porque vai ser publicada aqui.

– Bem... – vacilou Acha. – Agradecemos muito que tenha se lembrado de nós. Nossos assessores verão se...

– Não é preciso ver nada – sorriu o cavalheiro. – Se eu lhe digo que vocês vão editá-la, é porque vocês vão editá-la.

Acha concordou, compreensivo. Disse que ele também esperava que pudesse ser publicada e que com muito prazer colocaria a obra para ser examinada e...

– Talvez eu não tenha sido claro – disse o cavalheiro.

– Sim, sim – disse Acha. Explicou que cada coleção tinha um diretor e assessores e que não se podia tomar nenhuma decisão passando por cima de...

– Já lhe disse que trouxe meu romance porque vai ser publicado aqui – repetiu o cavalheiro, sem se alterar, e sem se alterar Achával disse que EUDEBA

publicava textos universitários, que para cumprir essa função tinha sido criada a editora e que as obras de ficção formavam parte das coleções para estudantes ou das séries de divulgação popular da literatura clássica, nacional e universal, mas que de todos os modos faria o que estivesse ao seu alcance para...

– Senhor Achával – disse o cavaleiro –, agradeço a explicação. Como lhe disse antes, eu trouxe minha novela a esta editora porque *sei* que ela será publicada aqui.

Acha olhou para ele. Engoliu em seco. Acendeu um cigarro. E suavemente perguntou:

– E se pode saber quem lhe disse que a novela será publicada aqui?

– Deus – respondeu o cavaleiro.

– Quem?

– Deus. Apareceu há três dias e me disse: “É só levar, que publicam”.

Achával nunca tinha recebido um escritor tão bem recomendado.

Claromecó, maio de 1976:
Homenagem a um homem que não conheci

1

Daqui se avista o caracoleiro. Quanto tempo faz que me deixo levar pelas pernas? Já vem baixando o pouco sol.

No céu, gritam as gaivotas. Suas sombras viajam na minha frente.

Chego à lápide de Cristián. Leio a inscrição, que sei de cor. Fico parado na frente da pedra. Cada vez que venho aqui faço este longo caminho, como se não pensasse nisso.

Estas minhas pisadas foram antes deixadas por ele e foram apagadas, há muitos anos, por este vento e este mar. Em outras tardes ele sentiu que era, como eu sinto que sou, este pássaro que voa sobre minha cabeça e plana sobre o areal e se deixa cair ao mar em voo vertical.

Ninguém sabe como chegou o velho Cristián a estas praias: mas contam-se coisas. Fala-se que escapou, nadando, de um barco dinamarquês que beirava a costa. Vivia do que pescava e das nútrias que caçava no arroio. Nunca permitiu que o mar lhe roubasse uma linha: nadava até onde fosse, soltava a linha com as mãos ou com os dentes. Também se diz que não houve polícia capaz de pôr a mão em cima dele.

Estava sempre disposto a ser amigo, sem aceitar nada em troca; e tinha salvado alguns homens da morte. Nunca teve nada e dava tudo. Tinha inventado um prêmio de trinta pesos para o melhor aluno da escola da região.

A égua Lola o ajudava a puxar a rede. Pelas noites o velho Cristián percorria os botecos do povoado. Os seis cachorros galgos e a égua Lola o esperavam nas portas de cada bar. Quando não aguentava mais de tão bêbado, alguém o jogava no lombo da égua, para que ela o levasse, ao longo da costa, até a tapera de lata que ele tinha feito aqui nas dunas. A égua o sacudia com as ancas, balançando-se ao compasso do vai e vem do corpo. Às vezes o velho escorregava e ficava esparramado na areia. Então os galgos deitavam em cima dele e dormiam sobre seu corpo, para que a geada não o matasse.

Eu não sei dele mais do que se conta e o que me disse uma vez a foto de seu rosto ossudo e de olhar doce, e o que dele aprendo percorrendo seu caminho. Sei que nunca ninguém conheceu mulher dele, mas talvez, quando bebia até cair,

saudava ou amaldiçoava a moça distante, à qual tinha dado todo seu suco, até ficar seco.

2

Depois dos temporais aparecem, nestas restingas, grandes caracóis e coisas do mar. Esteve sereno o tempo nesses últimos dias. Não encontro nada entre a areia e as pedras. Recolho, por aí, uns restos de vidro negro. São de uma garrafa que a maré quebrou contra as rochas.

Yala, maio de 1976:
Guerra da rua, guerra da alma

1

Hector Tizón esteve na Europa. Lá, não foi feliz. Voltou a Yala. Estas são horas duras, mas ele está certo de se parecer à terra que pisa.

Fazia mais de um ano que não nos víamos. Chego a Yala com dor de cabeça. Levo duas semanas com a nuca ardendo.

Caminhamos pelo atalho que leva ao rio.

O rio tem o mesmo nome do povoado. É ruidoso e corre sobre pedras coloridas. Na primavera, deságua o gelo das montanhas. Às margens do rio Yala dormem, pelas noites, as violas. Os músicos as deixam lá, para serem temperadas pelo sereno.

– Estamos todos em liberdade condicional – diz Hector.

– Vou ficando sozinho aqui – diz.

O medo é a pior notícia. No enterro de Alberto Burnichón, em Córdoba – conta Hector – não houve mais do que doze pessoas.

Eu também conheci esse inocente, mercador de belezas invendíveis, que percorria as planícies e as serras com os braços carregados de desenhos e poesias. Burnichón conhecia o país pedra por pedra, pessoa por pessoa, o sabor dos vinhos, a memória da gente e da terra. Arrebentaram-lhe o crânio e o peito a tiros de fuzil Itaka e jogaram-no num poço. Da casa, dinamitada, não ficou nem cinza. As *plaquettes* e os livros que ele tinha editado a duras penas, obras dos rapazes de província nos quais ele acreditou descobrir talento ou garra, foram parar, num piscar de olhos, nos porões das livrarias ou nas fogueiras. Vinte e cinco anos de trabalho apagados de repente. Os assassinos tiveram êxito.

– No enterro só havia um homem – diz Hector. – Onze mulheres e um homem.

O medo é a pior notícia. Um casal de amigos, conta, atirou os livros na lareira. Um por um, todos os livros: um ritual dos nossos tempos. Começaram por Lênin e terminaram queimando *Alice no País das Maravilhas*. Quando já não restava nada para ser jogado no fogo, foi como uma febre: quebraram os discos. Depois ela soltou o choro num canto, olhando as chamas.

Uns garotinhos, conto eu, chutam um pacote num terreno baldio de Buenos

Aires. O pacote se abre: está cheio de livros. Nos terrenos baldios vão parar as coleções de nossa revista, proibida nas províncias, sequestrada nas batidas policiais. Você começa a sentir que alguém cumprimenta em voz baixa ou vira a cabeça. Até pelo telefone você pode transmitir a lepra. Redescobrimento dos demais, agora que vem subindo a maré: quem não se deixa afogar? Quem não foi vencido pela máquina?

Seguindo os trilhos chegamos à estação. Sentamos para fumar um cigarrinho. Nas lajes da plataforma descubro um leão, uma mulher penteando os cabelos, um rapaz com os braços erguidos em atitude de oferenda. Sobre as pedras passaram os anos e as pisadas, mas não se apagaram essas imagens. Já não está vivo o vigia ferroviário que gravou essas lajes com um buril. Se fizera escultor pela necessidade de esperar. Naquele tempo, o trem passava uma vez por mês.

– Yala tinha vida própria – diz Hector. – Havia gente aqui. Até barbeiro havia. Sofria do mal de São Vito. Era um perigo.

Da Europa, não me conta muita coisa. Uma frase no escudo de uma casa de armas da Andaluzia: *Padecer por viver*. E um filme em Paris, a vida asséptica e lentíssima de uma mulher madura. Uma noite, Jeanne descobre o orgasmo. Se levanta para se lavar, encontra uma tesoura em cima da cômoda, enterra-a na garganta do homem.

2

Uma mão de aço aperta minha nuca. Eu digo, como para me convencer, que não tenho medo da dor. Eu sou, digo, este desespero que me avisa que estou vivo. Não vou pagar nenhum palhaço ou puta dentro de mim.

Conto a Hector que estou tratando de escrever para fixar as certezas pequeninas que vou conquistando, antes que elas sejam levadas pelos vendavais da dúvida – as palavras como garras de leão ou tamarindos na areia das dunas revoltas. Viagem de regresso à alegria das coisas simples: a luz da vela, o copo d'água, o pão que divido. Humilde dignidade, limpo mundo que vale a pena.

3

Hector me conta histórias da velha Yala. A moça abandonada pelo

forasteiro saía para cavalgar todas as tardes. Levava ao lado o cavalo dele, selado e sem cavaleiro. Almoçava e jantava na mesa posta para dois, junto ao seu prato vazio. Ela envelheceu.

– Aí na esquina – diz Hector –, vivia uma mulher que não cresceu. Tinha corpo e mente de menina; e era cega. Passou a vida sentada num balanço. Quando a balançavam, cantava como um passarinho. Era a única coisa que sabia fazer.

Caminhamos pela margem do arroio, acompanhados por seu rumor suave. Arranco uma folha cinzenta de uma árvore. Depois, amasso-a entre os dedos.

Falo de Buenos Aires. Há quantas horas não escuto o alarido de uma sirena? Quanto vale a vida de um homem, desde a última queda da moeda nacional? No país semeiam cadáveres e trigo. Risca-se um nome na lista. O que se chamava desse tal modo, onde amanhecerá? Te amordaçam, amarram tuas mãos, te metem num Ford Falcon: escutas os sons da cidade que se afasta e dizes adeus, ou pensas, porque tua boca está amordaçada.

– Não, não. Esperem. Assim não. De frente, não, não merece. Pelas costas.

Um homem percebe que está sendo seguido. Corre pelas ruas, entra numa cabina telefônica. Todos os números estão ocupados, ou não atendem. Através do vidro ele vê os assassinos à sua espera.

Por que me custa tanto ir embora, apesar das advertências e das ameaças? Será que amo esta tensão de fora, porque se parece com minha tensão de dentro?

4

Voltamos para casa.

Crepita o fogo na lareira.

Falamos de nosso ofício. Celebração dos encontros, duelo dos adeuses: não é verdade que às vezes as palavras são capazes de levar você a um lugar no qual você já não está? Não se come e se bebe, escrevendo, em mesas de um lugar qualquer? Não entramos em mulheres que são de ontem ou de amanhã? Coisa boa saber disso, quando se é um teimoso perdedor de pátrias, com os filhos e os papéis espalhados por aí.

Hector me pergunta por Haroldo. Digo que não sabemos nada. Falamos de outros presos e mortos e perseguidos: das ameaças e das proibições contra as palavras e os vínculos. Até quando continuará a caçada? Até quando a traição?

Falamos da revista. Esta semana a censura proibiu um trabalho de Santiago

Kovadolff. Era um artigo contra as drogas, uma denúncia de que as drogas são máscaras do medo. Sustentava a ideia de que as drogas produzem jovens conservadores. A censura resolveu ficar com os originais. Avisei-o por telefone. Quando desligou, Dieguito, o filho, viu sua cara de preocupado. Perguntou o que estava acontecendo e Santiago respondeu:

– Não deixam a gente falar. Não deixam a gente dizer nada.

E Dieguito disse:

– Minha professora faz a mesma coisa comigo.

5

Falamos também das censuras invisíveis.

Saberão Bergman ou Antonioni que a inflação tem algo a ver com a incomunicação humana? Desde o número um, o preço da revista se multiplicou por quarenta. O custo de uma página nua é sempre maior que o preço da página impressa; e não temos anúncios para compensar, por causa da sabotagem das empresas e das agências de publicidade. Mas a quem dizemos o pouco ou nada que nos permitem dizer? Isso vai ficando cada vez mais parecido, Hector, ao diálogo de dois silêncios.

E as ameaças não são uma forma de censura? A gráfica foi condenada a voar aos pedaços. Das pessoas nossas, o que não está preso está morto, dorme em casa alheia ou com um olho aberto.

6

Sentamos para comer o picante de galinha que Eulália cozinhou para nós.

Chicha conta a estória do homem de Humahuaca que pactuou com o Diabo, para se fazer invisível.

Me faz bem comer nessa mesa. Divido o pão e o vinho, as lembranças e as notícias, como nos tempos antigos, quando a comunhão era o alento dos que acreditavam.

7

Na manhã seguinte, Hector me espera no andar térreo da casa.

Estou ainda meio adormecido.

– Escutei o noticiário – diz. – Tenho de dar uma notícia ruim, embora você já esteja meio à espera. Encontraram os cadáveres de Michelini e Gutierrez Ruiz.

***Buenos Aires, maio de 1976:
Abro a porta do quarto onde
dormirei esta noite***

Estou sozinho. E me pergunto: existe uma metade de mim que ainda me espera? Onde está? Que faz, enquanto isso?

Virá magoada, a alegria? Terá os olhos úmidos? Resposta e mistério de todas as coisas: e se já nos cruzamos e perdemos sem nem ao menos ficar sabendo?

Coisa curiosa: não a conheço, e mesmo assim sinto sua falta. Tenho saudades de um país que ainda não existe no mapa.

***Diz o velho provérbio: Mais vale
avançar e morrer que se deter e morrer***

1

Chegaram em vários automóveis brancos, desses que a polícia usa. Vinham armados para uma guerra. Sem pressa, durante uma longa hora, saquearam a casa de Gutierrez Ruiz. Levaram ele e levaram tudo, até as revistinhas das crianças. Poucos metros além estavam os guardas armados das embaixadas de vários países. Ninguém interveio.

Duas horas depois, foram buscar Zelmar Michelini.

Michelini, que nesse dia tinha comemorado seu aniversário, vivia em um hotel no centro de Buenos Aires. Também dali levaram tudo. Não se salvaram nem os relógios de seus filhos. Os assassinos não usavam luvas e as impressões digitais ficaram espalhadas por todas as partes. Ninguém se ocupou de examiná-las.

Nas delegacias, negaram-se a receber as queixas, apesar de Gutierrez Ruiz ter sido presidente da Câmara de Deputados do Uruguai e Michelini legislador durante muitos anos. “Seria desperdiçar papel”, disseram os policiais.

No dia seguinte, o ministro da Defesa da Argentina declarou aos jornalistas, sem pestanejar: “Trata-se de uma operação uruguaia. Não sei ainda se oficial ou não”.

Tempos depois, em Genebra, disse o embaixador uruguaio ante a Comissão de Direitos Humanos da ONU: “A respeito das vinculações entre a Argentina e o Uruguai, naturalmente existem. Nos sentimos orgulhosos delas. Estamos irmanados pela História e pela cultura”.

2

Uns meses antes, Gutierrez Ruiz tinha vindo à revista com um sorriso de orelha a orelha:

– Venho convidar você – me disse. – No fim do ano, tomaremos mate juntos, em Montevideu.

E Michelini tinha me dito:

– O que será pior, velho: Montevideú ou Buenos Aires? Parece que teremos de escolher entre a tortura e o tiro na nuca.

Contou-me que estava sendo ameaçado por telefone. Não lhe perguntei por que não ia embora. Como a milhares de uruguaio, a Michelini tinham negado o passaporte. Mas não era por isso. Não perguntei a ele por que não ia embora para que ele não me perguntasse por que não ia embora eu. O menino assobia forte quando passa pela porta do cemitério.

Buenos Aires, junho de 1976:

A terra os engole

Raimundo Gleizer desapareceu. A história de sempre. Foi arrancado de sua casa, em Buenos Aires, e não se sabe nada mais. Tinha feito filmes imperdoáveis.

Eu o vi pela última vez em fevereiro. Fomos jantar com nossos filhos, perto do mar. Varando a noite, me falou do pai.

A família de Raimundo vinha de um povoado na fronteira da Polônia com a Rússia. Lá, cada casa tinha duas bandeiras diferentes para hastear, e dois retratos para pendurar, de acordo com o rumo das coisas. Quando os soldados russos iam embora, chegavam os poloneses – e vice-versa. Era uma zona de guerra contínua, infinito inverno e fome sem fim. Sobreviviam os duros e os picaretas, e nas casas escondiam pedaços de pão debaixo das tábuas do chão.

A Primeira Guerra Mundial não foi novidade para ninguém naquela comarca sofrida, mas piorou o que já era ruim. Os que não morriam começavam os dias com as pernas bambas e um nó no estômago.

Em 1918 chegou à região um carregamento de sapatos. A Sociedade de Damas de Beneficência tinha enviado sapatos dos Estados Unidos. Vieram os famintos de todas as aldeias e disputaram os sapatos a dentadas. Viam um sapato pela primeira vez. Nunca ninguém tinha usado sapatos naquelas comarcas. Os mais fortes iam embora dançando de alegria com sua caixa de sapatos novos debaixo do braço.

O pai de Raimundo chegou à casa, desamarrou os trapos que enrolavam seus pés, abriu a caixa e experimentou o sapato esquerdo. O pé protestou, mas entrou. O que não entrou foi o pé direito. A família inteira empurrava, mas não adiantou. Então a mãe percebeu que os dois sapatos tinham a ponta virada para o mesmo lado. Ele voltou correndo ao centro de distribuição. Já não havia ninguém.

E começou a perseguição ao sapato direito.

Durante meses caminhou o pai de Raimundo, de aldeia em aldeia, averiguando.

Depois de andar muito, e perguntar muito, encontrou o que buscava. Num povoado perdido, além das colinas, estava o homem que calçava o mesmo número e que tinha levado dois sapatos direitos. Lá estavam eles, brilhantes, em

cima de um nicho. Eram o único enfeite da casa.

O pai de Raimundo ofereceu o sapato esquerdo.

– Ah, não – disse o outro. – Se os americanos mandaram os sapatos assim, é porque assim deve ser. Eles sabem o que fazem. Eles fazem as coisas direito.

E não houve jeito de convencê-lo.

***Buenos Aires, junho de 1976:
Guerra da rua, guerra da alma***

Sumir ou somar? Apago os demais, ou os chamo? A solidão é um engano. Vou comer meu próprio vômito, como os camelos? Que risco corre o punheteiro? No máximo poderia deslocar o pulso.

A realidade, os outros: alegria e perigo. Chamo os touros, aguento o avanço. Eu sei que esses chifres bravos podem arrebentar minha veia femural.

Destas coisas converso, em longas noites, com Santiago Kovadolf. E em longas cartas com Ernesto González Bermejo.

O Sistema

Os cientistas latino-americanos emigram, os laboratórios e as universidades não têm recursos, o *know-how* industrial é sempre estrangeiro e se paga caríssimo, mas por que não reconhecer um certo mérito de criatividade no desenvolvimento da tecnologia do terror?

De nossas terras, os donos do poder fazem contribuições universais ao progresso dos métodos de torturas, as técnicas do assassinato de pessoas e de ideias, o cultivo do silêncio, a multiplicação da impotência e a semeadura do medo.

Eu nunca tinha ouvido falar em tortura

Há quinze anos, quando eu trabalhava no semanário *Marcha*, entrevistei um dirigente estudantil da Argélia. A guerra colonial terminara naqueles dias.

O argelino torceu a boca quando lhe sugeri que falasse de si. Mas ao longo das horas foram caindo as barreiras invisíveis e contou-me sua história, ferozes lágrimas de triunfo ao fim de sete anos de briga. Ele tinha sido torturado na Cité Améziane. Tinha sido amarrado a uma cama de metal pelos pulsos e tornozelos, e tinha levado choques.

– A gente sente que o coração vai embora, o sangue vai embora, tudo dança e vai embora.

Depois, tinha sido passado para uma banheira.

Deram tiros em sua testa com balas de festim.

Oito oficiais violaram uma companheira na sua frente.

Naqueles tempos eu nem desconfiava que a tortura ia se transformar num costume nacional. Eu não sabia, há quinze anos, que nas prisões e quartéis de meu país iam acontecer *black-outs* por causa do uso excessivo de corrente elétrica.

O sobrevivente na mesa do café

Uma vez, em Montevideú, eu estava comendo fainá com cerveja no café da esquina da universidade, quando vi chegar René Zavaleta.

René estava muito magro, recém-chegado da Bolívia, e falava sem parar.

A ditadura de Barrientos trancara René em Madidi, um forte militar perdido no meio da selva. De noite, contou René, podiam-se ouvir os jaguares e as tropas de porcos do mato, que avançavam com um cataclisma. O ar estava sempre pesado de calor e escuro de mosquitos, e o rio era perigoso pelas arraias e piranhas. Para entrar nas choças era preciso matar os morcegos a paulada.

Os presos políticos recebiam, cada dia, um punhado de trigo e meia banana. Para conseguir algo mais de comida, era preciso abaixar e lavar os pés do cabo.

Os soldados, que também estavam em Madidi de castigo, passavam o tempo olhando para o céu, à espera de um avião que não chegava nunca. René escrevia cartas de amor sob encomenda. Não havia jeito de fazê-las chegar às namoradas, mas os soldados gostavam das cartas que René escrevia por eles, e iam guardando as cartas e a cada tanto pediam que ele as lesse.

Um dia dois soldados se destroçaram a porradas. Brigaram de vida e morte, por ciúmes de uma vaca que tinha nome de mulher.

Depois René me contou uma estória que acontecera com um amigo nos anos da Guerra do Chaco.

O Sistema

1

Um famoso *playboy* latino-americano fracassa na cama de sua amante. “Ontem à noite bebi demasiado”, se desculpa na hora do café da manhã. Na segunda noite, a culpa é do cansaço. Na terceira noite troca de amante. Depois de uma semana vai consultar um médico. Tempos depois, começa a psicanálise. Experiências submergidas ou suprimidas vão surgindo, sessão após sessão, à superfície da consciência. E lembra:

1934. Guerra do Chaco. Seis soldados bolivianos perambulam pela *puna* buscando sua tropa. São os sobreviventes de um destacamento em derrota. Se arrastam pela estepe gelada sem ver alma ou comida. Este homem é um deles.

Uma tarde descobrem uma indiazinha que leva um rebanho de cabras. A perseguem, derrubam, violam. Entram nela um atrás do outro.

Chega a vez deste homem, que é o último. Ao se atirar sobre a índia, percebe que ela já não respira.

Os cinco soldados formam um círculo à sua volta.

Cravam os fuzis em suas costas.

E então, entre o horror e a morte, este homem escolhe o horror.

2

Coincide com mil e uma histórias de torturadores.

Quem tortura? Cinco sádicos, dez tarados, quinze casos clínicos? Os que torturam são bons pais de família. Os oficiais cumprem seu horário e depois assistem televisão junto aos seus filhos. O que é eficaz é bom, ensina a máquina. A tortura física é eficaz: arranca informação, rompe consciências, difunde o medo. Nasce e se desenvolve uma cumplicidade de missa negra. Quem não torturar será torturado. A máquina não aceita inocentes nem testemunhas. Quem se nega? Quem pode conservar as mãos limpas? A pequena engrenagem vomita a primeira vez. Na segunda vez aperta os dentes. Na terceira se acostuma e cumpre com seu dever. Passa o tempo e a rodinha da engrenagem fala a linguagem da máquina: capuz, plantão, pau de arara, submarino, cepo, cavalete. A máquina exige disciplina. Os mais dotados acabam encontrando um

prazerzinho.

Se são enfermos os torturadores, o que dizer do sistema que os fez necessários?

O Sistema

O torturador é um funcionário. O ditador é um funcionário. Burocratas armados, que perdem seu emprego se não forem eficientes. Isso, e nada mais que isso. Não são monstros extraordinários. Não vamos dar essa grandeza de presente a eles.

Introdução ao Direito

Tinha vindo de Buenos Aires e continuava sendo um intruso em Jujuy, embora estivesse apegado ao lugar depois dos anos e trabalhos. Certo dia, distraído, pagou com um cheque sem fundos o conserto de um pneu do automóvel. Foi julgado e condenado. Perdeu o emprego. Os amigos mudavam de calçada quando viam que ele se aproximava. Não era convidado a nenhuma casa e ninguém bebia com ele, como antes.

Uma noite, tarde, foi ver o advogado que tinha defendido sua causa.

– Não, não – disse. – Nada de apelações. Eu sei que não há nada a ser feito. Deixa pra lá. Vim me despedir e dar um abraço de boas-festas. Muito obrigado por tudo.

Nesta mesma madrugada, dormindo, o advogado deu um pulo na cama. Acordou a mulher:

– Disse feliz Natal e para o Natal faltam dois meses.

Se vestiu e saiu. Não o encontrou. De manhã ficou sabendo: o homem tinha dado um tiro na cabeça.

Pouco depois, o juiz que iniciou o processo sentiu uma dor esquisita no braço. O câncer devorou-o em uns poucos meses. O promotor que fez a acusação foi morto por um coice de cavalo. Seu substituto perdeu primeiro a fala, depois a vista, depois a metade do corpo. O automóvel de um escrivão do tribunal se arrebentou na estrada e pegou fogo. Um advogado que tinha se negado a intervir no assunto recebeu a visita de um cliente ofendido, que tirou uma pistola e disparou a queima-roupa.

Hector me contou esta estória em Yala, e eu pensei nos assassinos de Guevara.

René Barrientos, o ditador, deu a ordem de matá-lo. Terminou engolido pelas chamas de seu helicóptero, um ano e meio mais tarde. O coronel Zenteno Anaya, chefe das tropas que cercaram e agarraram Che em Ñancahuazú, transmitiu a ordem. Muito tempo depois, se meteu em conspirações. O ditador de turno ficou sabendo. Zenteno Anaya caiu crivado de balas em Paris, uma manhã de primavera. O comandante *ranger*, Andrés Selich, preparou a execução. Em 1972 foi morto a porradas por seus próprios funcionários, os torturadores profissionais do Ministério do Interior. Mario Terán, sargento, executou a ordem. Foi ele quem disparou a rajada contra o corpo de Guevara, que estava estendido na escolinha de La Higuera. Terán está internado em um hospício: baba e

responde besteiras a qualquer pergunta. O coronel Quintanilla anunciou ao mundo a morte de Che. Exibiu o cadáver a fotógrafos e jornalistas. Quintanilla morreu com três tiros em Hamburgo, em 1971.

Buenos Aires, junho de 1976: Meio-dia

Carlitos telefonou. Tinha um par de horas livres.

Nos encontramos em uma esquina. Compramos um vinho que não conhecíamos, o borgonha *Santa Isabel*: simpatizamos com o velho que o recomendou, estalando a língua, no armazém.

Subimos para comer em um apartamento emprestado. Era um apartamento de um cômodo único. Os lençóis estavam amassados no chão e havia uma linda desordem generalizada. Gostei do cheiro:

– Aqui vive uma mulher – disse. – E é uma boa mulher.

– Sim – disse Carlitos. – Ela é muito mágica.

Contou-me que o médico tinha dito que ela não podia nascer. Certa madrugada a mãe fez um pacto com as estrelas. Ela nasceu sadia e no dia em que veio ao mundo morreram as vacas.

O vinho acabou sendo excelente. Forte, bom para ser demorado na boca.

Conversamos e comemos.

Depois Carlitos foi trabalhar. Combinamos um novo encontro para o fim de semana, no sítio de Fico.

Me sobrava algum tempo e fiquei à toa, caminhando. Num gramado adormeci, com o sol do outono na cara.

Quando acordei, havia dois elefantes comendo grama ao meu lado.

Escrito num muro, falado na rua, cantado nos campos

1

A cultura não terminava, para nós, na produção e consumo de livros, quadros, sinfonias, filmes e obras de teatro. Nem começava ali. Entendíamos por cultura a criação de qualquer espaço de encontro entre os homens e eram cultura, para nós, todos os símbolos da identidade e da memória coletivas: testemunhas do que somos, as profecias da imaginação, as denúncias do que nos impedem de ser. Por isso *Crisis* publicava, entre os poemas e contos e desenhos, relatórios e reportagens sobre o ensino mentiroso da História nas escolas ou sobre os truques das grandes empresas multinacionais que vendem automóveis e também ideologia. Por isso a revista denunciava um sistema de valores que sacramenta as coisas e despreza as pessoas, e o jogo sinistro da competição e do consumo que induz os homens a usarem-se entre si e a esmagarem-se uns aos outros. Por isso nos ocupávamos de tudo: as fontes do poder político dos donos da terra, o *cartel* do petróleo, os meios de comunicação...

2

Queríamos conversar com as pessoas, devolver-lhes a palavra: a cultura é comunicação ou não é nada. Para chegar a não ser muda, achávamos, a cultura nova tinha de começar por não ser surda. Publicávamos textos sobre a realidade, mas também, e principalmente, textos *vindos* da realidade. Palavras recolhidas na rua, nos campos, nas minas, estórias da vida, quadras populares.

Os indígenas do Alto Paraná cantam sua própria agonia, encurralados pela civilização que os converte em escravos das plantações ou que os mata para roubar sua terra:

*Tu vigiarás a fonte da neblina que engendra as palavras inspiradas.
Aquilo que eu concebi em minha solidão, faz que teus filhos vigiem, os
Jakaira de coração grande. Faz com que se chamem: donos da neblina
das palavras inspiradas.*

Os presos políticos escrevem cartas:

Vou te contar coisas das gaivotas para que não tornes a associá-las com a tristeza.

Mãos anônimas escrevem em um muro do cais de Mar del Plata:

Busco Cristo e não o encontro.

Me busco a mim mesmo e não me encontro.

Mas encontro ao meu próximo e juntos vamos os três.

Do manicômio, viaja o poeta às regiões secretas:

Estava deitado no mar. Eu caminhava sobre as águas e chamei por ele:

Lautréamont, Lautréamont, falei. E ele me respondeu que gostava de mim.

Que seríamos amigos agora no mar, porque nós dois tínhamos sofrido na terra.

As crianças nas escolas suburbanas de Montevideu relatam a conquista da América:

– *Venho civilizar. Olha que barco lindo tenho.*

– *Eu não querer. Eu ter casa, família e ganhar bem.*

– *Mas é melhor do jeito que estou te dizendo, você vai poder falar como eu.*

– *Não encher saco e me deixar tranquilo.*

O operário de uma fábrica explica sua relação com o sol:

Quando você entra para trabalhar ainda é de noite e quando você vai embora o sol já está indo. E por isso, no meio-dia, todo mundo consegue cinco minutos para ver o solzinho na rua, ou no pátio da fábrica, porque não se vê o sol no galpão. Entra a luz mas você não vê o sol nunca.

3

Pouco depois do golpe de Estado, o governo militar ditou novas normas para os meios de comunicação. Segundo o novo código de censura, estava proibido publicar reportagens ou entrevistas feitas na rua, e opiniões não especializadas sobre qualquer tema.

Apoteose da propriedade privada. Não só tinham dono a terra, as fábricas, as casas e as pessoas: também tinham proprietários os temas. O monopólio do

poder e da palavra condenava ao silêncio o homem comum.

Era o fim de *Crisis*. Pouco podíamos fazer, e sabíamos disso.

***Canta o oleiro,
porque há barro para o ninho***

1

– A gente é cego – disse Carlitos.

Mastigava o talo de um trevo.

Estávamos estendidos no pasto, longe dos outros. O sol branco mal e mal esquentava.

Matias nos ajudou a preparar as costelas na brasa. Comemos e as pessoas conversavam em grupos.

Carlitos tinha passado a vida, contou, fugindo dos seus. Quando descobriu sua mãe, quando aprendeu a vê-la pela primeira vez, ela era uma menininha tombada na cama e só dizia pedaços de coisas cômicas ou loucas e já não ia se levantar nunca.

– A gente é cego – disse Carlitos. – De vez em quando a gente adivinha. De vez em quando, e só.

2

De noite, grande ravióli. Sarlanga, autor da maravilha, contou suas desventuras no campo do *Boca Juniors*, o domingo anterior. A multidão tinha levado um de seus sapatos e ele voltou para casa, no metrô, com um pé descalço e cara de sério. Achával lembrava estórias do velho Jaureche, sábio e astuto, que soubera recomendar um “lutinho” àquele arquiteto de roupas brilhantes e cores gritantes.

Volta e meia cruzava o riso e o olhar com uma moça chamada Helena.

Eu gostava de sua maneira de comer, desfrutando.

Ela tinha estado conosco todo o fim de semana, mas foi na hora do jantar que eu descobri esse rosto de índia que Siqueiros gostaria de ter pintado. Vi a muita luz desses olhos esverdeados, também seus prantos secos, a dignidade dos pômulos, a boca muito fêmea marcada pela cicatriz: uma mulher assim deveria ser proibida, pensei, com assombro. Eu ainda não sabia que tinha sido um tiro o que havia roçado sua cara, mas talvez já entendesse que nenhum arranhão da

garra da morte podia ser capaz de desfigurá-la.

Depois houve baralho, e ela apostou até o último feijão. Ganhou. Então empurrou tudo o que tinha até o centro da mesa. E perdeu. Não moveu nenhum músculo.

Caminhamos juntos, no bom frio da noite. A lua, apagada, deixava ver os movimentos da maré das copas das árvores, ondas lentas, e estavam vivas as árvores, estavam cúmplices, e o mundo circulava suave debaixo dos pés.

– Isto é bom e limpo – falei, ou falou.

Na noite seguinte choveu forte em Buenos Aires. Não estávamos juntos. Passamos a noite em claro, escutando chover a mesma chuva. E descobrimos que não podíamos dormir separados.

3

A melodia se encontrou conosco. A melodia preguiçosa por causa das preguiças do amor se esticou e deslizou pelo ar, de quarto em quarto, e se encontrou conosco, voo lânguido da flecha no ar, melodia de *Asa Branca*: Eric soprava a harmônica para seu filhinho Felipe em algum lugar da casa e a melodia chegou até onde estávamos no momento justo em que eu te dizia, ou você me dizia, que sobreviver tinha valido a pena.

O meu corpo tinha crescido para te encontrar, depois de tanto caminhar e cair e se perder por aí. Não o porto, o mar: o lugar onde vão parar todos os rios e onde navegam os navios e os barquinhos.

4

Estado de sítio, guerra de extermínio, cidade ocupada. Dormíamos em uma cama diferente cada vez. Nos cuidávamos, medíamos os passos e as palavras.

Mas uma noite, não sei até hoje como, nos encontramos cantando e dançando em plena estrada, na frente do maior quartel de Buenos Aires. Eric, campeão de tênis que perdia sempre, girava como um pião; Acha e o Gordo brincavam abraçados e proclamavam a candidatura de Vicente ao governo de todos os impérios, monarquias e repúblicas; Vicente dava voltas e pulava e quebrava um pé gritando “que bela é a vida”. Helena e eu celebrávamos nós dois como se fôssemos um aniversário.

Os refletores nos localizaram, da torre do quartel. A sentinela ergueu a arma e titubeou: quem são esses loucos disfarçados que dançam na rua?
E não disparou.

Sonhos

Você acordou, agitada, no meio da noite:

– Tive um sonho horrível. Conto amanhã, quando estivermos vivos. Quero que já seja amanhã. Por que você não faz que agora seja amanhã? Como eu gostaria que já fosse amanhã.

A memória nos dará licença para sermos felizes?

Houve um momento em que a dor começou e desde então não se deteve nunca, vinha mesmo que não fosse chamada, sombra de asa de corvo repetindo junto ao ouvido: “Não sobrarão nenhum. Nenhum ficará vivo. São muitos os erros e as esperanças que terão de ser pagos”.

A Sarracena arrancou o trapo que cobria o corpo do teu irmão Tin, em Córdoba, e enquanto ela se queixava do calor e do muito trabalho torceu a cara dele para que você visse o buraco do tiro. Você não percebeu as próprias lágrimas até que tocou a pele molhada.

Quando balearam Rodolfo, o primeiro tiro alcançou você na boca. Você se inclinou sobre o corpo dele e não tinha lábios para beijá-lo.

Depois...

Iam caindo, um depois do outro, os seres queridos, culpados de atuar ou pensar ou duvidar ou de nada.

Aquele rapaz de barba e olhar triste chegou ao velório de Sílvia Frondizi bem cedinho, quando não havia ninguém. Deixou sobre o caixão uma maçã vermelha e brilhante. Você viu-o deixar a maçã e se afastar caminhando.

Depois, você soube que aquele rapaz era filho de Sílvia. O pai tinha pedido uma maçã. Estavam comendo, ao meio-dia, e ele se levantou para dar-lhe a maçã quando entraram, de repente, os assassinos.

Buenos Aires, julho de 1976:
Longa viagem sem nos movermos

Ritmo de pulmões da cidade que dorme. Fora, faz frio.

De repente, um barulho atravessa a janela fechada. Você aperta as unhas em meu braço. Não respiro. Escutamos um barulho de golpes e palavrões e o longo uivo de uma voz humana. Depois, silêncio.

– Não peso muito?

Nó marinheiro.

Formosuras e dormidezas, mais poderosas que o medo.

Quando entra o sol, pestanejo e espreguiço com quatro braços. Ninguém sabe quem é o dono deste joelho, nem de quem é este cotovelo ou este pé, esta voz que murmura bom-dia.

Então o animal de duas cabeças pensa ou diz ou queria:

– Para gente que acorda assim, não pode acontecer nada ruim.

O Universo visto pelo buraco da fechadura

Naquele tempo, tudo era gigante. Tudo: a casa de pedra no alto da colina, o caminho de hortênsias, os homens que voltavam para casa, pelo caminho, quando caía a noite. Nos arredores cresciam amoras e morangos silvestres e a terra era vermelha e dava vontade de mordê-la.

Descias para a cidade para acompanhar a Avó Deidamia à missa das seis. Os pátios e as calçadas, recém-molhados, cheiravam a frescura de verão.

A Avó Deidamia guardava num baú, enrolados em paninhos, os umbigos de seus dez filhos.

– As sem-vergonhices vêm de Buenos Aires – dizia, quando vocês voltavam da capital com blusas de manga curta.

A Avó Deidamia jamais tinha recebido um raio de sol no rosto e não tinha descruzado nunca suas mãos.

Sentada na sombra, na cadeira de balanço, mão sobre mão, a Avó dizia:

– Aqui estou, estando.

As mãos da Avó Deidamia eram transparentes, azuladas de veias, e tinham as unhas muito perfeitas.

O Universo visto pelo buraco da fechadura

Você roubou um copo-de-leite do canteiro. Respirou profundamente seu aroma. Atravessou o pátio e os calores do verão, passinhos lentos, com a flor alta erguida na mão. As lajes frescas do pátio eram uma alegria para os pés descalços.

Você chegou à bica d'água. Para abrir a torneira, subiu num banquinho. A água caía em cima da flor e de sua mão e você sentia que a água ia deslizando por toda a sua pele e fechou os olhos, tonta por um prazer inexplicável, e então passou um século.

– Meus pensamentos caíram, mamãe – você explicou depois, mostrando o ralo no chão. – Caíram e foram embora por aí.

***Buenos Aires, julho de 1976: Quando as palavras
não podem ser mais dignas que o silêncio,
mais vale ficar calado***

1

Somos obrigados a entregar, na Casa Rosada, as provas das páginas da revista, vindas da gráfica.

– Isto, não. Nem isto – nos dizem.

A última reunião com os militares foi assim:

Tínhamos ido Vicente e eu.

Depois de discutir durante uma hora sobre o material da revista, falamos de Haroldo Conti.

– Ele é um redator de *Crisis* – dissemos – e foi sequestrado. Não se sabe nada. Os senhores nos dizem que ele não está preso e que o governo não tem nada com este assunto. Por que não nos deixam publicar a notícia? A proibição pode se prestar a interpretações torcidas. Os senhores sabem que no exterior há pessoas que pensam mal, pessoas mal-intencionadas que...

– Vocês têm alguma queixa contra nós? – perguntou-nos o capitão. – Foram tratados sempre com correção. Recebemos vocês, os escutamos. Para isso estamos aqui e esta é nossa função no governo. Mas lhes advertimos: este país está em guerra, e se nós nos encontrássemos em outro terreno, o tratamento seria bem diferente.

Toquei o joelho em meu companheiro.

– Vamos, Vicente, está ficando tarde – disse.

Caminhamos, devagar, pela Plaza de Mayo.

No meio da praça ficamos parados um longo tempo sem nos olharmos. Havia um céu limpo e um ruído de gente e pombas. O sol arrancava brilhos nas cúpulas de cobre esverdeadas.

Não falamos nada.

Entramos em um café, para tomar alguma coisa, e nenhum dos dois se animava a dizer:

– Isso significa que Haroldo está morto, não é?

De medo que o outro dissesse:

– Sim.

2

A revista não dá mais.

De manhã, reúno os companheiros e falo com eles. Quero mostrar-me firme e dizer esperanças, mas a tristeza escapa por meus poros. Explico que nem Fico, nem Vicente nem eu tomamos a decisão: que as circunstâncias decidem. Não aceitamos a humilhação como epílogo da linda aventura que nos reuniu durante mais de três anos. *Crisis* não seria agachada por ninguém: vamos enterrá-la em pé, como viveu.

3

Esvazio as gavetas da escrivaninha, repletas de papéis e cartas. Releio, ao azar, palavras de mulheres que amei e de homens que foram meus irmãos. Acaricio com o dedo o telefone que me transmitiu vozes amigas e ameaças.

Caiu a noite. Os companheiros partiram há um par de horas ou de meses. Os escuto, os vejo; seus passos e suas vozes, a luz que cada um irradia e a fumacinha que deixa quando vai embora.

4

No jornal *Época*, de Montevideu, também era assim. A gente entrava naquela redação de garotos e se sentia abraçado mesmo que ali não houvesse ninguém.

Se passaram dez anos ou um instante. De quantos séculos está feito esse momento que vivo agora? De quantos ares o ar que respiro? Anos idos, ares idos: anos e ares guardados em mim e de mim multiplicados quando me sento e visto a capa de mago ou o boné de capitão ou o nariz de palhaço e aperto a lapiseira e escrevo. Escrevo, ou seja: adivinho, navego, convoco. Virão?

Palco mulambento, navio, circo mambembe. No jornal trabalhávamos pela fé, que sobrava e ninguém recebia nada. Tínhamos poucos anos e muita vontade de fazer e dizer: éramos alegres e confiantes, contagiosos.

A cada tanto nos fechava o governo, e amanhecíamos na polícia. Recebíamos a notícia com mais alívio que indignação. Cada dia sem sair era um dia de tempo para juntar dinheiro e sair no dia seguinte. Íamos à Chefatura de

Polícia, Andrés Cultelli, Manrique Salbarrey e eu, e ao chegar na porta nos despedíamos por via das dúvidas.

Sairemos hoje? Nunca se sabia. Chegava a meia-noite e as agências tinham levado os teletipos, por falta de pagamento; o nosso telefone tinha sido cortado; o único rádio caía e quebrava. As máquinas de escrever não tinham fita e às duas da manhã saíamos para buscar bobinas de papel. Era coisa de olhar da varanda e esperar um drama passionai ali na esquina, mas não tínhamos nem filmes para as fotos. Houve até um incêndio, que arrebentou as máquinas da gráfica. E, mesmo assim, não sei como, *Época* estava nas ruas. Prova da existência de Deus ou magias da solidariedade?

Faltava idade a todos nós para que nos arrependêssemos da alegria. Às três da manhã, quando terminava a tarefa, abríamos um campo entre as escrivatinhas da redação e jogávamos futebol com uma bola de papel. Às vezes o que era juiz se vendia por um prato de lentilhas ou por um cigarrinho, e então voavam murros até que, lá da gráfica, subiam o primeiro exemplar do jornal, cheirando a tinta fresca, manchado de dedos, recém-nascido da boca da rotativa. Isso era um parto. Depois íamos embora, abraçados, rumo às avenidas à beira-mar, à espera do sol. Isso era um ritual.

Quem poderia esquecer esses tipos lindos? Não reconheço aquele pulso, aquele som, em minha gente de agora? Serve para alguma coisa, a minha memória? Quisemos quebrar a máquina de mentir... A memória: meu veneno, minha comida.

**“A árvore voa”, diz o poeta,
“no pássaro que a abandona”**

1

Uma tarde, em Montevideu, verão de 60 ou 61, eu descobri que não podia mais suportar o fulano que cada jornada punha a gravata e o paletó de brim na hora indicada e contava notas e dava trocos e bons-dias com os dentes apertados. Fechei a caixa, fiz o balanço, assinei, e disse ao gerente do banco:

– Vou embora.

E ele me disse:

– Ainda não está na hora.

E eu disse:

– Vou embora para sempre.

E fui para Buenos Aires pela primeira vez.

Eu tinha vinte anos. Conhecia pouca gente em Buenos Aires, mas achava que podia me arrumar.

A princípio me tratou bastante mal, a Babilônia. Me sentia sozinho e acochado pela multidão e os calores e a falta de dinheiro.

Estive um tempinho trabalhando na revista *Che*, até que uma segunda-feira chegamos à redação, Chiquita Constela, Pablo Giussani e eu, e encontramos o edifício rodeado pelas tropas. Eram tempos da greve ferroviária. Os operários incendiavam vagões e a revista achava que isso não era nenhum crime. Os soldados arrombaram a porta.

Passei uma semana sem ver ninguém, enterrado numa pensão, dessas de encontros furtivos, por lá dizem *hotel-alojamiento*, onde não pediam documentos nem faziam perguntas. Eu me virava na cama dia e noite, transformado em uma sopa de transpiração e tristezas, sem poder fechar os olhos por culpa dos gritos e batidas de portas e dos casais que gemiam através das paredes.

2

Daquela primeira época em Buenos Aires, ficou-me uma imagem que não sei se vivi ou sonhei em alguma noite ruim: a multidão apinhada em uma estação

do metrô, o ar pegajoso, a sensação de asfixia e o metrô que não vinha. Passou meia hora, talvez mais, e então se soube que uma moça tinha se jogado nos trilhos da estação anterior. No começo houve silêncios, comentários em voz baixa, e como de velório: “Coitada, coitadinha”, diziam. Mas o metrô continuava sem aparecer e começava a ficar tarde para chegar ao trabalho e então as pessoas pisavam duro no chão, nervosas, e diziam: “Por que não resolveu se jogar em outra linha? Justo nesta, tinha de ser justo nesta?”

Cruzei o rio e jurei não voltar. Mas voltei, muitas vezes. E no começo de 1973, Fico Vogelius me encarregou de dirigir uma revista que ia se chamar *Crisis*.

3

Em meados de 1976, não havia outra solução além de ir embora.

Não era fácil. A cidade que em outro tempo eu soube odiar tinha me oferecido perigos, júbilos e amores. A quanta gente davam sombra as magnólias da Plaza Francia? Que multidão cabia na minha memória quando eu passava pelo *Ramos*, o *Ciervo* ou o *Bachín*?

No *Ramos*, ao meio-dia, Manolo jogava amendoins no chão de madeira. Algumas pombas deixavam o solzinho da calçada e entravam e se serviam. Com Manolo, garçom do *Ramos*, víamos passar as pessoas pela avenida.

- Como vai?
- Como o país.
- Sobrevivendo?
- Quem, eu?
- Não, o país.
- Mentindo, coitado.

4

Às vésperas da partida, Helena e eu comemos com Achával e Carlitos Domínguez. Acha ergueu o copo de vinho e brindou:

- Pelas coisas melhores – disse. – As piores nós já conhecemos.

Achával vivia longe, a mais de uma hora de Buenos Aires. Não gostava de esticar a noite na cidade, porque era triste a madrugada solitária no trem.

Todas as manhãs Acha subia no trem das nove para ir trabalhar. Subia sempre no mesmo vagão e se sentava no mesmo lugar.

Na sua frente viajava uma mulher. Todos os dias, às nove e vinte e cinco, essa mulher descia por um minuto numa estação, sempre a mesma, onde um homem a esperava parado sempre no mesmo lugar. A mulher e o homem se abraçavam e se beijavam até que soava o sinal. Então ela se soltava e voltava ao trem.

Essa mulher se sentava em frente, mas Acha nunca ouviu sua voz.

Uma manhã ela não veio e às nove e vinte e cinco Acha viu, pela janela, o homem esperando na plataforma. Ela não veio nunca mais. Depois de uma semana, também o homem desapareceu.

Guerra da rua, guerra da alma

De repente, estou debaixo de céus alheios e terras onde se fala e se sente de outro modo e até a memória fica sem gente para dividir ou lugares para se reconhecer. É preciso batalhar duro para ganhar o pão e o sono, e a gente fica meio aleijado com tanta coisa faltando.

Em seguida chega uma tentação de choramingar, o viscoso domínio da nostalgia e da morte, e corre-se o risco de viver com a cabeça virada para trás, viver morrendo, que é uma maneira de dar razão ao sistema que despreza os vivos. Desde que éramos pequenos, na hipocrisia dos velórios, nos ensinaram que a morte é uma coisa que melhora as pessoas.

Os ventos e os anos

1

O holandês esticava o pescoço entre os barcos mortos. Do boné, que tinha sido azul, escapavam mechas de cabelo muito branco. Não me cumprimentava. Me olhava sem pestanejar, com seus olhos transparentes imensos na cara escorrida.

Eu me sentava ali por perto, no resto de algum casco, enquanto ele esquartejava as armações com serrote, alicate e paciência.

O holandês brigava com as gaivotas. Dizia que roubavam sua comida. Custou a se convencer que eu ia por puro prazer. O dique ficava a uns dez ou doze quarteirões de casa e era bom caminhar rua abaixo, nas tardes de sol, e encontrar o mar. Às vezes o holandês me deixava ajudá-lo. Eu saltava de barco em barco a resgatar âncoras tapadas pela ferrugem, timões quebrados e cordas que cheiravam a breu.

Ele trabalhava em silêncio. Nas tardes de bom humor contava estórias de naufrágios e motins e perseguições de baleias pelos mares do sul.

2

Quando fui convidado para ir a Cuba, em 1970, como jurado do concurso da Casa das Américas, desci ao cais para dizer-lhe adeus.

– Eu estive em Havana – me disse ele. – Naquela época eu era jovem e tinha um terno branco. Trabalhava em um barco cargueiro. Gostei desse porto, e fiquei. Tomando o café da manhã li um anúncio no jornal. Uma dama francesa desejava iniciar relação com jovem instruído e de boa presença. Tomei banho, fiz a barba e calcei os sapatos que combinavam com o terno. A casa ficava perto da catedral. Subi a escadinha e bati na porta com minha bengala. Havia uma aldrava grande, mas eu tinha a bengala. Então a porta foi aberta. A francesa estava completamente nua. Fiquei com a boca aberta. E perguntei: “Madame ou mademoiselle?”

Rimos.

– Faz muitos anos que isso aconteceu – disse o holandês. – E agora eu quero pedir-lhe uma coisa.

3

Nem bem cheguei a Cuba, fui ao morro de Havana. Não pude entrar. Era uma zona militar. Falei com meio mundo e não consegui a autorização.

Quando voltei a Montevideú, caminhei até o dique e fiquei um tempo olhando o holandês trabalhar. Fumei dois ou três cigarros. Ao pé do morro se levantava a chama da refinaria. O holandês não me perguntou nada. Eu disse a ele que em Havana tinha visto, intactas, como recém-gravadas na pedra branca do morro, as palavras de amor que ele tinha escrito ali, em 1920, com a ponta de um prego.

Crônica da Terra Grande

1

Eu tinha estado em Cuba, pela primeira vez, em meados de 1964. Eram tempos de pleno bloqueio: impedia-se a passagem das pessoas e das coisas.

Viajamos até Lima e depois ao México. Do México a Windsor e Montreal. Estivemos cinco dias esperando em Montreal – *la belle province* nas placas dos automóveis; *private property* nos cartazes nas margens dos lagos – e dali a Paris e de Paris a Madrid.

A Madrid chegamos de manhã. Só nos faltava passar pela Oceania. Mas em Madrid soubemos que o avião partia rumo a Havana aquela noite.

Resolvemos, Reina e eu, visitar o Museu do Prado. Reina, companheira de delegação ao aniversário do assalto ao quartel Moncada, era uma avó gorda e sábia, professora de várias gerações, com um incansável brilho de inteligência nos olhos e um jeito muito seu de suspirar. Tínhamos nos transformado em cupinchas na longa viagem.

Por obra e graça do bloqueio me ofereciam, naquela tarde, uma experiência desejada há muito tempo: ver os cavalheiros de El Greco tal como tinham sido pintados por sua mão, a luz de Velázquez não mentida nas reproduções e, acima de tudo, a pintura negra de Goya, os monstros que tinham nascido de sua alma e tinham ficado com ele, na Quinta del Sordo, até o final de seus dias.

Chegamos às portas do museu. O Paseo del Prado estava uma maravilha naquele meio-dia limpo de verão.

– Tomamos um cafezinho, antes de entrar?

Havia mesas nas calçadas. Pedimos café e xerez seco.

Reina não guardava rancores, mas bocejava ao recordar seu primeiro matrimônio. Tinha vivido uns anos de mãe formal e dona de casa. Uma noite, numa festa, foi apresentada a um senhor. Deu-lhe a mão e ele apertou-a e a reteve, e ela sentiu, pela primeira vez, uma eletricidade desconhecida, e de repente descobriu que seu corpo tinha vivido, até esse instante, mudo e sem música. Não se disseram nem uma palavra. Reina nunca mais o viu. Desse homem que mudou sua vida, ela não lembrava o nome ou a cara.

Pedimos mais café e mais xerez.

Reina falava de seus amores e nem percebi o passar das horas. Quando

quisemos acordar, já era tarde. Não fomos ao Museu do Prado. Esqueci que existia o Museu do Prado.

Depois entramos no avião morrendo de rir.

2

Quando voltei a Cuba, seis anos depois, a revolução vivia sua hora mais difícil. A safra dos dez milhões tinha fracassado. A concentração de esforços na cana-de-açúcar tinha deixado manca a economia do país. Finalmente os meninos tinham leite e sapatos, mas nos restaurantes dos centros de trabalho a carne era um milagre e de algumas frutas e verduras não havia mais que a lembrança.

Com voz grave, Fidel Castro leu cifras dramáticas para a multidão: “Aqui estão os segredos da economia cubana”, disse.

– Sim, senhores imperialistas! – disse. – É muito difícil construir o socialismo!

A revolução tinha derrubado os muros altos. Agora eram de todos o teto e a roupa e a comida, o alfabeto e o médico, a liberdade de escolher. Mas não tinha sido o país treinado durante séculos para a impotência e a resignação? Com que pernas podia a produção alcançar o galope do consumo? Podia Cuba correr, se estava acabando de aprender a ficar em seus próprios pés?

Fidel falou, enquanto anoitecia na praça imensa, das tensões e dificuldades. E mais longamente falou dos erros. Analisou os vícios da desorganização, os desvios burocráticos, os equívocos cometidos. Reconheceu sua própria inexperiência, que tinha feito com que atuasse às vezes com pouco realismo, e disse que havia quem achava que ele estava onde estava porque gostava do poder e da glória.

– Eu entreguei a esta revolução os melhores anos de minha vida – disse.

E com o cenho franzido perguntou:

– Que significa a glória? Se todas as glórias do mundo cabem em um grão de milho!

Explicou que uma revolução, quando é verdadeira, trabalha para os tempos e os homens que virão. A revolução vivia com o pulso acelerado e sem fôlego, ante o acosso e o bloqueio e a ameaça.

– O inimigo diz que em Cuba temos dificuldade – disse Fidel.

A multidão, que escutava em silêncio, crispou rostos e punhos.

– Nisso o inimigo tem razão.

– O inimigo diz que em Cuba há descontentamento – acrescentou. – E também nisso o inimigo tem razão.

– Mas há uma coisa na qual o inimigo se engana.

E então afirmou que o passado não ia voltar, com voz de trovão afirmou que nunca Cuba regressaria ao inferno da plantação colonial e ao prostíbulo para estrangeiros e a multidão lhe respondeu com um alarido que fez a terra tremer.

Naquela noite os teletipos enlouqueceram anunciando a iminente queda de Fidel Castro. Treinados para a mentira, certos jornalistas não puderam entender a coragem da verdade. A sinceridade de Fidel tinha dado, aquela noite, a medida da grandeza e da força da revolução.

Eu tive a sorte de estar lá, e não esqueço.

3

Em sua casa de Havana, Bola de Nieve me sufocou de perguntas sobre Montevideu e Buenos Aires. Queria saber o que tinha sido feito da vida das pessoas e lugares que ele tinha conhecido e gostado trinta ou quarenta anos antes. Em seguida entendi que não tinha sentido continuar dizendo: “Já não existe” ou: “Foi esquecido”. Ele também compreendeu, acho, porque começou a falar de Cuba, disse que ele chamava de yoruba-marxismo-leninismo, síntese invencível da magia africana e da ciência dos brancos, e passou horas contando histórias da alta sociedade que antes pagava para que ele cantasse: “Rosália Abreu tinha dois orangotangos. Vestia os dois com macacões. Um servia o café da manhã, o outro fazia o amor com ela”.

Mostrou-me quadros de Amália Peláez, que tinha sido sua amiga:

– Morreu de burra – disse. – Aos setenta e um anos ainda era senhorita. Nunca tinha tido um amante ou amante nem nada.

Confessou seu pânico pelos galos vivos e os macacos soltos. Sentou-se ao piano. Cantou *Drume, negrito*. Depois cantou *Ay, mama Inés*, e o pregão do vendedor de amendoim. Tinha a voz muito gasta, mas o piano o ajudava a levantá-la cada vez que caía.

Num momento interrompeu a canção e ficou com as mãos no ar. Virou-se para mim e com estupor me disse:

– O piano acredita em mim. Acredita em tudo, tudinho.

Quando terminaram os trabalhos na Casa das Américas, Sérgio Chaple me propôs que fôssemos até a Terra Grande.

Voamos em uma casca de noz sobre a selva. Aterrissamos no final do país. As montanhas do Haiti brilhavam, azuis, no horizonte.

– Não, não – disse Magüito. – Aqui não termina Cuba. Aqui, Cuba começa.

São secas as terras da ponta de Maisí, embora estejam na beira do mar. As secas arrasam as plantações de verdura e feijão. Em Maisí os quatro ventos se cruzam, levam embora as nuvens e afastam as chuvas.

Magüito nos levou até sua casa, para tomarmos café.

Ao entrar, despertamos uma porca que dormia no portal. Ficou furiosa. Bebemos o café rodeados de meninos, porcos, bodes e galinhas. Nas paredes, Santa Bárbara se erguia flanqueada por dois Budas e um Coração de Cristo. Havia muitas velas acesas. Na semana anterior Magüito tinha perdido uma neta.

– O tempo chegado. Ficou sem cor; estava que nem uma flor de algodão. Nada adianta nada quando o tempo chega. E às vezes antes desse tempo as pessoas vão pondo as velas, como fizeram comigo há trinta e sete anos, e não aguenta a manhã, dizem, e nisso a gente endireita.

Pela porta, aberta de par em par, vimos passar os pescadores. Vinham do mar, com peixes pendurados nas varas, já limpos e salgados, prontos pra secar. O pó do caminho levantava nuvens de névoa às suas costas.

Quando apareceu nessas comarcas o primeiro helicóptero, as pessoas fugiram apavoradas. Até o triunfo da revolução, os enfermos graves eram transportados no braço, em liteiras, através da selva, e morriam antes de chegar a Baracoa. Mas ninguém se assustou quando nosso aviãozinho chegou ao novo aeroporto; e fazia tempo que os barbudos tinham construído o primeiro hospital em Los Llanos.

– O homem de sangue não pode ver abuso – disse Magüito. – É meu defeito. Se tenho inimigos, são escondidos. Fui bailarino de *son* e *danzón*, bebedor e farrista, bom amigo. Daqui para cima, todinhos me conhecem.

E nos advertiu:

– Aqui não somos bronqueadores. Nos curtimos, mas não nos surramos. Os de lá do alto, os da Terra Grande, são mais ruins que o mosquito azul.

5

No caminho, os brilhos feriam os olhos. O vento, que soprava baixo e em redemoinhos, cobria com máscaras de pó avermelhado homens e coisas.

Atravessamos umas plantações de café. Foi um alívio entrar nos túneis de sombras.

A gente do lugar odiava os morcegos. Pelas noites, os morcegos saíam das covas e se abatiam sobre o café. Mordiam os grãos, arrancavam seu mel. Os grãos se secavam e caíam.

6

Sobre as colinas, dominando o mar, Patana Arriba. Ao pé, frente aos arrecifes, Patana Abajo. Todo mundo se chamava Mosqueda.

– Entre filhos e netos – disse Don Cecílio – estive contando essas noites, e havia uma aproximação de trezentos. Já não há mulher em casa. Estou cumprindo oitenta e sete. Eu antes tinha criadeiro de bodes, reses e porcos, lá embaixo. Aqui parece que me chegou a sorte no café. Se pesquei? Pesquei ou pequei? Se eu me lembro?

Nos piscou:

– Alguma coisa sobrou. Na memória e no impulso.

E acrescentou, com um sorriso que lhe deixava ao ar as gengivas sem dentes:

– Por alguma razão Mosqueda é o sobrenome deste reino, o que multiplica. Tínhamos sede. Don Cecílio Mosqueda saiu da cadeira de balanço.

– Deixa que eu subo – disse.

Um dos netos, ou bisnetos, Bráulio, agarrou o velho pelo braço e sentou-o novamente.

Bráulio trepou pelo alto tronco com os pés amarrados. Balançou o corpo nos ramos, facão na mão. Uma chuva de cocos caiu ao solo.

Don Cecílio morria de curiosidade por causa do gravador. Mostrei como funcionava.

– Este aparelhinho é verdadeiramente científico – opinou – porque conserva viva a voz dos mortos.

Coçou o queixo. Apontou o gravador com o dedo indicador e disse: “Quero que meta isso aí”. E falou enquanto balançava com os olhos fechados.

Bráulio era o chefe dos carcereiros do patriarca. As brigadas de netos e bisnetos faziam rodízio para dormir. Ao menor descuido, Don Cecílio escapava a cavalo e de um só galope atravessava a selva e chegava a Baracoa ao amanhecer, para galantear a menina que o enlouquecera, ou ia caminhando pelas colinas até Montecristo, que era bem longe, pra cantar serenatas a outra menina que estava roubando seu sono.

Don Cecílio achava que a revolução não era ruim.

– A gente vivia muito isolada, como em pé de guerra – explicou-me. – Agora, as culturas se intercambiam.

Ele tinha descoberto o rádio. O papagaio da casa tinha aprendido uma canção dos Beatles e Don Cecílio ficou sabendo de certas coisas que ocorriam em Havana.

– Eu não sou muito de gostar de praia. Quase quase nem vou. Mas escutei que em Havana há uma coisa que se chama biquíni, que as mulheres ficam com todas as miudezas no ar. E acho que nesses causos acontece uma coisa. Que o que é da sua mulher quem há de ver é o senhor e se acabou. O senhor não é quem cuida dela? Eu sou homem de muita ordem e pela praia e pelos bailinhos é que a gente entra no relaxo. Como se vestia minha mulher? Pela cabeça, rapaz, e ficava nua pelos pés.

Também andava preocupado com o divórcio. Tinha sabido que havia muito divórcio, e isso não é sério.

– Mas Don Cecílio – interrompeu Sérgio. – É ou não é verdade que o senhor teve quarenta e tantas mulheres?

– Quarenta e nove – reconheceu Don Cecílio. – Mas não me casei nunca. O que casa se fode.

Depois quisemos que ele contasse mais coisa, que largasse a língua, mas Don Cecílio não deu nenhuma pista do tesouro. Na região, todos sabiam que ele tinha um tesouro escondido numa gruta.

7

Íamos rumo a um povoado que se chamava La Máquina.

O caminhão recolhia as pessoas. Todo mundo para a assembleia.

– Plácido, vem, vamos lá! Não foge não, Plácido!

– É que ninguém me avisou!

Esperavam pelo caminhão banhados e de roupas passadas, as velhas com

sombrinhas coloridas, as moças vestidas de festa, os homens mancando por causa dos sapatos novos. No caminhão, o pó cobria num instante as peles e as roupas e era preciso fechar os olhos: eles se reconheciam pelas vozes.

– Don Cecílio? Esse é um velho antigo, dos de antes. Tem mais de cem anos.

– Vai morrer sem dizer onde tem o tesouro. Ninguém vai rezar sua missa.

– Que é isso, Ormídia?

– Sua alma não vai descansar, Iraida.

– Como é que ia descansar... Com tanto pecado e a tremenda carga de terra que vai ter em cima...

– E eu, levo muita terra?

– Não vejo, Urbino.

– Ah, claro: a que se necessita, e nada mais.

– Ninguém te perguntou nada, Arcónida.

O caminhão pulava de buraco em buraco. As ramas nos açoitavam as caras e das árvores se desprendiam caracóis coloridos. Aos punhados, entre um pulo e outro, eu os metia em meus bolsos.

– Não se assusta não, que o mundo não termina.

– O mundo nem começou direito ainda, Urbino!

Também viajavam conosco vários meninos, dois cachorros e um papagaio. Cada um se agarrava como podia. Eu ia abraçado a um barril de água.

Volta e meia o motor engasgava, e era preciso descer para empurrar.

– Eu sou o eleito – dizia Urbino. – Bom para tudo menos para ir embora.

Faltava muito para chegar quando furou um pneu.

– Não tem jeito. Morreu de vez.

E começou a procissão pelo caminho.

Tudo o que faltava era ladeira acima.

Homens e mulheres, crianças e bichos subiam a montanha cantando.

– Aprumei a voz, viram? Que peito tenho eu!

Iam pegajosos de suor e pó e investiam, felizes, contra o sol de verão, sol de três da tarde, que castigava sem piedade.

*O dia em que eu morrer
quem se lembrará de mim?*

*Só mesmo a biquinha
da água que bebi.*

Urbino era manco, caminhava agarrado à minha camisa.

– Eu canto o que sei e ao mundo não devo nem temo – disse. – Esse ritmo,

conhece? É nosso. Se chama *nengón*. É um ritmo de Patana, mas de Patana Abajo. Toca-se com maracas. E com viola de quatro cordas de arame, que também é um invento nosso. No país de Patana, naquele monte deserto, temos de inventar.

As cristas das palmeiras ardiam contra um fulgor branco: se eu erguesse o olhar, ficava tonto. Pensei: uma cerveja gelada seria como uma transfusão de sangue.

– Dez mil coisas estão acontecendo aqui e Fidel nem desconfia – dizia Urbino. – Você diz lá em Havana que me mandem logo os *habelitos* que me prometeram. Não esquece, tá?

Ele tinha comprado um motor elétrico para sua oficina de carpinteiro. Tinha consultado antes, e disseram a ele que sim, que o comprasse, pois assim poderia dar luz ao pessoal de Patana Abajo e, além disso, fazer móveis para todos. Mas o motor não funcionou nunca, e o pessoal caçoava dele: esses ferros vazios, diziam, esse motor é um tremendo pacote, Urbino, te levaram no bico.

– Sem o motor, continuamos no escuro. Me entende? Você diz lá para eles que me mandem logo os tais *habelitos*, que é para *habelitar* o motor, entende? Os *habelitos*, o que vem dentro, e *habelita* tudo, entende?

A ladeira ficou para trás e vimos as primeiras casinhas de madeira. Uns touros cor de café atravessaram o caminho e fugiram a galope. Dos bananais surgiam pendurados os capulhos violeta, inchados, a ponto de estourar. Parei para esperar uma velha que vinha arrastando seu longo vestido verde:

– Eu, quando era jovem, voava – disse. – Agora, não.

Toda Terra Grande estava na assembleia. Ninguém se queixava e as brincadeiras e canções continuaram até que tomou a palavra um camponês loiro, de altos pômulos e rasgos duros, que falou da organização e das tarefas. Era o técnico em mecanização agrícola mais importante da região.

Depois ele nos convidou, Sérgio e eu, para comer banana frita. Havia aprendido a ler e a escrever aos vinte e cinco anos.

8

Juntamos uma boa quantidade de caracóis coloridos. Esvaziamos com uma agulha um por um, e os deixamos secar ao sol. Eu estava deslumbrado por essas minúsculas maravilhas, as polimitas, de cores e desenhos sempre diferentes. Viviam nos troncos das árvores e debaixo das folhas largas das bananeiras. Cada

babosa pintava sua casa melhor que Picasso ou Miró.

Nas Patanas tinham me dado um caracol difícil de encontrar. – Se chamava ermitão. Esvaziá-lo me custou bastante trabalho. A babosa estava escondida no fundo de um longo túnel de nácar; morta e tudo, se negava a sair. O ermitão largava um cheiro asqueroso, mas era de uma beleza rara. Sua carcaça, com estrias cor de cobre e forma de punhal malaio, não parecia criada para girar gordamente como um pião, e sim para soltar-se, se abrir e voar.

9

Aurélio nos contou que tinha sido advertido: “Não vá a Patana, que ali queimam as pessoas e as enterram escondidas. Além disso, caminham depressa para caralho, os pataneros”.

Estávamos em La Asunción. Durante o dia, Aurélio nos acompanhava a todas as partes. De noite, não dormia. Ficava conosco até que alguém, lá de baixo, assobiava três vezes. Aurélio pulava a janela e se perdia na folhagem. Logo depois regressava. Ficava na cama, fumando, até o amanhecer.

– Você está perdido, Aurélio – dizia Sérgio.

Batia a porta a qualquer hora da noite.

Tinha medo dos pesadelos. Se concentrava pensando num ponto dentro do círculo e quando conseguia dormir chegava um prego gigante que se afundava em seu peito, ou um enorme ímã do qual ele não podia se desprender, ou um pistão de ferro que o apertava contra a parede e quebrava uma de suas vértebras.

Aurélio era do exército, sétimo curso da arma de artilharia.

– Quiseram dar-me baixa. Eu pedi que esperassem. Estou lá até o pescoço, porque gosto.

Tinha tentado ir lutar na Venezuela. Já estavam saindo, ele e outros bolsistas, quando foram pescados. Fidel falou com eles. Disse que eram muito jovens, que era melhor estudar.

– Quando eu vinha vindo para a Terra Grande, no avião, pensava que tinha uma missão. Que era correio e estava na Venezuela ou na Bolívia. No aeroporto, a polícia me esperava. Eu escapava no teto de um trem.

Cruzamos com Aurélio, cedinho, na saída do povoado. Levava uma forquilha e um facão. Disse que vinha de matar serpentes. Procurava entre as rochas e os arbustos, e cortava suas cabeças ou arrebatava seus ossos.

Mostrou-nos o facão, que tinha sido de seu pai.

– Uma vez, em Camaguey, o haitiano Matias tirou-o de mim. Não arrancou brusco nem nada. Eles sabiam fazer isso. Olha que vou te dar o golpe, falei, e ergui o facão. O velho Matias nem se tocou. Cruzou os braços, descruzou e eu fiquei que nem cego, não sei, e ele já tinha o facão amarrado pelo cabo.

Na cafeteria encontramos uma nuvem de moças.

– Que fizeram do caracol? – perguntou uma delas. – Ficou contigo, trigueiro?

Aurélio ficou vermelho.

Sérgio recomendava, segredando:

– Essa magrinha é malandra.

Elas discutiam:

– Para os gostos foram feitas as cores.

– A forma de vestir não tem nada a ver. Isso não influi na maneira de ser da pessoa.

– Que nada. O melhor vestido de noiva é a pele.

– A gente se casa de uma vez para sempre.

– E se o homem acaba sendo um mariquinha? Há que viver com ele, para saber.

– Diz aí, Narda. De onde era aquele que dizia que era para se apaixonar...?

– Pois eu tenho uma moral mais alta que o Pico Turquino.

– Ai, Deus meu. Aqui vivemos uma antiguidade que eu já não resisto. Nem aguento.

A magrinha se chamava Bismânia. Ela mesma tinha escolhido o nome, quando deixou de gostar do que tinha antes.

11

Ali perto havia uma brigada levantando paredes. Nos oferecemos para dar uma mão.

– Eu, destas, não gosto de nenhuma – disse Aurélio.

Trabalhamos até o anoitecer. Ficamos os três brancos de cal e duros de cimento.

Aurélio nos confessou que tinha vindo à Terra Grande perseguindo uma moça. Tinham se conhecido em Havana, quando ela foi estudar. Agora, estava presa a chave. Era ela quem mandava os mensageiros que assobiavam de noite ao pé da janela. Assim se encontravam, um instante, entre as árvores.

Mas naquela noite ninguém assobiou e Aurélio não bateu a porta.

Não o vimos na manhã seguinte.

Quando perguntamos por ele, já estava voando de volta para Havana.

– Queria roubar a franguinha – nos disseram. – O pai dele mandou buscá-lo.

O pai de Aurélio usava na gola as três barras de primeiro capitão. (Aurélio tinha seis anos e fazia quatro dias que Fulgêncio Batista tinha fugido em um avião. Viu chegar um homem imenso pela praia de Baracoa. Usava barba até o peito e um uniforme cor de oliva.

– Olha – disse a mãe. – Esse é o seu pai.

Aurélio correu pela praia. O homem imenso ergueu-o e o abraçou.

– Não chora – disse o homem. – Não chora.)

Notícias

Do Uruguai.

Uma moça de Salto morre na tortura. Outro preso que se suicida.

O preso estava na cadeia de Libertad há três anos. Um dia encrespou, ou olhou torto, ou algum guarda se levantou de mau humor. O preso foi enviado à cela de castigo. A que chamam “a ilha”: incomunicáveis, esfomeados, asfixiados, na “ilha” os presos cortam os pulsos ou ficam loucos. Este passou um mês na cela de castigo. Então se enforcou.

A notícia é de rotina, mas há um detalhe que me chama a atenção. O preso se chamava José Artigas.

Guerra da rua, guerra da alma

Seremos capazes de aprender a humildade e a paciência?

Eu sou o mundo, mas muito pequenino. O tempo de um homem não é o tempo da História, embora, tenho de reconhecer, bem que eu gostaria que fosse.

O Sistema

Me vem à cabeça uma coisa que me contou, há uns cinco ou seis anos, Miguel Littin. Ele acabava de filmar *La Tierra Prometida* no vale de Ranquil, uma comarca pobre do Chile.

Os camponeses do lugar faziam o papel de extras nas cenas de massa. Uns se representavam a si mesmos. Outros faziam o papel de soldados. Os soldados invadiam o vale e a ferro e fogo arrancavam as terras dos camponeses. O filme era a história da matança.

No terceiro dia, começaram os problemas. Os camponeses que vestiam farda, andavam a cavalo e disparavam balas de festim se tinham feito arbitrários, mandões e violentos. Eles acossavam os outros camponeses *depois* de cada dia de filmagens.

Guerra da rua, guerra da alma

Quantas vezes fui um ditador? Quantas vezes um inquisidor, um censor, um carcereiro? Quantas vezes proibi, aos que mais queria, a liberdade e a palavra? De quantas pessoas me senti dono? Quantas condenei pelo delito de não serem eu? Não é a propriedade privada das pessoas mais repugnante que a propriedade das coisas? A quanta gente usei, eu, que me acreditava tão à margem da sociedade de consumo? Não desejei ou celebrei, secretamente, a derrota dos outros, eu que em voz alta me cagava no valor do êxito? Quem não reproduz, dentro de si, o mundo que o gera? Quem está a salvo de confundir seu irmão com um rival, e a mulher que ama com a própria sombra?

Guerra da rua, guerra da alma

Escrever tem sentido? A pergunta me pesa na mão. Se organizam alfândegas de palavras. Para que nos resignemos a viver uma vida que não é a nossa, nos obrigam a aceitar como própria uma memória alheia. Realidade mascarada, estória contada pelos vencedores: talvez escrever não seja mais que uma tentativa de pôr a salvo, em tempos de infâmia, as vozes que darão testemunho de que aqui estivemos e assim fomos. Um modo de guardar para os que ainda não conhecemos, como queria o poeta catalão Salvador Espriu, “o nome de cada coisa”. Quem não sabe de onde vem como pode averiguar aonde vai?

Introdução à História da Arte

Janto com Nicole e Adoum.

Nicole fala de um escultor que ela conhece, homem de muito talento e fama. O escultor trabalha num estúdio imenso, rodeado de crianças. As crianças do bairro são seus amigos.

Um belo dia a prefeitura encomendou-lhe um grande cavalo para uma praça da cidade. Um caminhão trouxe para o estúdio um bloco gigante de granito. O escultor começou a trabalhá-lo, em cima de uma escada, a golpes de martelo e cinzel. As crianças observavam.

Então as crianças partiram, de férias, rumo às montanhas ou ao mar.

Quando regressaram, o escultor mostrou-lhes o cavalo terminado.

E uma das crianças, com os olhos muito abertos, perguntou:

– Mas... como você sabia que dentro daquela pedra havia um cavalo?

Notícias

Da Argentina.

Luís Sabini se salvou. Conseguiu sair do país. Tinha desaparecido no fim de 75 e no mês seguinte soubemos que tinha sido preso. De Haroldo Conti não há rastros. Foram buscar Juan Gelman em sua casa de Buenos Aires. Como não estava, levaram seus filhos. A filha apareceu uns dias depois. Do filho não se sabe nada. A polícia diz que não está com ele; os militares dizem a mesma coisa. Juan ia ser avô. A nora, grávida, também desapareceu. Cacho Paoletti, que nos mandava textos lá da Rioja, foi torturado e continua preso. Outros escritores que publicavam na revista: Paco Urondo, baleado, tempos atrás, em Mendoza; Antonio Di Benedetto, na cadeia; Rodolfo Walsh desapareceu. Na véspera de seu próprio sequestro, Rodolfo enviou uma carta denunciando que as Três A são as Três Armas, “a fonte do terror que perdeu o rumo e só pode balbuciar o discurso da morte”.

Sonhos

Você queria fogo e os fósforos não acendiam. Nenhum fósforo dava fogo. Todos os fósforos estavam decapitados ou molhados.

Calella de la Costa, junho de 1977:
Para inventar o mundo cada dia

Conversamos, comemos, fumamos, caminhamos, trabalhamos juntos, maneiras de fazer o amor sem entrar-se, e os corpos vão se chamando enquanto viaja o dia rumo à noite.

Escutamos a passagem do último trem. Badaladas no sino da igreja. É meia-noite.

Nosso trenzinho próprio desliza e voa, anda que te anda pelos ares e pelos mundos, e depois vem a manhã e o aroma anuncia o café saboroso, fumegante, recém-feito. De sua cara sai uma luz limpa e seu corpo cheira a molhadezas.

Começa o dia.

Contamos as horas que nos separam da noite que vem. Então, faremos o amor, o tristecídio.

***Entre todos, se escutamos direito,
formamos uma única melodia***

Atravessando o campo de juncos, chego à margem de um rio.

Esta é uma manhã de luz limpa. Corre uma brisa suave. Da chaminé da casa de pedra a fumaça se solta e ondula. Na água navegam os patos. Uma vela branca desliza entre as árvores.

Meu corpo tem, esta manhã, o mesmo ritmo que a brisa, a fumaça, os patos e a vela.

Guerra da rua, guerra da alma

Persigo a voz inimiga que me ditou a ordem de estar triste. Às vezes, acontece de eu sentir que a alegria é um delito de alta traição, e que sou culpado do privilégio de continuar vivo e livre.

Então me faz bem recordar o que disse o cacique Huillca, no Peru, falando ante as ruínas: “Aqui chegaram. Romperam até as pedras. Queriam fazer-nos desaparecer. Mas não conseguiram, porque estamos vivos e isso é o principal”. E penso que Huillca tinha razão. Estar vivos: uma pequena vitória. Estar vivos, ou seja: capazes da alegria, apesar dos adeuses e dos crimes, para que o desterro seja a testemunha de outro país possível.

A pátria, tarefa por fazer, não vamos levantá-la com ladrilhos de merda. Serviríamos para alguma coisa, na hora do regresso, se voltássemos quebrados?

Requer mais coragem a alegria que a pena. À pena, afinal de contas, estamos acostumados.

Calella de la Costa, julho de 1977:
A feira

A ameixa gorda, de puro caldo que te inunda de doçura, deve ser comida, como você me ensinou, com os olhos fechados. A ameixa vermelhona, de polpa apertada e vermelha, deve ser comida sendo olhada.

Você gosta de acariciar o pêssago e despi-lo a faca, e prefere que as maçãs venham opacas para que cada um possa fazê-las brilhar com as mãos.

O limão inspira a você respeito, e as laranjas, riso. Não há nada mais simpático que as montanhas de rabanete e nada mais ridículo que o abacaxi, com sua couraça de guerreiro medieval.

Os tomates e os pimentões parecem nascidos para se exibir de pança para o sol nas cestas, sensuais de brilhos e preguiças, mas na realidade os tomates começam a viver sua vida quando se misturam ao orégano, ao sal e ao azeite, e os pimentões não encontram seu destino até que o calor do forno os deixa em carne viva e nossas bocas os mordem com desejo.

As especiarias formam, na feira, um mundo à parte. São minúsculas e poderosas. Não há carne que não se excite e jorre caldos, carne de vaca ou de peixe, de porco ou de cordeiro, quando penetrada pelas especiarias. Nós temos sempre presentes que se não fosse pelos temperos não teríamos nascido na América, e nos teria faltado magia na mesa e nos sonhos. Ao fim e ao cabo, foram os temperos que empurraram Cristóvão Colombo e Simbad, o Marujo.

As folhinhas de louro têm uma linda maneira de se quebrarem em sua mão antes de cair suavemente sobre a carne assada ou os raviólis. Você gosta muito do romeiro e da verbena, da noz-moscada, da alfavaca e da canela, mas nunca saberá se é por causa dos aromas, dos sabores ou dos nomes. A salsinha, tempero dos pobres, leva uma vantagem sobre todos os outros: é o único que chega aos pratos verde e vivo e úmido de gotinhas frescas.

***Enquanto dura a cerimônia nós somos,
como ela, um pouquinho sagrados***

Abro a garrafa de vinho. Em Buenos Aires, a garrafa negra e barriguda do borgonha *San Felipe*. Aqui, o *Sangre de Toro*.

Sirvo o vinho e o deixamos repousar um pouco nos copos. O respiramos e celebramos sua cor, luminoso ao foguinho da vela.

As pernas se procuram e se enrolam por baixo da mesa.

Os copos se beijam. O vinho está contente com a nossa alegria. O bom vinho, que despreza o bêbado e se põe azedo em boca de quem não o merece.

Na caçarola pula o molho, com borbulhas de marmita, lentas marés de molho espesso, avermelhado, fumegante: comemos lentamente, saboreando, conversando sem pressa.

Comer sozinho é uma obrigação do corpo. Com você, uma missa.

Notícias

Do Uruguai.

Queimaram as coleções e os arquivos de *Marcha*.

Fechar o jornal parecia pouco.

Marcha tinha vivido trinta e cinco anos. Cada semana demonstrava, só com sua existência, que não se vender era possível.

Carlos Quijano, que foi seu diretor, está no México. Se salvou por um triz.

Marcha já não existia e Quijano insistia em ficar, como num velório.

Chegava à redação na hora de sempre e sentava na escrivaninha e lá permanecia até o anoitecer, fantasma fiel de um castelo vazio: abria as poucas cartas que ainda chegavam e atendia o telefone, que tocava por engano.

O Sistema

Plano de extermínio: arrasar a erva, arrancar pela raiz até a última plantinha ainda viva, regar a terra com sal. Depois, matar a memória da erva. Para colonizar as consciências, suprimi-las; para suprimi-las, esvaziá-las de passado. Aniquilar toda prova de que na comarca houve algo mais que silêncio, cadeias e tumbas.

Está proibido lembrar.

Formam-se quadrilhas de presos. Pelas noites, os obrigam a tapar com pintura branca as frases de protesto que em outros tempos cobriam os muros da cidade.

A chuva, de tanto golpear contra os muros, vai dissolvendo a pintura branca. E reaparecem, pouco a pouco, as palavras teimosas.

Notícias

Da Argentina.

Às cinco da tarde, purificação pelo fogo. No pátio do quartel do Regimento Catorze, em Córdoba, o comando do Terceiro Exército “procede a incinerar esta documentação perniciosa, em defesa de nosso mais tradicional acervo espiritual, sintetizado em Deus, Pátria e Lar”.

Jogam-se os livros nas fogueiras. De longe, se avistam as chamas altas.

Sobre o autor

EDUARDO GALEANO nasceu em Montevideu, em 1940. Desde 1973, viveu exilado na Argentina e na costa catalã, na Espanha. No início de 1985 voltou a Montevideu, onde atualmente vive, caminha e escreve. É autor de vários livros, traduzidos a muitas línguas. Neles comete, sem remorsos, a violação de fronteiras que separam os gêneros literários. Ao longo de uma obra na qual confluem narração e ensaio, poesia e crônica, seus livros recolhem as vozes da alma e da rua e oferecem uma síntese da realidade e sua memória.

Em duas ocasiões foi premiado pela Casa de las Américas de Cuba e pelo Ministério da Cultura do Uruguai. Recebeu o American Book Award, da Universidade de Washington, os prêmios italianos Mare Nostrum, Pellegrino Artusi e Grinzane Cavour, o prêmio Dagerman, da Suécia, e a medalha de ouro do Círculo de Bellas Artes de Madri. Foi eleito o primeiro Cidadão Ilustre dos países do Mercosul e também o primeiro escritor agraciado com o prêmio Aloa, dos editores dinamarqueses, com o Cultural Freedom Prize, outorgado pela Lannan Foundation, e com o Premio a la Comunicación Solidaria, da cidade espanhola de Córdoba.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título do original em espanhol: *Días y noches de amor y de guerra*

Capa: Marco Cena

Tradução: Eric Nepomuceno

Revisão: Delza Menin e Jó Saldanha

G151d

Galeano, Eduardo

Dias e noites de amor e de guerra / Eduardo Galeano; tradução de Eric Nepomuceno. -- Porto

Alegre: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET; v. 221)

ISBN: 978.85.254.2478-5

1.Ficção uruguaia-Contos. I.Título. II.Série.

CDD U863.1

CDU 860(895)-34

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329

© Eduardo Galeano, 1978

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**

Fale conosco: **info@lpm.com.br**

www.lpm.com.br